

A romantic couple is shown in a close embrace, about to kiss. The man is on the left, wearing a grey sweater, and the woman is on the right, wearing a grey sweater. They are both smiling and looking at each other. The background is dark with many out-of-focus lights in warm tones (yellow, orange, red) and some cooler tones (blue, green), creating a bokeh effect. The title 'Ainda penso em você' is overlaid on the image in a mix of gold and white fonts.

Ainda
penso em
você

mesma autora de Duplamente amor

MILA MAIA



Ainda
penso em
VOCÊ

mesma autora de Duplamente amor

MILA MAIA

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)
[Créditos](#)

Sinopse

Quando LÍlian foi a uma festa com as suas amigas, ela não imaginava que aquela única noite pudesse modificar tanto a sua vida.

Mas quando seus olhos encontraram os dele, alguma coisa mudou dentro dela. Eles conversaram, flertaram e amaram perdidamente um ao outro naquela noite.

Trocaram números, fizeram planos, mas eles nunca se realizaram...

Por um acaso do destino, LÍlian precisou ir morar com a tia em outro estado, sem poder se despedir de ninguém.

Anos depois, ela está trabalhando como garçonne em um restaurante quando reencontra a última pessoa que esperava encontrar depois de tanto tempo: O cara por quem ela se apaixonou tão instantaneamente, o pai do seu filho.

Havia muito a dizer, mas LÍlian não sabia se Rafael estava disposto a escutar.



Prólogo

LÍLIAN

— Mãe, hoje à noite a gente podia assistir uns filmes, né? — perguntei, enquanto ela comia um pedaço da sua torta.

Estávamos no Café e Restaurante Recanto do Sabor. Minha mãe sempre me trouxe aqui, desde que eu era criança. Simplesmente amo o cappuccino deles.

— Filha, hoje é sexta-feira, você não vai sair com a Denise? — ela perguntou, citando uma das minhas melhores amigas.

— Não tô no clima pra festas. Quero ficar lendo o meu livro ou assistindo filmes com você. — falei, pegando o livro que eu estava lendo.

— LÍlian, você tem dezessete anos! Ano que vem vai pra faculdade, vai estagiar, vai ficar muito ocupada. Quero que você se divirta!

— Eu posso me divertir outras noites, mãe.

— Vamos fazer assim: Hoje você sai com as suas amigas e amanhã nós faremos uma mega sessão de filmes água com açúcar no quintal. — ela sugeriu, sabendo exatamente como me convencer.

— Ah, tá bom. Tudo bem, me convenceu. — falei e ela riu. Eu adorava o som da sua risada.

Minha mãe era tudo na minha vida. Nunca conheci o meu pai e sempre fomos apenas nós duas.

Voltamos para casa e assim que eu peguei o meu celular, vi uma mensagem da Denise. Ela me chamou para ir à festa do Kai que aconteceria hoje à noite e que ela levaria a namorada, a Amanda.

Combinamos tudo direitinho e eu fui me arrumar.

Depois de finalizar a maquiagem, desci as escadas, encontrando minha mãe sentada no sofá, tomando café e assistindo a novela.

— Ah, como eu queria ficar aqui, juntinho de você. — falei, me sentando ao seu lado e abraçando-a.

— LÍlian, você não pode ficar sempre comigo, tem suas amigas, vá sair com elas um pouco.

— Tá bom, eu vou. Só não queria te deixar sozinha. Não tenho nem como te ligar. — falei e ela acariciou os meus cabelos.

— Eu não vou ficar sozinha, filha. Sua tia Raquel vem me fazer companhia. — ela disse e eu revirei os olhos.

— Por que não vem aqui a Maria Lúcia? Acho ela uma companhia bem melhor.

— LÍlian, Raquel é sua tia e minha irmã, sei que é geniosa...

— E egoísta! — completei.

— Mas é minha irmã!

— Eu sei, infelizmente não se escolhe os parentes. — falei e escutei o som da buzina. — As meninas chegaram — beijei suas bochechas — Prometo que não volto muito tarde.

— Certo, divirta-se! Só se vive uma vez! — ela disse, me abraçando e eu saí de casa.

Entrei no carro de Denise e nós seguimos para a casa do Kai.

Apesar da minha resistência em vir pra essa festa, até que ela tinha ficado boa.

Estava bebericando um drink de frutas quando eu o vi, mexendo no celular, ignorando todos à sua volta, parecendo não querer estar ali.

O encarei com mais atenção, tentando lembrar se eu o conhecia. Estava tão concentrada olhando pra ele, que levei um susto quando ele me encarou de volta e deu um sorrisinho.

Eu fiquei vermelha de vergonha, virei o rosto e encarei o balcão do bar. Mas não demorou muito para que ele aparecesse ao meu lado.

— Será que já nos conhecemos? — perguntou, tirando o cabelo do meu rosto. — Acho que não, eu nunca esqueceria um rostinho como o seu. Prazer, Rafael. — disse, me dando um sorriso encantador.

— LÍlian. — respondi, encarando-o novamente.

— É um prazer conhecê-la, acho que nunca mais vou reclamar com o Enrico por me trazer nessas festas. — falou.

— Eu também não queria vir, acho que temos isso em comum. — admiti e ele sorriu.

— Que tal a gente ir pra um lugar menos barulhento? — ele perguntou, segurando a minha mão e eu assenti, seguindo-o.

Andamos de mãos dadas entre os outros convidados, subimos as escadas e entramos em um dos quartos, que surpreendentemente estava vazio.

Estagnei na porta e ele me encarou.

— Calma, quero te levar pra varanda. Esse é o quarto do Kai, ele me mataria se eu fizesse algo aqui. — ele disse e nós continuamos andando.

Nos sentamos lado a lado na varanda, me encostei na parede, apreciando a vista que estava linda naquela noite.

— Você e o Kai são amigos há muito tempo? Acho estranho que a

gente nunca tenha se conhecido. — falei a ele.

— Ah, eu o conheço há pouco tempo. O Enrico que é amigo dele e hoje praticamente me arrastou pra cá, disse que estou trabalhando demais.

— É mesmo? E o que você faz da vida, Rafael?

— Sou fotógrafo e você, Lili? — ele perguntou, me chamando por um apelido e estranhamente eu gostei.

— Por enquanto só estudo e faço alguns trabalhos editando alguns vídeos, quero cursar cinema quando terminar o ensino médio. — falei e ele sorriu.

— Admiro esse seu planejamento e espero que dê tudo certo. — ele disse, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto.

Continuamos falando sobre aquilo de que gostávamos. Eu lhe falei sobre os meus filmes e séries preferidos e ele me contou sobre as coisas mais inusitadas que já aconteceram com ele durante os ensaios fotográficos.

Papo vai, papo vem, quando percebi já estávamos ali conversando, completamente envolvidos um no outro há horas.

— Já vai dar meia-noite. — falei, depois de olhar o horário no meu relógio.

— Verdade, nem percebi que já tinha se passado tanto tempo. Quando a companhia é boa a gente não percebe. — ele disse, sorrindo pra mim. — Você precisa ir embora?

— Na verdade, não. — respondi e ele se levantou.

— Então eu gostaria de te levar a um lugar. — ele disse e eu assenti, me levantando.

Rafael segurou a minha mão e nós passamos por entre as pessoas que ainda estavam na festa e paramos no estacionamento ao lado de uma moto.

Ele me entregou o capacete e eu o encarei.

— Precisa de ajuda com ele? — Rafael perguntou.

— Na verdade eu nunca andei de moto. — confessei.

Ele então colocou o capacete na minha cabeça e me ajudou a subir. Rafael me instruiu a segurar nele e eu o abracei, morrendo de medo de cair.

O caminho todo foi até tranquilo, ele não correu muito e logo chegamos ao seu estúdio.

O nome “Estúdio D” estava estampado na fachada de um pequeno espaço.

Ele me ajudou a tirar o capacete e de mãos dadas, entramos no estúdio.

— É pequeno e simples, mas sinto muito orgulho de tudo o que conquistei. — ele disse, olhando o lugar com brilho nos olhos.

— Rafa, esse lugar é maravilhoso e com certeza é só o começo. Você vai conquistar muito mais. — falei, olhando algumas fotos que ele havia tirado. O cara era realmente muito talentoso.

— Vou buscar alguma coisa pra gente comer e beber, fique à vontade. — ele disse, soltando a minha mão e indo até o que parecia ser uma cozinha.

Aproveitei para mandar uma mensagem para a Denise.

Avisei que eu já tinha saído da festa, que o meu celular estava descarregando, mas que elas não precisavam avisar a minha mãe porque estava tudo bem e eu não chegaria tarde.

Coloquei o celular na minha bolsinha e observei o estúdio incrível que o Rafael tinha.

O Rafael voltou com alguns biscoitinhos e uma garrafa de suco.

— Era só o que eu tinha aqui. Normalmente não deixo muita coisa. — ele disse, me levando até um canto acolchoado com algumas mantas.

— Isso está ótimo, Rafa! Eu estou realmente apaixonada por esse lugar. — falei, bebericando o suco.

— Levou bastante tempo para que eu conseguisse deixar do meu

jeito. Meu irmão me ajudou bastante com tudo.

— Isso é incrível, eu não tenho irmãos, somos só eu e minha mãe. — falei e ele segurou uma das minhas mãos.

— O que aconteceu com o seu pai?

— Não sei, eu não o conheci. Ele nos abandonou muito cedo.

— Ah, os meus pais estão me dando o gelo, eles não aceitaram muito bem o fato de eu ter abdicado da universidade pra seguir um sonho.

— Isso é uma pena, pois você é muito talentoso. — falei e ele sorriu mais uma vez.

Depois de comermos, o Rafael pegou a sua câmera para me mostrar algumas fotos, mas antes de fazer isso ele resolveu me fotografar.

— O que você está fazendo? Por que está tirando fotos minhas? — perguntei rindo, enquanto ouvia os cliques.

— Não podia deixar você ir sem congelar esse momento pra sempre. — ele disse, enquanto me levantava.

— E quem disse que irei agora? — perguntei, pegando a câmera da mão dele.

Nossos olhares se prenderam um no outro, ele sutilmente colocou a mão na minha cintura, colando nossos corpos. Ainda segurando a câmera, coloquei a mão no seu ombro, nos deixando ainda mais próximos.

Então, quando nossos lábios se encontraram, seu gosto se tornou meu novo sabor favorito. Foi como se o tempo congelasse e existisse apenas nós dois querendo que cada segundo durasse mais.

Não nos afastamos quando ele me deitou sobre as almofadas. Seus lábios foram até o meu pescoço e eu agarrei seus cabelos enquanto suas mãos passavam lentamente pelo meu corpo, me deixando arrepiada com sua carícia.

Pouco a pouco nossas roupas foram saindo e o nosso contato se

tornava mais íntimo. Estranhamente eu não estava assustada com a rapidez que as coisas estavam acontecendo, estar com o Rafael parecia certo de uma maneira que eu não conseguia explicar.

A cada toque, nos entregávamos mais um ao outro.

Naquele momento, eu era dele e ele era meu e nada mais importava. E quando ele começou a se mover lentamente dentro de mim, uma onda de prazer se instaurou no meu corpo e eu desejei que aquele momento não acabasse.

Me deitei sobre o seu peito completamente satisfeita enquanto seus dedos acariciavam meus cabelos e disse:

— Preciso te avisar que vai ter que me levar em um encontro antes que isso aconteça de novo. — falei e senti o seu peito vibrar com a risada que ele deu.

— É um bom plano — ele disse, entrelaçando seus dedos nos meus.
— O que acha de sairmos amanhã?

— Eu acho uma ótima ideia. — falei e ele beijou a minha testa.

Ficamos abraçados por um bom tempo até eu ver que já estava quase amanhecendo.

— Preciso ir embora. — falei, me levantando.

— Eu te levo. — ele disse, se levantando também.

Nos vestimos e eu lhe expliquei onde morava. Rafael me levou em sua moto, parando duas casas antes da minha.

— Até mais tarde, Lili. — ele disse, me beijando novamente.

— Até mais tarde, Rafa. — falei, beijando-o apaixonadamente.

Caminhei até a minha casa, acenando para ele, pensando estar vivendo um sonho. Mas quando eu abri a porta e entrei, percebi que na verdade era tudo um pesadelo.

Um pesadelo do qual eu não acordaria tão cedo.



LÍLIAN

Andei pelo corredor até a sala e encontrei a minha tia Raquel sentada no sofá. Ela olhou pra mim e eu pude perceber seus olhos inchados, ela parecia ter chorado.

Olhei ao redor, procurando a minha mãe e não a encontrei.

— LÍlian! Onde você estava? Eu liguei pra você tantas vezes que perdi a conta! ONDE VOCÊ ESTAVA? — ela gritou, vindo até mim, me sacudindo. Escutei o meu celular cair no chão, mas não me abaixei para pegá-lo.

— Eu estava em uma festa com as minhas amigas, minha mãe não te contou? — perguntei, um pouco assustada.

— Claro que ela contou, mas eu não pensei que fosse ser tão estúpida a ponto de desligar o celular.

— Eu não desliguei, ele deve ter descarregado. O que aconteceu? Cadê a minha mãe, tia Raquel? — questionei, preocupada.

— Foi por isso que eu te liguei tanto, LÍlian. A sua mãe sofreu um

mal súbito de madrugada, eu liguei para emergência, fomos ao hospital, mas já era tarde demais. — ela disse, sentando no braço do sofá sem me encarar.

Meu corpo começou a tremer instantaneamente e eu precisei me encostar em uma das paredes ou iria cair.

— O que você quer dizer com isso, tia Raquel? Como assim tarde demais? Cadê a minha mãe? — perguntei, desesperada.

— A sua mãe morreu, LÍlian. Ela não resistiu, eu sinto muito. — ela disse, tentando se aproximar de mim, mas eu me afastei.

— Não, isso não pode ser verdade, eu quero ver a minha mãe agora! — gritei.

— Eu posso te levar até o hospital, mas não há mais nada que possamos fazer. — ela falou tentando se aproximar de mim novamente.

— Eu vou tomar um banho e nós vamos. Isso não pode estar acontecendo. — falei desnorteada e minha tia assentiu.

Não sei como consegui subir as escadas, tomar um banho e me vestir. Coloquei uma calça jeans e um cardigan e minutos depois, eu estava em um carro com a minha tia a caminho da funerária.

A todo momento eu dizia a mim mesma que aquilo não podia estar acontecendo, mas quando eu entrei no lugar em que a minha mãe estava, eu percebi que tudo aquilo era real.

Minhas pernas falharam e eu caí antes mesmo de chegar até a maca. Minha tia me levantou e andou comigo até onde o corpo da minha mãe estava.

Eu segurei a mão dela, mas já estava tão fria e sem vida. Lágrimas escorriam do meu rosto e eu disse:

— Acorda mãe, por favor acorda! Você não pode me deixar assim! ACORDA! — mas nada aconteceu.

Sáímos daquele espaço tão frio e minha tia me colocou sentada em

uma cadeira e foi falar com alguém na recepção.

Eu não conseguia parar de chorar, já estava ficando difícil de respirar.

Quando minha tia voltou, fomos até o carro e ela disse:

— Quando chegarmos em casa quero que você arrume suas coisas, vamos para a minha casa, enterraremos sua mãe ao lado dos seus avós e você vai morar comigo.

Limpei meu rosto e falei:

— Eu tenho uma vida aqui, não terminei o ensino médio ainda, não posso me mudar.

— E eu não posso ficar aqui, LÍlian. Sou a única que pode ficar com você, Maria Lúcia está em outro país, por tanto sou responsável por você e você vai fazer o que eu estou falando. — ela disse em um tom firme e eu não repliquei.

Assim que entramos em casa eu procurei o meu celular e o encontrei exatamente onde ele tinha caído, com a tela toda quebrada. Pensei no meu notebook, mas ele estava com a Denise para ela configurar algumas coisas, não tínhamos telefone fixo e o celular da minha mãe estava na assistência técnica há algumas semanas.

Subi para o meu quarto com meu celular em mãos e tentei colocá-lo para carregar, mas não tive nenhuma resposta da tela.

Eu estava sem celular e sem poder contar pra ninguém que eu estava indo embora para uma cidade a muitos quilômetros dali.

Me deitei na cama, abraçando uma foto minha com a mamãe que estava na cabeceira da minha cama, voltei a chorar, chegando até a soluçar.

Fiquei alguns minutos assim até minha tia gritar para que eu arrumasse as minhas coisas ou não levaria nada.

Fui até o banheiro molhei o meu rosto e voltei para o meu quarto.

Peguei as duas malas em cima do guarda roupa e comecei a colocar

tudo o que eu podia dentro delas.

Obviamente não caberia tudo, então eu levaria o máximo que eu pudesse já que não sabia quando poderia voltar.

Depois de colocar roupas, sapatos e acessórios nas malas, desci para pegar duas caixas para os meus livros e DVDs.

Encontrei minha tia tomando uma xícara de chá na cozinha.

— Já arrumou tudo? — ela perguntou.

— Ainda não, faltam poucas coisas.

— Então adiante, daqui a pouco nós teremos que ir, quero fazer o enterro da sua mãe ainda hoje.

— Hoje? Não consegui avisar a ninguém, ela tinha amigas aqui.

— Não vou esperar, Lillian. As contas no hospital são absurdas, não há necessidade de manter sua mãe na funerária por mais tempo do que o necessário. — ela disse, irritada.

— Tudo bem, tia. Eu só gostaria que o meu celular não tivesse quebrado para que eu pudesse chamar outras pessoas para se despedirem.

— O que houve com o seu celular? — ela questionou.

— A tela quebrou na queda, não está funcionando mais.

— Ah, depois te arrumo outro. Adiante logo essa arrumação das suas coisas ou não vai levar nada. — ela disse e eu voltei para o meu quarto.

Apesar de ter colocado o máximo de coisas possíveis nas malas e nas caixas, ainda tinha sobrado muita coisa.

Minha tia disse que voltaríamos em breve para buscar, então eu apenas coloquei tudo o que restava em meu guarda-roupa.

Assim que me sentei no banco do carona no carro da minha tia, pensei no Rafael, na noite maravilhosa que eu havia tido com ele e o quanto ele ficaria decepcionado comigo por não aparecer para o nosso encontro. Mas eu

esperava me explicar em breve, assim que eu tivesse o meu celular novo.



Primeira mensagem não lida...

< Rafael > Oi, LÍlian. É o Rafael. Queria saber se está tudo certo para o nosso encontro mais tarde... Se estiver tudo ok, preciso saber se você tem alguma coisa contra comida mexicana. Me responde quando der, de preferência antes da gente sair. Te vejo logo!

--

LÍLIAN

Quando chegamos na casa da minha tia, ela me levou até um lugar que parecia ser um escritório. Tinha um sofá cama, uma escrivaninha e um armário pequeno. O lugar estava bem empoeirado e tinha apenas uma janela pequena que dava para os fundos da casa.

— Você pode ficar aqui, não tenho outro quarto disponível. Lá em cima fica o meu quarto e o meu ateliê, isso aqui vai ter que servir. — ela me disse.

— Tudo bem, eu me ajeito. — falei, entrando no lugar que agora seria

o meu quarto, percebendo o quanto era pequeno.

— Tome um banho e se vista. O velório da sua mãe será em duas horas, mas precisamos estar lá antes. — ela disse, saindo de perto de mim.

Eu me sentei na cama empoeirada e cobri o meu rosto com as minhas mãos, lágrimas escorreram entre os meus dedos novamente.

Tentei ligar o meu celular, mas não tive sucesso. Guardei ele novamente na minha bolsa e peguei o meu vestido preto na mala. Deixaria para arrumar o quarto depois.

Peguei tudo o que eu precisava e fui ao banheiro, quando já estava pronta, procurei a minha tia e a encontrei descendo as escadas.

Fomos até o cemitério e lá a minha ficha caiu por completo: Eu estava sozinha a partir de agora. O velório da minha mãe não foi do jeito que ela merecia, não tinha seus amigos ou vizinhos. A minha tia não tinha convidado ninguém.

Quando chegamos em casa, tudo o que eu queria era me deitar na minha cama, dormir e acordar daquele pesadelo, mas minha tia me chamou e disse:

— LÍlian, agora que você está morando comigo, preciso que você me ajude nas tarefas de casa. Não pense que vai ficar andando do mesmo jeito que andava na outra cidade, aqui não vai ter tanta liberdade. — eu assenti e ela continuou — Amanhã irei te matricular no colégio aqui perto, dependendo do turno que você vá estudar, quero que no turno oposto você cuide da casa. Eu trabalho no meu ateliê e recebo pessoas constantemente, por isso é bom que a casa esteja limpa e que tenha um refresco pronto para ser servido.

— Tudo bem. — falei, esperando que aquilo fosse o suficiente para que ela me deixasse ir para o meu quarto.

— Não quero que me desobedeça, você só ganhará, fazendo o que eu

mandar. Se eu não tivesse aceitado ficar com você, o conselho tutelar teria te mandado pra um abrigo e saiba que ele não é um paraíso para meninas como você. — ela disse.

— Eu sei. Obrigada, tia Raquel. Posso ir arrumar o meu quarto? Estou realmente cansada.

— Pode ir. Tem ingredientes pra você fazer um sanduíche, caso sinta fome. Eu também já vou me deitar. — ela disse e eu assenti, me afastando.

Tirei o vestido e tomei um banho rápido, apesar de saber que eu iria me sujar, precisava tirar aquela aura pesada do cemitério de mim.

Depois de vestir um short e uma blusa regata, procurei o pequeno rádio da minha mãe que eu tinha trazido em uma das caixas.

Liguei ele baixinho e fui procurar os materiais de limpeza nos armários. Quando os encontrei, comecei a limpar os móveis e lavei o chão, tentando não fazer muito barulho, não queria incomodar a tia Raquel, nós nunca tínhamos nos dado muito bem, mas ela tinha me acolhido e eu precisava ser grata.

Quando terminei, olhei para o relógio e percebi que naquele momento eu deveria estar pronta para sair em um encontro com o Rafael e os meus olhos se encheram de lágrimas.

Eu sequer sabia o sobrenome dele, não que isso ajudasse muita coisa.

Coloquei todas as caixas dentro do quarto, minhas malas dentro do armário, por sorte tinha trazido uma roupa de cama, então forrei o colchão velho e desconfortável com ela.

Fui até a cozinha, fiz um sanduíche e o comi, bebendo água. Lágrimas escorreram pelo meu rosto novamente e eu me perguntei quando pararia de chorar.



Segunda mensagem não lida...

< Rafael > Lili, estou aqui em frente à sua casa, já toquei a campainha algumas vezes, mas ninguém me respondeu. Está tudo apagado, você está em casa? Uma vizinha acabou de sair aqui e me disse que parece que vocês se mudaram, aconteceu alguma coisa? Ela não soube me explicar muito bem e você ainda não visualizou as minhas mensagens. Tentei ligar e nem chamou. Estou tentando não ficar preocupado, me liga assim que puder.

--

LÍLIAN

Quando acordei no dia seguinte as minhas costas doíam por causa do colchão. Depois de fazer a minha higiene matinal, fui até a cozinha e encontrei a minha tia sentada, lendo uma revista.

— Bom dia. — falei.

— Quase tarde, querida. — ela disse com sarcasmo. — Estava me perguntando que horas você iria acordar.

— Eu estava cansada. — falei, colocando café em uma xícara.

— Entendo, mas espero que procure acordar mais cedo nos próximos dias. Seria bom acordar e já ter o café pronto e um pão quentinho. — ela disse, folheando a revista.

— Vou colocar o relógio para despertar. — falei mexendo o café.

— Ótimo, já fui no colégio e consegui te matricular, você estudará pela manhã.

— Certo.

— Quando chegar, quero que prepare o almoço e depois ajeite a casa. No turno da tarde é quando normalmente recebo as minhas clientes.

— Tudo bem.

— Depois pode ir fazer as suas tarefas, mas quero que as termine a tempo de preparar o jantar.

— Certo, tia Raquel. — falei, cortando o meu pão.

Depois de tomar o café da manhã, minha tia me mostrou onde ficava todos os materiais de limpeza, depois me levou de carro até o colégio que ficava a três quadras de distância da casa dela, eu teria que andar até lá todos os dias.

Me mostrou onde ficava a padaria, o mercadinho e a igreja. Minha tia era uma católica fervorosa e disse que eu passaria a frequentar a igreja com ela.

Apesar de acreditar em Deus eu nunca tive uma religião e não pretendia passar a ter, mas não queria contrariar a minha tia, então não disse nada.

Quando voltamos pra casa eu pude observar um pouco a rua onde morávamos, tinha algumas casas, mas era bem silenciosa.

Como já estava quase na hora do almoço, minha tia pediu que eu preparasse algo para que ela visse o que eu sabia fazer.

Preparei um macarrão e fritei uns bifés, era algo simples, mas não tinha tempo para fazer nada elaborado.

Minha mãe gostava de cozinhar e eu tinha herdado isso dela. Passávamos horas na cozinha, criando receitas e memórias que ficariam pra sempre no meu coração.

Minha tia comeu toda a comida, mas não fez nenhum comentário, então presumi que estava bom. Depois do almoço, fui arrumar minhas roupas no armário.

Tirei todas elas de uma das malas e coloquei a outra atrás do sofá cama.

Estava separando algumas blusas quando minha tia entrou no quarto, ela ia falar comigo sobre alguma coisa, mas quando olhou as roupas que estavam em minhas mãos, ela disse, um pouco nervosa:

— Olhe o tipo de roupa que você tem, LÍlian? Isso não são roupas de uma menina direita!

— São as minhas roupas tia, são as únicas que eu tenho. — falei, tentando manter a calma.

— Se for por isso eu te arrumo outras. Sobrinha minha não vai sair na rua com esses pedaços de pano, eu tenho algumas roupas lá em cima, vou trazer pra você. — ela disse, saindo do quarto. Eu continuei colocando algumas peças no armário quando ela voltou com algumas camisas de manga comprida, saias longas e algumas calças.

As roupas não eram bonitas e provavelmente não ficariam bem no meu corpo, mas acho que era isso que minha tia queria.

— Essas sim são roupas de uma menina direita, LÍlian. Quero que as use quando for sair.

— Certo.

— No meio dessas camisas tem a sua farda do colégio. — ela disse e

eu assenti.

No dia seguinte eu acordei cedo, fiz o café, comprei o pão e me arrumei para ir para o colégio. Resolvi sair bem antes do horário para não me atrasar e assim que eu cheguei lá, o choque de realidade me atingiu mais uma vez.

Eu sempre estudei em colégios particulares e aquele era um colégio público. Muitas coisas eram diferentes.

As duas primeiras aulas foram péssimas, os alunos mal deixaram a professora dar aula. A terceira aula foi legal, o professor era bem dinâmico e atraía a atenção da turma com facilidade.

No intervalo, preferi ir para biblioteca e fiquei lendo até dar o horário das outras aulas.

Esbarraram em mim duas vezes antes de eu sair da escola e em uma delas eu quase caí.

Voltei pra casa com lágrimas nos olhos e odiando a vida um pouco mais.

Assim que cheguei em casa, escutei o barulho da máquina de costura da minha tia, então tomei um banho e fui fazer o almoço.

Quando terminamos de almoçar, fui arrumar a casa e quando estava limpando o jardim da frente, uma bola atingiu a minha cabeça.

— Ai! — falei no mesmo momento em que uma garota que parecia ter mais ou menos a minha idade correu em minha direção.

— Meu Deus, me desculpe! O meu irmão não tem muita coordenação motora. — ela disse, apontando para um menininho que estava no jardim da casa vizinha, em frente à casa da minha tia.

— Tudo bem, essas coisas acontecem, ele é só uma criancinha. — falei.

— Nunca te vi por aqui, mora com a Dona Raquel? — ela perguntou.

— Sim, me mudei tem poucos dias.

— Ah, sou a Betina, moro aqui em frente com a minha mãe e o meu irmão, o Leandro. — ela disse com um sorriso.

— Sou a LÍlian, sobrinha da Raquel.

— Ah, que bom te conhecer, LÍlian. Vai ser bom ter outra garota por aqui. Nessa rua são poucas crianças, por isso a minha mãe me obriga a brincar com o meu irmão. — ela explicou, revirando os olhos e antes que eu pudesse responder, a minha tia me gritou dentro de casa.

— Preciso ir. — falei.

— Beleza, a gente se fala depois. — ela disse, correndo de volta pra casa dela.

Entrei e minha tia me esperava na sala.

— Não quero você conversando com aquela garota. Ela não é boa companhia pra você, a mãe a deixa fazer o que quer e aquela casa é um antro de promiscuidade. Tenho pena apenas do menino que é uma criança e não entende o quanto aquele ambiente é ruim pra ele. — ela disse em um tom firme.

Eu pensei um pouco antes de responder. A Betina poderia se tornar uma amiga pra mim e isso era algo que eu realmente estava precisando.

Contrariar a minha tia agora só a deixaria irritada e isso não seria bom pra mim.

— Ela só veio falar comigo porque a bola caiu no quintal, mas não se preocupe, não vou mais falar com ela. — disse e essa resposta pareceu agradá-la.

Fui até o meu quarto e comecei a ler um dos livros que eu tinha pegado na biblioteca.

Quatro

quatro

Terceira mensagem não lida...

< Rafael > LÍlian, eu sei que já se passaram alguns dias e eu ainda não tenho notícias suas. Vou na casa onde você morava todos os dias ver se alguém tem alguma notícia sua, mas seus vizinhos não sabem de nada. É como se você tivesse sumido. Não sei mais se devo correr atrás de você. Foi só uma noite, mas significou demais para mim e agora eu não consigo mais te tirar da cabeça. Aparece, Lili. Nem que seja só para me dizer adeus.

--

LÍLIAN

Às vezes eu olho para o teto do meu novo quarto e me pergunto se eu mereço tudo isso que está acontecendo comigo. A cada dia me sinto mais vazia, é como se pouco a pouco minha energia estivesse sendo drenada.

Acho que se não fosse pela Betina eu não conseguiria suportar tudo isso. A cada dia a minha tia é mais abusiva, gritando palavras horríveis quando eu não faço as coisas exatamente como ela quer, tirando o pouco da

liberdade que eu tenho quando me atraso um pouco ao chegar do colégio ou quando eu vou comprar pão.

A tia Raquel sabia ser bem cruel quando queria, mas supostamente eu deveria ser grata a ela por me dar um teto e me dar comida, mas eu não era, preferia morar em qualquer outro lugar e não com a minha tia.

Depois que eu falei com a Betina pela primeira vez, nós nos encontramos outras vezes, pois ela estudava no mesmo colégio que eu, só que em turmas diferentes.

Era bom ter uma amiga novamente, eu tinha contado a ela que a minha tia não gostava dela e por isso ela não podia nem sonhar que estávamos conversando. A Betina aceitou bem isso, ela sabia que a tia Raquel tinha todo esse preconceito com a família dela pelo fato delas não irem à igreja.

Contei à Betina sobre como era a minha vida na minha antiga cidade e de como a minha vida tinha passado do sonho mais lindo para um terrível pesadelo, choramos juntas na parte externa do colégio.

— Você trouxe o seu celular com você, Lili? — ela perguntou no intervalo.

— Trouxe, mas a tela tá toda rachada, Tina.

— Tem como você trazer pra mim amanhã? Eu posso levar pra consertar. — ela perguntou.

— Não posso pedir que você faça isso, Tina. Essas coisas custam bastante dinheiro, não vou deixar que faça isso.

— Você é minha amiga, Lili. Sei que nos conhecemos faz pouco tempo e eu não estou fazendo isso por pena, eu quero te ajudar de verdade, me deixa ajudar! Eu conheço um cara que conserta celulares, ele não vai me cobrar caro e você pode me pagar depois. — ela falou.

— Tem certeza de que esse dinheiro não vai te fazer falta? Eu juro

que vou te pagar assim que der.

— Não vai fazer falta, é o dinheiro que o meu pai manda pra mim. Traga o celular amanhã que eu levo para o meu amigo.

— Tudo bem, eu não queria ter que fazer isso, mas já fazem alguns dias e a minha tia não me deu um celular novo e pelo jeito que ela está me tratando, acho que nunca vai me dar. — falei e ela me abraçou.

— Queria poder te levar pra morar lá em casa. — ela disse e meus olhos se encheram de lágrimas, desejando que aquilo fosse possível, mas eu ainda tinha dezessete anos e enquanto eu não atingisse a maioridade, minha tia era legalmente responsável por mim.

Assim que cheguei em casa, fui até o meu quarto procurar o celular, eu lembrava que o tinha colocado na escrivaninha, mas para minha surpresa ele não estava lá.

Revirei o quarto em busca desse celular. Joguei roupas pela cama, olhei nas minhas malas, bolsas, mas ele não estava em canto algum.

Quando eu estava olhando novamente nas gavetas da escrivaninha, minha tia apareceu na porta do quarto.

— Já passou da hora de você começar a fazer o almoço, LÍlian. Eu tenho uma cliente uma hora, será possível que não vou comer antes? — ela perguntou irritada.

— Eu deixei pré-pronto, só preciso esquentar. Estava procurando o meu celular, a senhora viu? Eu o deixei aqui em cima.

— Claro que eu vi, eu o peguei.

— Pegou? Por quê? — questionei, confusa.

— Você não queria o celular de volta, LÍlian? Eu o levei em um lugar para que consertem. — ela disse.

— Ah, sério, tia Raquel!? Isso é muito bom, obrigada! — falei, sentindo uma fagulha de esperança dentro do meu peito.

— Não precisa agradecer, eu disse que enquanto você fizer as coisas do meu jeito, eu poderei ser muito boa para você. Agora vá ajeitar o almoço, estou com fome. — ela disse, saindo da porta do meu quarto.

Eu fui até o banheiro, molhei o meu rosto e fui até a cozinha. Aquela atitude da tia Raquel era estranha, mas eu não iria reclamar. Em alguns dias eu estaria falando com o Rafael e com a Denise, talvez isso poderia preencher mais um pouco do vazio que se alastrava pelo meu peito.



LÍLIAN

Já tinham se passado alguns dias e nada do meu celular. Eu começava a pensar que a tia Raquel tinha mentido pra mim e que o meu celular não estava no conserto, afinal, não levaria semanas para trocar uma tela.

A Betina também desconfiava disso, mas não tinha nada que a gente pudesse fazer.

No domingo acordei cedo, pois iríamos para igreja e me senti mal assim que coloquei os pés para fora da cama. Uma onda de enjoo brotou no meu estômago e eu tive que correr para o banheiro

Vomitei tudo o que eu tinha comido na noite passada, mas o mal-estar não aliviou. Tomei banho e bebi apenas um copo de suco no café da manhã.

A minha tia não estranhou a minha falta de apetite e nós seguimos para igreja. Quando voltamos eu fiz o almoço e depois de almoçarmos, ela saiu para encontrar com algumas amigas e uns minutos depois eu estava na frente da casa da Betina.

— Que bom que você veio, amiga, eu já estava quase enlouquecendo

com o Leandro. — ela disse, jogando uma bolinha no irmão.

— Ele é tão bonzinho. Você que é impaciente, Tina. — falei enquanto ela me levava até a cozinha.

— Não sou, esse menino me tira do sério! Tô fazendo bolo de chocolate pra gente. Com cobertura! — ela disse e meus olhos brilharam.

— Ai, amiga você ouviu as minhas preces. Tô desejando um faz tempo, minha tia não deixa entrar quase nenhum doce naquela casa.

— Sua tia é uma chata. — ela disse, revirando os olhos.

— Nisso eu tenho que concordar. — falei, pegando alguns ingredientes para ajudá-la.

Uns minutos depois estávamos na sala, jogadas no sofá, comendo bolo de chocolate com muita cobertura e assistindo um filme infantil escolhido pelo Leandro.

Quando já estava anoitecendo, voltei pra casa da minha tia, me despedindo dos dois.

No dia seguinte, acordei me sentindo mal de novo e isso se repetiu por toda a semana.

Minha tia estava tão ocupada com uma encomenda que tinha recebido que nem percebeu o meu mal-estar.

Em um desses dias eu estava voltando pra casa com a Betina, quando eu senti uma tontura tão forte que eu precisei me segurar nela para não cair.

— Amiga, o que foi? — ela perguntou, preocupada.

— Fiquei tonta de repente.

— Vem, vamos nos sentar aqui. O que tá acontecendo, Lili? Você anda tão pálida ultimamente. — ela disse, me arrastando para um dos bancos que tinha na rua.

— Não sei, acho que estou gripada, algo assim. Estou me sentindo mal a semana toda. — falei a ela.

— Que susto! Achei que estivesse grávida.

— Não estou grávida, Tina! Vira essa boca pra lá, é só uma gripe.

— Graças a Deus por isso, porque minha mãe ficou assim quando estava grávida do Leandro.

— Eu não estou grávida, Betina! — falei encerrando a conversa.

Quando me senti melhor nós voltamos a caminhar pra casa. Assim que entrei, fui até a cozinha e bebi um copo de suco de laranja.

Fiz o almoço e comecei a limpar a casa. Quando terminei, comi um pouco, fui para o meu quarto e tentei fazer a tarefa, mas peguei no sono e acabei dormindo durante toda a tarde.

Meu sono só foi aumentando no decorrer dos dias. No sábado a minha tia me pediu pra ir ao mercado comprar algumas coisas e eu fui.

Quando cheguei lá, encontrei a Betina.

— Oi, amiga! — ela disse, me abraçando.

— Oi, Tina! Cadê o Leandro?

— Em casa com a minha mãe. Vim comprar absorventes, minha cólica tá me matando. — ela disse, pagando o que tinha comprado, me deu um beijo no rosto e saiu — Preciso ir, minha mãe vai trabalhar. Até depois.

Assim que a Betina saiu, eu lembrei que não tinha menstruado desde então, vários alarmes começaram a tocar na minha cabeça e eu nem sei como consegui comprar tudo e voltar pra casa.

Coloquei tudo sobre a mesa e fui para o meu quarto, ignorando os olhares da minha tia.

Andei de um lado pro outro no meu quarto, completamente preocupada.

Eu não podia estar grávida, não podia.

Tinha que ser um engano, eu não podia estar grávida agora.

Não agora.

Minha tia me mataria.

Minhas mãos começaram a tremer e eu tentei me acalmar. Mais tarde, naquele mesmo dia, eu esperei a minha tia dormir e fui até a casa da Betina, pulei a janela da sala – já que era muito arriscado simplesmente abrir a porta – e abri o portão, tentando fazer o mínimo de barulho.

Bati na porta e ela abriu, vestindo um pijama.

— Lili? Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou preocupada, segurando os meus braços.

— Acho que você estava certa, acho que estou grávida. — falei e ela arregalou os olhos e me puxou pra dentro, me levando até o seu quarto.

— Ai, meus deuses! Espera aqui, minha mãe sempre tem testes de gravidez no armário dela, descobrir que não está grávida é algo que a deixa tranquila. — ela disse, saindo do quarto.

Esperei ela voltar, torcendo os dedos da minha mão tentando conter o meu nervosismo.

— Aqui, vai no banheiro e faz o teste. — ela disse, me entregando um teste de gravidez.

Fui ao banheiro e fiz o teste com as mãos tremendo, mas não demorou muito para que eu visse o resultado.

Eu estava mesmo grávida.

Grávida de alguém que talvez eu jamais veria.

Saí do banheiro e a Betina me olhou com expectativa.

— E então? Qual foi o resultado?

— Estou grávida, Tina. Estou mesmo grávida. — falei, começando a chorar — Minha tia vai me matar, tem noção disso?

— Pra ela fazer qualquer coisa, ela vai ter que passar por mim! — ela

me abraçou — Vai dar tudo certo, nós estamos juntas nessa e se você quiser ter esse bebê, então você vai ter.

E com todo aquele apoio, eu desabei nos braços da minha amiga, pensando em como eu esconderia isso da minha tia.

— Eu preciso voltar pra casa. — falei, limpando as lágrimas do meu rosto.

— Antes você precisa se acalmar, não vou deixar que saia assim. Você quer ter esse bebê, Lili? — ela perguntou, me olhando com expectativa.

E depois de pensar por alguns segundos, eu respondi:

— Eu quero. —minhas mãos tocaram sutilmente o meu ventre. Eu queria.

— Então precisamos ir a um médico, ver de quanto tempo você está, os remédios que precisa tomar e todos os cuidados que você vai precisar ter de agora em diante.

— Eu não tenho dinheiro, Tina. Não tenho nada e não posso falar com a minha tia sobre isso.

— Você tem a mim, tá bem? E estamos juntas nessa! Eu vou te ajudar.

— Não posso pedir que me ajude.

— Você não está pedindo, eu vou ajudar porque eu quero. Se você deixar, eu conto à minha mãe sobre isso, ela trabalha em um postinho. Posso te levar lá, você não precisaria pagar pela consulta ou pelos exames, só teríamos que arcar com os remédios.

— Tudo bem, pode falar com ela.

— Ótimo! Eu vou ver com ela um dia e a gente vê como vai fazer pra ir.

— Certo, muito obrigada, amiga. Não sei o que faria sem você. — falei, segurando as mãos dela.

— Amiga é pra essas coisas. — ela disse, me abraçando.

Me despedi dela e voltei sorrateiramente para casa. Minha tia não percebeu que eu tinha saído e naquela noite, depois que adormeci, sonhei com o Rafael.

Seis



Quarta mensagem não lida...

< Rafael > Não sei por que continuo mandando mensagens, mas acho que isso me ajuda de algum modo. Encontrei a Denise hoje e ela também não sabe onde você está. A única coisa que ela sabia era que sua mãe havia tido um mal súbito e falecido. Eu sinto muito por isso e não consigo imaginar o quanto você está sofrendo. Queria estar com você e te ajudar a passar por isso. Preciso de um sinal apenas pra saber que você está bem. Aparece, Lili.

--

LÍLIAN

Algumas semanas depois...

— Ainda bem que não vamos precisar faltar aula, fiquei com medo de fazermos isso e a diretora contar à minha tia.

— Eu pensei nisso também, graças aos deuses pela loja de tecidos na cidade vizinha. — Betina disse, enquanto entrávamos no ônibus.

Estávamos indo ao posto de saúde em que a mãe dela trabalhava. A

dona Carla tinha se compadecido da minha história e estava me ajudando muito desde então.

— Quero te pedir uma coisa. — falei, logo depois de nos sentarmos.

— O quê?

— Quero que você venda umas coisas pra mim. Você conhece bastante gente e tem um celular.

— O que você quer que eu venda, Lílían?

— Algumas roupas, joias e livros.

— Tudo bem, mas por que vender tudo isso agora?

— Eu não sei por quanto tempo vou conseguir esconder a gravidez da tia Raquel e tenho certeza de que quando ela descobrir, não vai me ajudar com nada e eu quero dar o melhor que eu puder a esse bebezinho.

— Isso é verdade, separa as coisas que eu vou dar um jeito de vender tudinho.

— Obrigada. — falei, apertando a mão dela.

Quando chegamos no posto, eu preenchi uma ficha e a mãe da Betina ficou como minha responsável.

Quando eu fui chamada, a Tina entrou comigo na sala da doutora depois dos protestos da mãe para que me deixasse entrar sozinha.

A doutora Susan era muito simpática, ela me fez muitas perguntas e eu respondi todas com sinceridade.

Depois de alguns exames de rotina, ela me encaminhou até outra sala para um ultrassom.

Era apenas um grãozinho, mas eu amava tanto.

Eu estava apenas com dez semanas de gravidez, então ainda não seria possível escutar seu coraçãozinho, mas só de saber que ele estava ali, já enchia meu coração de amor.

A doutora me passou alguns remédios e vitaminas que eu precisaria tomar e pediu para que eu voltasse em um mês.

Eu e a Betina nos despedimos dela e depois de agradecer novamente a mãe dela nós voltamos pra casa.

Coloquei em uma das malas tudo o que daria pra Betina vender e a entreguei antes de irmos para o colégio.

No decorrer das semanas a Tina foi vendendo tudo e eu guardei todo o dinheiro em um lugar seguro no meu quarto. Não queria que a tia Raquel encontrasse e me enchesse de perguntas.

Hoje eu teria uma nova consulta e precisaria faltar aula pra isso, mas saber como o meu bebê estava era mais importante.

Meu corpo estava mudando a cada dia e até a tia Raquel tinha percebido isso, eu via os olhares avaliativos dela toda vez que eu aparecia com uma roupa que mostrasse um pouco mais o meu corpo.

— Está engordando, LÍlian. — ela disse enquanto tomávamos café — Não devia comer tanto, vai acabar como a sua mãe.

— Isso não seria ruim pra mim.

— Mas não é saudável e tudo o que eu não preciso é que você tenha problemas de saúde, por isso cuide melhor da sua alimentação ou eu vou cuidar. — ela disse e eu bebi o meu suco para não discutir com ela. Já estava atrasada.

— Preciso ir. — falei, me levantando.

— Chegue no horário hoje, vou receber uma cliente e preciso almoçar cedo. — ela disse e eu assenti, saindo daquela casa.

Como a Betina não pôde ir comigo, eu peguei o ônibus sozinha e fui até o postinho.

A dona Carla mais uma vez se passou por minha responsável e sentou comigo enquanto eu aguardava o atendimento.

— Como estão as coisas em casa, LÍlian? — ela perguntou.

— Estão do mesmo jeito, infelizmente. Acho que minha tia resolveu ficar comigo pra ter uma empregada em casa.

— Oh, querida. Queria poder fazer algo mais por você. — ela disse, acariciando os meus cabelos.

— A senhora já está fazendo muito, toda sua família está, nem sei como vou poder agradecer a vocês por tudo isso.

— Ficarei grata se você for feliz com esse bebezinho no seu ventre. Sei que as coisas estão difíceis agora, LÍlian, mas tenha fé de que vão melhorar. — ela disse e eu assenti, no mesmo momento chamaram o meu nome.

Entrei no consultório da doutora Susan e ela me cumprimentou com um sorriso.

— Olá, LÍlian, como você está? Os enjoos diminuíram? Você está tomando os remédios direitinho? — ela perguntou.

— Olá, doutora. Diminuíram sim e eu estou tomando os remédios corretamente.

— Isso é muito bom, não sei se você sabe, mas os três primeiros meses são muito importantes. Os riscos de um aborto espontâneo são ainda maiores nesses primeiros meses.

— Eu andei lendo sobre isso, foi por isso que optei por faltar à aula pra estar aqui hoje.

— Oh, LÍlian. Por que não marcou no horário oposto? Não quero que se prejudique no colégio.

— Infelizmente pela tarde seria impossível pra mim, mas não se preocupe doutora, é só por hoje. — falei e ela assentiu, iniciando os exames.

Quando ela terminou, fez a ultrassonografia e assim que escutei as batidas do coração do meu bebê eu desabei em lágrimas.

Graças a Deus estava tudo bem com ele.

Meu grãozinho estava crescendo saudável.

Voltei pra casa no mesmo horário que costumava voltar do colégio e pra minha surpresa, minha tia estava me esperando na sala.

Ela andou até mim e pela sua postura eu conseguia ver claramente que ela estava furiosa.

— Sua vagabunda!!! — ela gritou um pouco antes de dar um tapa no meu rosto — Eu já sei de toda a verdade.

Coloquei a mão sobre o meu rosto e perguntei:

— Do que a senhora está falando?

— Não se faça de sonsa, uma amiga minha da igreja te viu no postinho hoje. Ela te reconheceu e esperou pra ver o que você ia fazer, imagina a minha surpresa quando ela me contou que você estava se consultando com a obstetra do posto? Eu percebi que você tinha engordado, mas achei que fosse a genética ruim dos seus pais, mas não, você está grávida! — ela andou pela sala ainda muito irritada, pegou alguma coisa na bolsa dela e me mostrou o meu celular — E pensar que eu iria te devolver o seu celular, mas agora — ela o jogou no chão e pisou em cima dele repetidas vezes, antes que eu pudesse fazer algo — Você vai continuar sem celular, não tem permissão de sair de casa. Eu vou te acompanhar até o colégio e estarei lá pra te buscar. E acho bom você não contrariar as minhas ordens ou eu tiro esse bebê de você assim que ele nascer. — ela gritou, subindo as escadas.

Meu corpo todo tremia e as lágrimas corriam como cachoeira pelo meu rosto.

Respirei fundo e tentei me acalmar porque todo aquele nervosismo não faria bem ao meu bebê.

Peguei o que restou do meu celular no chão e fui até o meu quarto, caminhando lentamente já que mal conseguia me manter em pé. Pensei em

tomar um banho, mas minhas pernas tremiam tanto que eu preferi me deitar.

Coloquei as mãos sobre a minha barriga e pedi a Deus para proteger o meu filho.

--

Eu não consegui contar a Tina o que tinha acontecido. A tia Raquel não me deixava sair de casa e nem permitia que eu ficasse na janela.

Me obrigou a ficar com ela no ateliê enquanto estivesse trabalhando, porque não queria que eu saísse.

Eu já estava me sentindo sufocada.

Na segunda, acordei cedo e felizmente não estava enjoada. Fiz o café e cortei alguns pães, estava comendo quando minha tia desceu, arrumada.

Não falei nada e ela também não. Terminei de comer rapidamente e me levantei, indo até o meu quarto.

Escovei os dentes, arrumei o meu cabelo, peguei a minha mochila e me preparei pra sair.

— Espere, eu vou com você até o colégio. Achou mesmo que eu a deixaria ir sozinha? — ela disse e eu respirei fundo e revirei os olhos.

Minha tia destrancou a porta e nós fomos andando até o colégio. Ela cumprimentou algumas pessoas no caminho, mas eu me mantive de cabeça baixa.

Assim que paramos em frente à entrada do colégio, ela disse:

— Estarei te esperando aqui, nem pense em ir sozinha. Perdeu esse direito quando engravidou de qualquer um.

Entrei no colégio e estava indo até a minha sala, de cabeça baixa, quando alguém me segurou.

Era a Betina.

— Amiga do céu, fiquei louca tentando falar com você o fim de

semana todo! Aconteceu alguma coisa com o bebê? A última notícia que eu soube sua foi que tinha ido no posto. — ela perguntou, desesperada.

— Oi, amiga. Não foi nada com o bebê. Ele está bem, graças a Deus, mas a minha tia descobriu tudo e ela me proibiu de sair de casa. Passei o fim de semana todo com os olhos dela sobre mim, estou proibida de sair de casa sozinha, ela me trouxe hoje e vai vim me buscar. — falei, entrando com ela no banheiro feminino.

— Ah, que bruxa! O que vamos fazer agora? Você não pode viver em cárcere privado, Lili! Isso é desumano.

— Eu não posso fazer nada, Tina. A minha tia é responsável por mim e se eu fizer alguma coisa ela vai tirar o meu bebê de mim, e isso sim me mataria. Esse fim de semana me fez pensar, me fez pensar muito. Não sei se vou aguentar, amiga.

— Você vai aguentar sim, você é forte e tem a mim, mesmo que seja só aqui no colégio. Você precisa ser forte, precisa aguentar essa bruxa até o seu aniversário, são só mais alguns meses, Lili. — ela me abraçou, passando pra mim toda a força que eu precisava.

Sete



LÍLIAN

Alguns meses depois...

Eu não achei que era possível ficar mais infeliz do que eu já estava, mas a minha tia me mostrava que pra ela nada era impossível, principalmente quando seu objetivo era tirar toda a minha vontade de viver.

Agora que as aulas tinham terminado, eu mal saía de casa.

A última vez que eu tinha saído foi para uma consulta. Apesar de tudo, tia Raquel ainda me levava no posto uma vez por mês, mas não por se preocupar com o meu bebê e sim porque a amiga dela que tinha me visto sempre perguntava sobre como eu estava.

Escutar o coração do meu filho era a única coisa que me deixava feliz.

Meu pequeno Théo.

Quando eu descobri que era um menino eu pensei no Rafael, pensei em como ele estaria depois de tanto tempo e se ainda pensava em mim de vez em quando.

Dispersei os meus pensamentos quando a porta da frente foi fechada, minha tia tinha saído.

Esperei alguns minutos e logo depois a Betina entrou pela janela do meu quarto. Ela vinha fazendo bastante isso ultimamente, a cada oportunidade que tinha e isso era o que alimentava a minha esperança de dias melhores.

Ela me abraçou e disse:

— Tudo certo pra amanhã!!

— Ainda não acho uma boa ideia você ir comigo.

— Até parece que eu vou deixar você ir sozinha. Estamos juntas nessa, Lili. — ela disse, acariciando a minha barriga que já estava bem grandinha. — E além do mais, não é como se eu estivesse abandonando a minha família. Meu pai mora na cidade para onde vamos e vai ser ótimo vê-lo com mais frequência. Eu passei pra faculdade de lá, então não faria sentido continuar aqui.

— Sua mãe vai me odiar. — falei, sentando-me na cama.

— Não vai não. Eu conversei com ela e ela entendeu. Eu não vou partir pra sempre, Lili. Combinei com a minha mãe de vir pra cá pelo menos um fim de semana por mês. Então fica tranquila, eu já até imprimi as nossas passagens. O ônibus sai às oito, tem certeza de que vai conseguir sair, Lili? — ela perguntou, se sentando ao meu lado.

— Sim, minha tia tem uma reunião na igreja amanhã à noite.

— Mas é uma bruxa mesmo, vai te deixar sozinha no dia do seu aniversário.

— Sabe que não ligo pra isso, a única coisa que posso comemorar esse ano é a minha liberdade.

— Vou fazer um bolo pra você, a gente vai comer ele no ônibus. — ela falou me abraçando e eu ri.

— Não faz ele muito doce, o Théo não gosta.

— Pode deixar, meu afilhadinho! — ela disse à minha barriga.

A Betina não ficou por muito tempo, percebi que a minha tia tinha chegado porque ouvi os passos dela pela casa.

Terminei de arrumar a minha mala e guardei todo o dinheiro que eu tinha na minha bolsa.

Pela primeira vez em anos eu não estava ansiosa pelo meu aniversário por causa da festa que a minha mãe sempre fazia e sim porque eu voltaria a ser livre.

Quando acordei na manhã seguinte, fiz o café da manhã como eu normalmente fazia.

Estava terminando de comer quando a tia Raquel apareceu.

— Hoje à noite tenho uma reunião na igreja, te falei há alguns dias. Devo chegar tarde. — ela disse.

— Tudo bem, não preciso fazer o jantar? — perguntei.

— Faça apenas pra você. — ela disse e eu assenti.

Esperei ela terminar e quando se levantou, ela disse:

— A propósito, feliz aniversário.

— Obrigada. — falei.

Fiquei o dia todo ansiosa, meu bebê sentiu isso e ficou bem agitado. Acabei roendo todas as minhas unhas de tanto nervosismo.

Mas quando minha tia saiu naquela noite, eu respirei aliviada.

Sentei-me na minha cama e esperei a Betina bater na minha janela, a gente tinha combinado desse jeito.

Quando apareceu, ela disse:

— Minha mãe já tá esperando a gente.

— Sua mãe? É ela quem vai levar a gente até a rodoviária?

— Sim, eu ia pedir pro meu tio, mas ele tá ocupado essa noite. Vem logo que a gente precisa chegar antes do horário do nosso ônibus. — ela falou, pegando a minha mala pela janela.

Betina me ajudou a pular e nós corremos até o carro da Dona Carla.

Já estávamos no meio do caminho quando ela perguntou:

— Você deixou algum tipo de recado pra sua tia? Sabe, pra ela não chamar a polícia.

— Deixei um bilhete na cozinha.

— É melhor assim, menos problemas pra vocês. A Betina já contou a você onde vocês irão ficar? — dona Carla perguntou.

— Ela ainda está fazendo suspense, não me contou não. — respondi, olhando pra ela que estava no banco de trás com as nossas malas.

— A gente vai ficar na pensão da minha tia Jana, ela é bem de boa e eu já conversei com ela e com o meu pai também. — ela respondeu.

— A Janaína é bem tranquila mesmo, vocês vão ficar seguras com ela, já o seu pai, tenta por juízo na cabeça dele pra ver se ele se cuida direitinho. — a mãe da Betina disse, pouco antes de estacionar na rodoviária.

Alguns dias atrás a Tina tinha me contado que seu pai estava fazendo um tratamento e que ela queria estar com ele pra ajudá-lo com isso. Apesar de não admitir, eu sei que essa era uma das razões mais fortes pra Betina estar indo comigo.

Me despedi da Carla com um abraço apertado e a agradei por tudo o que ela tinha feito por mim, Betina ficou um bom tempo nos braços da mãe.

Nos afastamos da Dona Carla com lágrimas nos olhos e fomos para fila de embarque do nosso ônibus. A Tina estava inquieta ao meu lado, animada pelo meu aniversário, já eu não parava de olhar ao redor, preocupada, caso minha tia aparecesse.

Meu coração só se aquietou quando nós entramos no ônibus e ele deu

partida. Toda a tensão evaporou do meu corpo.

Minha amiga mexeu na mochila dela e pegou dois cupcakes.

— Feliz aniversário, amiga. — ela me abraçou de lado e nós brindamos com os nossos cupcakes.

— À nossa vida nova. — falei a ela, desejando que as coisas fossem melhores a partir de agora.

--

Última mensagem não lida...

<Rafael> Aqui estou eu novamente, pensando em você. Sei que faz tempo, mas parece que não me canso de mandar mensagens que nunca serão respondidas. Eu meio que perdi as esperanças depois de tanto tempo, mas quando a Denise me lembrou que hoje era o seu aniversário, eu resolvi conversar com você de novo. Espero que esteja bem e que esse dia seja maravilhoso para você porque pelo pouco que te conheci, vi que era especial e pessoas especiais merecem tudo de bom que o mundo pode dar. Nos últimos meses eu fui pensando cada vez menos em você, acho que porque conheci alguém que me faz bem e me deixa feliz. Não quero magoá-la por isso essas são as últimas mensagens que te escrevo. Espero que esteja feliz onde quer que esteja e que o universo algum dia me diga por que você sumiu tão repentinamente. Adeus, Lili.

Oito



LÍLIAN

Três anos depois...

Acordei com os resmungos do Théo ao meu lado, ele estava coçando os olhinhos quando me sentei na cama. Olhei as horas e vi que já eram quase oito horas, tínhamos dormido por um bom tempo. Mas também depois de um dia tão divertido na praia, só poderíamos estar cansados mesmo.

Apesar da Betina ter insistido pra eu sair com ela hoje à noite, eu preferi ficar com o meu filho e descansar um pouco mais depois de ter trabalhado a semana toda.

— Oi, meu amor. — falei, beijando o rostinho dele.

— *Oi, mamãe. Tô tum fomi.* — ele disse e eu o carreguei.

— Eu também estou, filhote. Vamos descer e ver o que a vovó Jana fez para o jantar. — falei, andando para fora do nosso quarto.

Desci as escadas e fui até a cozinha. A pensão onde morávamos era muito aconchegante, tinha percebido isso desde o dia em que cheguei aqui. E

a Jana nos tratava como filhas, por isso desde que o Théo aprendeu a falar eu o ensinei a chamá-la de vovó.

Como eu nunca tinha conhecido o meu pai, eu não sabia o que era ter uma família como tantas outras, mas eu tive a minha mãe por muitos anos e por isso eu fazia tudo pelo Théo.

Eu queria ser uma mãe pra ele igual a minha mãe foi pra mim.

Já fazia anos que eu não escutava nada da minha tia Raquel. Segundo a mãe da Betina, ela disse para algumas pessoas que eu tinha fugido com o pai do meu filho.

O que não era verdade, já que eu nem sabia onde ele estava, mas eu não guardava rancor dela, decidi apagar aquela parte da minha vida pra poder ser feliz.

Às vezes eu pensava no Rafael, pensava se ele ainda estava fotografando por aí ou se tinha seguido por outro caminho.

O Théo ainda não tinha me perguntado nada sobre o pai, mas eu sabia que esse momento logo chegaria, mesmo eu não estando pronta pra isso.

Encontrei a Janaína sentada em uma das mesas, olhando uns documentos.

— Vovó! — Théo gritou assim que a viu.

— Oi, meu neto mais lindo. Acordou agora? — ela perguntou e ele assentiu, indo até ela que o colocou no colo. — Deixei o jantar na geladeira.

— Obrigada, Jana. Vou esquentar agora para comermos. — falei indo até a geladeira, tirei a vasilha, colocando a comida num prato.

Liguei o micro-ondas e me sentei ao lado deles.

— Então, tá tudo bem? Que documentos são esses? — perguntei.

— São alguns débitos do banco, eles estão me ligando cobrando algo que eu já paguei. Preciso ir lá amanhã, mas não posso sair da pensão. — ela disse enquanto o Théo mexia em seus cabelos.

— Eu posso ir pra você.

— LÍlian, não quero que falte o trabalho.

— Eu não vou precisar faltar, vou no horário de almoço. Normalmente eu fico lendo, então posso ir lá resolver isso pra você. A agência daqui nem fica tão cheia.

— Tá bom então, vou separar tudo e te entrego amanhã. — ela disse, beijando a bochecha do meu filho — Obrigada, querida.

Depois de pegar o jantar, me despedi da Jana e subi para o meu quarto com o Théo.

Me sentei com ele em frente a cama e liguei a televisão, estava passando um desenho, então deixei naquele canal mesmo.

Comi e alimentei o meu filho, quando terminamos, ajudei-o a escovar os seus dentinhos e desci com ele no meu colo até a cozinha para lavar o prato que eu tinha sujado.

Subi para o meu quarto e deixei o Théo assistindo desenho em cima da cama, enquanto brincava com o seu carrinho.

Arrumei sua mochila para a creche amanhã e separei a minha roupa para o trabalho.

Eu trabalhava na cafeteria de uma livraria no centro, a Betina tinha feito faculdade de Gestão Comercial e agora trabalhava em uma grande empresa.

Me deitei ao lado do meu pequeno e ele olhou pra mim, segurando o meu rosto e disse:

— *Tinhamu, mamãe.*

— Eu também te amo, filhote. Mais que tudo nessa vida. — falei puxando-o para o meu colo, enchendo-o de beijos.

Nove



LÍLIAN

Na manhã seguinte eu acordei no horário que sempre acordava em dias de semana: Às cinco e meia da manhã.

Tomei banho, me arrumei e quando estava terminando de me maquiar a Jana bateu na minha porta, ela fazia isso toda manhã.

— Bom dia, minha querida. — ela disse, me dando uma bandeja com o meu café da manhã e o mingau do Théo.

— Bom dia, Jana. A Tina já acordou? — perguntei.

— Nem sei, minha querida. Ela chegou bem tarde ontem, mas se não acordou eu a acordo, não se preocupe.

— Obrigada. — falei, abraçando-a.

Tomei o meu café da manhã rapidamente e quando terminei, fui acordar o meu pequeno.

E essa era a parte mais difícil da minha manhã, o Théo não gostava de acordar cedo, por isso depois de um tempo eu simplesmente desisti de acordá-lo.

Coloquei-o no meu colo, lhe dei o mingau. Quando ele tomou tudinho, ainda adormecido, troquei sua fralda e roupa.

Peguei a mochilinha dele, a minha bolsa e o carreguei no colo. Passei pela recepção e a Janaína acenou pra mim, se despedindo.

A Betina não estava lá e eu não poderia esperá-la.

A creche ficava bem perto da pensão e era de uma amiga da Janaína, então eu confiava bastante. Depois de colocá-lo em um dos berços, beijei sua testa e caminhei mais duas quadras até o meu trabalho.

A livraria tinha um ambiente extremamente acolhedor para aqueles que gostavam de ler e eu adorava ficar rodeada de livros o dia inteiro. O meu chefe também era gente boa e eu ganhava o suficiente para dar o melhor ao meu filho e isso era o suficiente pra mim.

Assim que cheguei no trabalho, a Tina me ligou. Eu atendi enquanto limpava as prateleiras.

— Bom dia!!! — falei, animada apenas para irritá-la.

— Bom dia, sua vaca! Por que você deixou a minha tia me acordar? Ela não foi nem um pouco gentil.

— Ninguém mandou beber demais e chegar quando já estava amanhecendo.

— Não é minha culpa se a festa estava muito boa, mas eu preciso me proibir de ir a qualquer lugar domingo à noite porque no dia seguinte, eu venho trabalhar só pela graça dos deuses. Será que a minha tia vai descobrir que eu sem querer vomitei no canteiro de flores dela?

— Você o quê? — perguntei rindo — Ela com certeza vai. Se prepara pra levar uns tapas e beliscões.

— Vou voltar mais tarde pra casa hoje então. Tô destruída aqui.

— Ninguém mandou não descansar depois de voltar de viagem. Falando nisso como está a sua mãe e o seu irmão?

— Me arrependo amargamente de ter sido convencida pelos meus colegas de trabalho, mas a minha mãe está bem, conheceu um cara e eu o conheci esse fim de semana.

— Hum, e o que você achou dele?

— Parece ser gente boa, mandei o Leandro ficar de olho! Falando nele, meu irmão já está quase da minha altura, você acredita? Saudades de quando ele era só um pirralhinho.

— Saudades amiga, manda fotos deles pra mim depois.

— Pode deixar! Preciso ir, até mais tarde! — nos despedimos e eu desliguei.

Estava repondo os donuts da vitrine quando vi a luz do flash e o som de uma foto sendo tirada.

Pulei pra trás com o susto e uma voz disse:

— Me desculpa por isso, eu só estava tirando umas fotos para o meu blog. — uma garota disse.

— Ah, tudo bem. Eu só não vi você chegando. — falei.

— Desculpa por isso, estou encantada com o lugar. Vou tirar mais algumas fotos. — ela disse, se afastando.

Terminei de arrumar a vitrine e olhei a menina tirando as fotos. Ver a câmera me lembrou do Rafael.

Já fazia um tempo que eu não pensava nele, apesar de que era difícil não lembrar dele quando eu simplesmente olhava para o Théo.

Meu filho tinha tanto de mim, mas tanto do pai também.

Peguei o meu celular, abri o Instagram e digitei o nome "Rafael". Apareceram inúmeros, mas nenhum era ele.

Nenhum era um pouquinho parecido com o que eu me lembrava.

Guardei o celular e voltei a trabalhar.

Perto da hora do almoço, a Betina me mandou uma mensagem.

< Betina > Vamos almoçar juntas hoje? O pessoal aqui tá de ressaca, então tá todo mundo insuportável.

< LÍlian > hahaha bem feito senhorita nem bebo tanto. Infelizmente não posso almoçar com você hoje, preciso ir ao banco.

< Betina > Pra quê?

< LÍlian > Vou levar uns documentos que a Jana me pediu. E vou aproveitar pra ver se consigo resolver o problema da minha conta. Meu chefe não tá conseguindo depositar o meu salário na minha conta atual, aí vou ver se consigo mexer na antiga.

< Betina > Ah, e você tem conta nesse banco?

< LÍlian > Minha mãe fez uma quando eu completei quinze anos, o cartão ficava com ela e eu não mexo nessa conta desde então.

< Betina > Ah, tá. Quer que eu vá com você?

< LÍlian > Não precisa, vai tomar um remedinho e descansar.

Dez

dez

LÍLIAN

Assim que cheguei no banco, peguei uma senha e esperei ser chamada. Não demorou muito tempo porque aquela era uma cidade pequena.

Quando fui chamada, a atendente me informou que eu não poderia resolver o problema da Janaína, que apenas ela poderia fazer isso.

— Posso te ajudar em mais uma coisa? — ela perguntou.

— Sim, eu tenho uma conta nesse banco que eu fiz a alguns anos atrás, em uma cidade vizinha, mas perdi o meu cartão e preciso de um novo.

—Então, essa solicitação só pode ser feita na sua agência, mas posso ver se a conta ainda está ativa. Preciso dos seus documentos. Tem muito tempo que a senhorita não mexe nessa conta? — ela perguntou.

— Eu nunca a usei na verdade, a minha mãe que tomava conta de tudo. — falei, entregando meus documentos a ela.

— Entendo. — ela disse, digitando — Bem, senhorita Gonçalves, há uma grande quantia de dinheiro nessa conta, presumo que não saiba disso. — ela disse, me deixando surpresa.

— Não, eu não sabia. A minha mãe faleceu há alguns anos e foi muito de repente, sequer consegui me despedir.

— Ah, bem, além da quantia, sua mãe programou para que o imposto anual da sua casa fosse descontado, por isso a conta não foi fechada por falta de uso. O seu endereço continua o mesmo? Eu posso mandar o cartão para lá ou ele chega na sua agência. — ela perguntou.

— Eu posso pegar ele na minha agência. — respondi um pouco abalada com tudo isso.

Atualizei o cadastro com meu número novo e voltei para o trabalho. Fui o caminho todo pensando na quantidade absurda de dinheiro que a minha mãe tinha deixado pra mim e se esse havia sido o motivo para tia Raquel recorrer à minha guarda, três anos atrás. *Será que ela sabia!?*

Dispersei os tais pensamentos e me concentrei no trabalho. Quando o expediente acabou, fui até a creche do Théo e o encontrei me esperando com um sorriso no rosto.

Aquele sorriso era o que me fazia continuar todos os dias.

Beijei suas bochechas e perguntei:

— O que fez hoje? Como foi o seu dia?

— Foi bom, *binquei* de massinha e pinteí. — ele respondeu.

— Que legal, meu amor!

— Fiz um desenho *pla* dinda, vô dá *pla* ela.

— Certo, mas primeiro vamos tomar banho, mocinho. — falei, andando ao lado dele até a pensão.

Como a Janaína não estava no balcão eu falaria com ela na hora do jantar.

Subi para o meu quarto com o Théo, dei banho nele ouvindo mais coisas sobre o seu dia na creche. Quando terminei, coloquei sua fralda e o pijama.

O Théo já tinha se acostumado a pedir para ir ao banheiro durante o dia, mas à noite acabava acontecendo uns acidentes e nós acordávamos com a cama molhada, por isso tinha combinado com ele que por enquanto ele usaria fraldas pra dormir.

— Vamos descer pra jantar? — perguntei e ele assentiu.

Descemos juntos e encontramos a Janaína. contei a ela que não tinha conseguido resolver nada no banco.

— Eu imaginei que eles não iriam deixar. Vou dar um jeito de ir lá resolver isso, mas obrigada, querida. — ela disse, me abraçando.

Enquanto dava o jantar do Théo, a Tina apareceu:

— Dinda! Dinda! Dinda! Fiz um desenho *pla vuxê*. — meu filho, disse animado.

— É mesmo? Eu quero ver, vou colocar no meu mural do Théo. — ela disse, beijando os cabelos dele.

— Preciso conversar com você. — falei a ela.

— Vishhh, é coisa séria? — ela perguntou.

— Bem séria. Vai no meu quarto mais tarde. — disse a ela e ela assentiu.

Quando terminamos de jantar, deixei o Théo assistindo televisão, sentado na minha cama e fui conversar com a Betina, perto da porta.

Contei a ela tudo o que tinha acontecido no banco e ela disse:

— Por isso aquela bruxa quis a sua guarda, mas é uma vadia interesseira mesmo. O que você está pensando em fazer?

— Sinceramente, não sei. Mas o Théo está crescendo, daqui a pouco vai começar a me perguntar sobre o pai e eu não quero ficar sem respostas pra isso, amiga. Ele merece mais do que eu tive. — falei, olhando pra ele.

— Você quer voltar pra sua antiga cidade pra procurar o tal do Rafael?

— Quero. Por ele, sabe? Eu sinto que preciso fazer isso por ele, pra dar ao Théo a chance de ter um pai.

— Então nós vamos pra lá.

— Nós? Não, Tina. Você tem um emprego, não posso te pedir pra largar tudo e ir.

— Até parece que eu não iria, além do mais você está rica agora, pode ser minha *suggar mommy* até que eu arrume um emprego.

— Aí meu Deus, você não existe! — falei abraçando-a.

— Existo sim, estou bem aqui na sua frente — ela brincou — Quando vamos?

— Podemos ir no final de semana, assim conseguimos organizar tudo antes de ir.

— Parece ótimo pra mim — ela disse e nos abraçamos mais uma vez.

Mais tarde naquela noite, me deitei ao lado do Théo e pensei no quanto a minha vida tinha mudado desde que saí daquela cidadezinha.

Eu estava com medo do que iria encontrar, mas precisava ser corajosa pelo meu filho.

Onze



LÍLIAN

Três dias depois...

— E aí, se demitiu? — Betina perguntou assim que eu atendi.

— Sim, ele foi bem compreensível, entendeu o motivo de eu estar indo e disse que tem um amigo que é dono de um restaurante lá na cidade, mandou eu procurá-lo e me deu uma carta de recomendação.

— Arrasou! Meu chefe não quis me demitir. Perdi meus direitos trabalhistas, mas isso não importa porque ganhei uma *sugar mommy* pra me sustentar!

— Você brinca demais com coisas sérias. — falei, rindo.

— Eu estava brincando mesmo! Pedi transferência para a sede da empresa de lá, vou continuar na mesma função.

— Isso é ótimo! Viu a Jana hoje?

— Vi, ela ainda tá chorosa, tô quase perguntando se ela não quer ir com a gente.

— Olha que se você perguntar, eu acho que ela aceitava viu? — falei,

rindo — Théo vai sentir saudades da avó, mas não vamos sumir pra sempre, podemos vir visitá-la.

— É o que eu tô dizendo toda vez que a vejo, mas você sabe como a minha tia é teimosa, tá agindo como se a gente fosse desaparecer.

— Exagero é uma coisa que corre no sangue da família de vocês. — falei e ela riu, debochadamente — E o seu pai, como reagiu?

— Ele desejou boa sorte a nós duas. Consigo ir mais tranquila agora, ele já tá bem melhor há dois anos e não precisa que eu fique pegando no pé dele o tempo todo. Além do mais, pedi pra Jana ficar de olho nele. Agora vai buscar o Théo, pois nós vamos tomar sorvete pra comemorar. Beijo!

Desliguei e fui buscar o meu filho, logo depois fomos juntas até a sorveteria mais próxima e nos divertimos, vendo o Théo se lambuzar de sorvete.

Quando voltamos para a pensão, dei um banho nele e o deixei com a Jana na cozinha. Viajaríamos amanhã e ela já estava com o coração apertado de saudades do meu leãozinho.

Fui atrás da Betina e me surpreendi ao encontrá-la arrumando as malas.

— Eu não acredito nisso! Você tá arrumando as malas hoje, Tina! Sendo que a gente viaja amanhã! — reclamei com ela, me sentando em sua cama.

— Eu esqueci, tá bom?! Não me julga, tô terminando já.

— Tô vendo — falei com ironia, olhando as inúmeras peças de roupa que estavam espalhadas pelo seu quarto — Não quero perder o voo amanhã e a gente viaja cedo.

— Por que nós vamos de avião mesmo?

— Porque é melhor para o Théo. Viagens de ônibus são cansativas e ele não tá muito animado com a mudança, chorou se despedindo dos

coleguinhas hoje de manhã.

— Tadinho do meu bebê, mas tá tudo certo lá com a casa?

— Eu não sei, não tenho como saber, mas as companhias de água e luz já ajeitaram o que tinham que ajeitar. Liguei pra eles logo quando decidimos nos mudar e procurei um chaveiro na internet, ele vai encontrar a gente amanhã na porta.

— Ótimo, espero que a casa esteja habitável. — ela disse, rindo.

— Também espero, mas foram só uns quatro anos. No mínimo a casa vai precisar de algumas reformas. Agora termina logo isso e desce, a Jana fez um jantar de despedida, deixei o Théo lá com ela.

— Só vou colocar isso tudo na mala e desço. — ela disse e eu assenti, descendo.

Depois de um jantar repleto de abraços chorosos e promessas de que voltaríamos logo, o Théo adormeceu e eu o coloquei na cama ligando a babá eletrônica. Certifiquei-me de que tudo estava bem e fui para o terraço da pensão que era pequeno, mas sempre que eu queria ficar sozinha e pensar, era pra cá que eu vinha.

Fechei mais o casaco para me proteger do vento frio e escutei a porta do terraço sendo aberta.

— Imaginei que você estivesse aqui. — Tina disse, sentando-se ao meu lado com uma garrafa de vinho e dois copos. Ela serviu um pouco pra mim e pra ela — Eu quero propor um brinde.

— Um brinde? — eu perguntei.

— É, um brinde a duas garotas que vieram pra cá fugindo de uma bruxa, mas que viraram o jogo e se tornaram mulheres incríveis. Um brinde a nós duas!

— Um brinde a nós duas — eu disse, brindando com ela.

Beberiquei um pouco do vinho e perguntei:

— Acha que o Rafael vai querer me ouvir?

— Ele vai ser muito trouxa se não quiser saber do nosso garotinho. —
ela disse, apertando a minha mão. — Nada do que aconteceu foi culpa sua,
Lili. Você só precisa explicar isso ao Rafael.

— Espero que ele me escute. — Nos abraçamos e ficamos ali por um
tempo, apenas apreciando a vista daquela cidade que nos acolheu quando não
tínhamos absolutamente nada.

Doze



LÍLIAN

Assim que saímos do aeroporto, pegamos um táxi até a minha casa. O chaveiro já estava nos esperando e rapidamente trocou a fechadura e nos deu duas chaves. Depois de agradecer e pagar a ele pelo serviço, eu peguei o Théo do colo da Betina e nós entramos juntas na casa.

— Nossa, a casa é bem grande. — minha amiga disse.

— E ainda está do jeitinho que me lembro. — falei a ela — Tá bem empoeirada e suja, claro. Mas ainda está do mesmo jeito.

— Depois que a gente limpar tudinho, vai ficar lindo. Vou dar uma olhada nos outros cômodos e a gente vai precisar ir ao mercado. — ela disse, saindo da sala.

Eu comecei a caminhar pela casa, olhando tudo e os meus olhos brilharam com as lembranças.

Fui até a cozinha, limpei a superfície de um dos armários e coloquei o Théo sentado.

— *Puquê tá cholando*, mamãe? — ele perguntou.

— A mamãe só estava com saudades de casa. — falei, apertando-o em meus braços.

— É, a casa vai precisar de uma boa limpeza e de algumas reformas. — Betina, disse entrando na cozinha.

— Eu percebi, vamos ter que contratar alguém. — falei a ela, pegando o Théo no colo de novo.

— Vamos pegar as malas na varanda e depois vamos comprar algumas coisas. — ela disse, saindo da cozinha.

Fechei o portão, coloquei o Théo sentado em um dos degraus, dei o meu celular pra ele e o deixei assistindo vídeos enquanto eu e a Betina colocávamos as coisas pra dentro.

Deixamos as caixas e malas na sala e fomos ver quais móveis ainda serviam. Apesar do tempo, alguns ainda estavam em bom estado. Fui até o pequeno quintal e vi o quanto a grama estava bem alta, mal conseguia ver a cerca, precisava de alguém para apará-la.

Enquanto eu fui separar todo o material que precisávamos jogar fora, a Betina saiu para perguntar alguma coisa aos vizinhos.

Coloquei o lixo pra fora e me sentei ao lado do Théo.

— Está com fome, meu amor? — perguntei, abrindo a mochilinha dele.

— *Um poquinho. A genti vai molar aqui agola?* — ele perguntou, desviando a atenção do celular.

— Sim, a casa não está muito bonita né, eu sei. Mas vai ficar e você vai amar, eu cresci aqui e adorava. — falei, dando um biscoito a ele e o suco.

Não demorou muito para que a Betina voltasse.

— Conversei com uns vizinhos, eles me passaram o contato de um cara que faz reformas e tal. O nome dele é Enrico Sales, vou ligar pra e perguntar quando ele pode vir ver a casa. — ela disse, se sentando ao meu

lado.

— Ótimo, depois que você falar com ele vamos até o mercado. Temos vassouras e uma pá, mas precisamos de muitas outras coisas. Minha tia não doou nada antes de irmos e tinha muita coisa estragada ou passado da validade nos armários, joguei tudo fora. — falei, entregando outro biscoito ao Théo.

Fomos ao mercado e depois de comprar tudo aquilo que precisávamos, voltamos pra casa. No meio do caminho, encontramos um gatinho abandonado na garagem do mercado e o Théo insistiu muito para que trouxéssemos pra casa e eu como fazia todas as suas vontades, não resisti.

--

Eu e a Betina estávamos arrumando a última parte da casa que faltava, a cozinha, quando ela disse:

— É uma pena que o tal do Enrico não possa vir hoje.

— É mesmo uma pena, mas depois de toda a faxina, a gente viu que até que não tem muita coisa pra consertar. — falei a ela.

— Verdade, só vamos precisar comprar alguns móveis, já que a bruxa da sua tia foi incapaz de cobrir tudo antes de vocês irem.

— Você acha que ela vai descobrir que estamos aqui? — perguntei, esfregando a bancada.

— Acho que não, ela não teria motivos pra nós procurar.

— Verdade, mas vindo dela eu não me surpreenderia.

— Eu também não, mas me diz, já sabe onde vai procurar o pai do Théo?

— Eu pensei em ir ao estúdio dele, ainda me lembro onde é, vou tentar falar com ele lá.

— Ótima ideia amiga, vai dar tudo certo. — ela disse, terminando de guardar os mantimentos nos armários. — Vou tomar um banho e pedir algo

pra gente comer.

— Adorei a ideia, eu tô faminta! — falei, terminando de limpar a pia
— Vou tomar um banho também, aproveitar que o Théo ainda está dormindo.

— Ele tá lá, agarrado com o gatinho na sua cama. A gente mal chegou e o moleque já arrumou mais trabalho.

— Sabe que o sonho do Théo sempre foi ter um bichinho, né? Lá na pensão nunca deu por falta de espaço e quando ele me pediu hoje, não consegui negar, quero que ele goste daqui.

— Ele vai gostar, não tem como não gostar. — ela disse, saindo da cozinha.

Treze



LÍLIAN

No dia seguinte, acordei cedo e fui até a feirinha mais próxima comprar umas frutas para o Théo. Na volta, fiz o caminho mais distante até a minha casa apenas para passar pelo lugar onde eu lembrava ser o estúdio do Rafael.

Enquanto eu andava, a Tina me ligou.

— Oi amiga, onde é que você está?

— Oi, eu vim na feirinha comprar umas frutas. Sabe que eu gosto que o Théo tenha uma alimentação saudável.

— Ah, você poderia ter deixado uma mensagem avisando, né? Me preocupei um pouquinho.

— Foi mal. Já era pra eu ter ido pra casa, mas aproveitei para ir ao estúdio e sei lá, talvez esbarrar no Rafael.

— Hum... E deu sorte?

— Não, devo ter me confundido com o lugar. As ruas aqui são tão parecidas, não tinha estúdio nenhum por aqui, só algumas lojas fechadas.

— Puts, que pena amiga! O que você vai fazer agora?

— Ainda não sei, mas vou pensar em algo. — falei, desligando e indo pra casa.

Assim que cheguei, comecei a lavar e cortar algumas frutas para o Théo que ainda dormia pacificamente. A Betina já estava na cozinha, tomando seu café da manhã.

— Você não acha que ele possa ter escolhido fazer outra coisa e fechado o estúdio? — ela perguntou.

— Eu acho difícil, ele parecia amar aquele lugar, brigou com os pais pra ser fotógrafo. Não acho que desistiria disso.

— É, talvez não, mas pessoas mudam, sei lá. Você não lembra de ninguém que vocês dois conheciam?

— Não lembro, a gente se conheceu naquela noite e eu não o apresentei à Denise. Apesar de que nós estávamos na festa do Kai... — falei, me lembrando.

— Kai!? Ele era do seu grupo de amigos também? Só lembro de você falando da Denise e da namorada dela.

— Era ele quem estava dando a festa naquela noite, talvez ele e o Rafael se conheçam.

— Ah!!! Vamos procurá-lo então, com um nome tão exótico como esse, não deve ser difícil.

A Tina começou a procurá-lo nas redes sociais enquanto eu terminava de colocar as frutas em um pote. Pela primeira vez naquela manhã, depois de me decepcionar por não ter encontrado o lugar, tive esperanças novamente.

— Encontrei um Kai, vem ver se é esse. — ela virou o celular me mostrando.

Olhei bem e disse:

— É ele sim, mas o cabelo tá diferente.

— Ótimo! Deixa-me ver as localizações dele nas últimas fotos pra gente saber onde encontrá-lo. — ela disse, procurando, enquanto eu me sentava em sua frente, roendo as minhas unhas. — Ele viajou, foi pra Europa. Não tinha prestado atenção na primeira foto dele... A localização diz claramente que ele não está na cidade.

Toda a minha animação foi pro ralo.

— É uma pena, mas pelo menos a gente tentou. — eu falei, me levantando.

Me apoiei na bancada, respirei fundo e a Tina me deu um abraço e disse:

— Amiga você vai ter que receber o Sr. Sales e dizer a ele os reparos que precisam ser feitos na casa, vou ter que ir à empresa entregar alguns documentos.

— Tudo bem. À tarde você pode ficar com o Théo? Quero ir ao restaurante ver se consigo o trabalho. Já vamos gastar demais com reformas e móveis pra eu não continuar trabalhando.

— Tudo bem, fico com ele sem problema algum. — ela disse, saindo da cozinha.

Logo depois meu pequeno entrou na cozinha acompanhado do pequeno Lou. O Théo tinha escolhido esse nome ontem à noite.

— Bom dia, meu amor. — falei, pegando-o no colo.

— Bom dia, mamãe. — ele disse, me abraçando.

— Vamos subir para escovar esses dentes, lavar esse rosto e depois descemos para que você possa comer as suas frutinhas. — falei, subindo a escada com ele no meu colo.

— Tem *molango*? — ele perguntou.

— Não, Théo. Eu sei que você não gosta, o que é uma pena porque eu amo. — falei a ele.

— *Selá* que puxei isso do meu papai, a *Malia* acha que sim. — ele disse calmamente, mas só em mencionar o pai, minhas pernas tremeram um pouco, meu filho estava ficando cada vez mais esperto, em breve ele faria três anos, mas essa era a primeira vez que o Théo falava comigo qualquer coisa sobre o pai.

— É, talvez você tenha puxado isso dele. — falei, colocando-o no chão, levando-o até o banheiro.

Enquanto o Théo comia suas frutinhas, a Betina me mandou uma mensagem.

< Betina > E aí, o cara já chegou?

< Lillian > Ainda não, tô esperando.

< Betina > Ele tá atrasado. Disse que chegaria às oito horas, mas já são oito e meia. Quando ele chegar, manda voltar, não gosto de gente que não cumpre horários.

< Lillian > Eu não vou fazer isso, deixa de exagero, Tina! Vai ver ele tá em um engarrafamento, sei lá.

< Betina > Você é boazinha demais, Lili. Espero que no mínimo, ele seja competente.

< Lillian > A campainha tocou, acho que é ele.

< Betina > Que bom... Com mais de meia hora de atraso.

Ainda rindo, coloquei o meu celular na bancada e fui até a porta.



LÍLIAN

Assim que abri a porta, encontrei um homem jovem no lado de fora. Pela maneira como a Betina falou, eu achei que fosse um homem mais velho.

— Sr. Sales? — perguntei.

— Pode me chamar de Enrico. Sr. Sales é o meu pai, que a propósito já se aposentou desse negócio faz tempo. Betina Farias? — ele perguntou, erguendo a mão para me cumprimentar.

— Não, Betina é a minha amiga. Sou Lílian Gonçalves. — falei, cumprimentando-o.

— Lílian, esse nome me é familiar. — ele disse, entrando na casa.

— É um nome bem comum, minha mãe se inspirou na autora favorita dela.

— Interessante. — ele olhou a casa e perguntou: — São muitos reparos que precisam ser feitos?

— Alguns. A casa ficou fechada por muito tempo. — respondi e nesse momento, o Théo correu para o meu lado.

— Mamãe *peldi* meu bonequinho do homem *alanha*! — ele disse, emburrado.

Me agachei na frente dele e disse:

— Será que ele não tá na mala que a gente ainda não abriu? Eu lembro muito bem de ter colocado nela. — falei e ele abriu um sorriso, correndo até a escada.

Quando me levantei, o Enrico estava encarando o lugar para onde o Théo tinha ido com uma cara de espanto.

— Algum problema? — perguntei e ele olhou pra mim.

— Não, nada. Se puder me mostrar a casa. — ele disse e eu assenti, guiando-o pela casa, mostrando a ele todos os reparos que precisavam ser feito.

Depois de mostrar as reformas que precisavam ser feitas ao Enrico com Théo ao meu lado observando tudo, eu ofereci a ele um suco e depois dele aceitar, fomos para a cozinha.

Coloquei Théo sentado na cadeira e o Enrico sentou-se ao lado dele.

— Quantos anos você tem, garotão? — Enrico perguntou a ele.

— *Doix*, mas *sô gande* já vô fazê tês. — Théo respondeu, fazendo o número dois com os dedos.

— Estou vendo, já é um rapazinho. — ele disse, bagunçando os cabelos do Théo.

Eu me aproximei, colocando os copos de suco na frente dos dois, coloquei o Théo no meu colo e o Enrico perguntou:

— Essa casa era da sua família, não é? Porque vou ficar confuso se você a tiver comprado nesse estado.

— Era da minha família sim, mas ela ficou fechada por todos esses anos que morei fora. — respondi.

Ele terminou de beber o suco e anotou um valor em um papel.

— Esse é o valor que eu posso cobrar para fazer as reformas. A validade desse orçamento é por três dias, então eu fico aguardando sua resposta. — ele disse, se levantando.

Eu olhei o valor e achei ótimo, mas precisava falar com a Betina antes.

— Tudo bem, eu entro em contato. — falei, levando-o até a porta.

Subi com Théo para o meu quarto e ele perguntou:

— Posso *fazê* desenho?

— Claro que sim, deixa a mamãe achar os papéis e os lápis de cor. — respondi.

— Eu ajudo a *plocular*. — Théo disse, procurando pelo quarto a mochilinha com os materiais.

Enquanto o Théo pintava, eu liguei para a Betina.

— Amiga, o Enrico me passou o orçamento. Eu gostei do valor que ele está cobrando, mas ainda não acertei nada, quero ver primeiro se você concorda. — falei assim que ela atendeu.

— Oi, amiga! Tá certo, mais tarde eu dou uma olhada. Empresa nova é um saco! — ela disse com uma voz desanimada.

— Imagino, amanhã preciso ir dar uma olhada nas creches aqui da vizinhança, não quero deixar o Théo muito tempo fora da escola.

— E o carinha do restaurante, desistiu? — ela perguntou.

— Não, só que prefiro encontrar uma creche para o Théo primeiro.

— Entendi, é melhor mesmo. Vou comprar algo para a gente jantar, me espera!

— Pode deixar, te vejo mais tarde. — falei desligando e dei toda a minha atenção ao Théo.

RAFAEL

Estava terminando de olhar alguns imóveis quando meu celular me notificou de uma mensagem do Enrico, quase não acreditei no que estava lendo.

< Enrico > Rafa, você precisa me ligar assim que ler essa mensagem. Sério, me liga no exato momento em que você ler! Cara eu não tô acreditando até agora no que acabou de acontecer, mas acho que encontrei sua LÍlian.

Reli a mensagem algumas vezes, mas meus olhos pareciam não acreditar no que o Enrico tinha dito, por isso liguei pra ele imediatamente.

— Enrico, acabei de ver a sua mensagem e tive que reler várias vezes porque não consigo acreditar. — falei, um pouco desnorteado.

— Pois acredite. Agora eu não posso sair do trabalho, mas vamos jantar juntos hoje. Eu realmente preciso falar com você.

— Tudo bem. A Mércia vai jantar com os pais dela, então não vai se importar que eu saia sem ela.

— Ótimo.

— Enrico, você tem certeza de que era a LÍlian? Depois de tanto tempo você deve estar confuso.

— Não estou. Preciso ir, conversamos mais tarde. — ele disse, desligando.

--

Depois de quase desistir de encontrá-lo, eu fui até o bar que tinha perto da minha casa para encontrar o Enrico.

Ele estava sentado em uma das mesas e eu me sentei na frente dele.

— Achei que não viria. — ele disse.

— Eu quase não vim. — falei, contrariado.

— Acha que eu estou mentindo?

— Não, eu acho que você se confundiu. Sabe o quanto eu procurei pela LÍlian depois que ela foi embora? Eu fui em todos os lugares possíveis, virei essa cidade do avesso e ela não estava em lugar nenhum, parecia até que tinha evaporado.

— Eu sei que sim, eu estava ao seu lado, tanto que eu não teria contado nada a você se eu não tivesse certeza. Era realmente ela, Rafael. Está um pouco diferente da menina que você me mostrou algumas fotos, mas era ela.

— E o que você espera que eu faça, Enrico? Eu esperei tempo demais pela LÍlian. Esperei que ela voltasse, se explicasse, mas isso não aconteceu e eu segui em frente. Não vou correr atrás dela agora.

— Não estou falando para você fazer isso.

— Eu não posso magoar a Mércia e isso aconteceria se eu fosse atrás da LÍlian agora. — falei, passando as mãos no meu cabelo.

— Eu não quero que você vá atrás da LÍlian por causa dela e sim porque ela tem um filho e eu acho que ele é seu. — ele disse e eu fiquei um tempo encarando-o para ver se eu tinha entendido mesmo o que ele tinha acabado de dizer.

— Um filho? — perguntei, engolindo em seco.

— Sim, ela tem um moleque de dois anos, Rafael. E o carinha é a sua cara. — ele falou, sorrindo.

— Isso não pode ser, Enrico. Eu... eu preciso ir pra casa, preciso pensar. — me levantei bruscamente e saí daquele bar. Caminhei em direção ao parque e quando cheguei lá, comecei a correr.

Um filho!?

Isso não podia ser verdade.

Eu poderia perdoar a LÍlian por sumir e não me dar notícias, mas

jamais a perdoaria se ela tivesse mesmo escondido um filho de mim.



LÍLIAN

Acordei cedo com o Théo ao meu lado. Meu pequeno dormia tão serenamente que senti até pena de ter que acordá-lo.

Mas hoje eu o levaria na creche que tinha na redondeza e não podia adiar isso por mais um dia.

Deixei meu filho dormindo por mais alguns minutos, tomei o meu banho, coloquei um vestido bem levinho e fui até a cozinha para preparar o café da manhã dele.

Encontrei a Betina fazendo o café.

— Bom dia! — falei a ela.

— Bom dia! Vai levar o Théo na creche hoje? — ela perguntou.

— Vou sim. Conversei com algumas mães aqui da vizinhança, elas me disseram que a creche que tem por aqui é ótima. — respondi, animada.

— Que bom! Já acertou as coisas com o Enrico?

— Ainda não, tem como você falar com ele?

— Eu ligo pra ele no caminho para o trabalho, não se preocupa. — ela

disse, colocando um pouco de café pra mim.

Alguns minutos mais tarde naquela manhã, eu saí com o Théo em direção a creche. Meu menino estava tão animado.

— *Selá* que eu vô *fazê* amiguinhos? — ele perguntou.

— Claro que vai, filhote! A mamãe vai te deixar aí por algumas horas e volta pra te buscar. Se você gostar, vai ficar aí no horário normal igual na outra creche, entendeu?

— Tendi. — ele disse.

Assim que chegamos na creche, eu fui mostrando ao Théo algumas coisas que eu já tinha conhecido na minha outra visita. Parei em frente à nova salinha dele e disse:

— Mamãe vai te deixar aqui com a Ana, tudo bem? — perguntei a ele.

Ele olhou pra mim, olhou para professora e pra dentro da sala.

Ele assentiu, beijou a minha bochecha, me deu um tchauzinho e deu a mão à professora, falando o nome dele pra ela.

Eu fiquei observando encantada ele conhecendo alguns coleguinhas e depois fui embora.

Como o Théo ficaria em adaptação essa semana, eu voltaria para buscá-lo em duas horas.

Aproveitei esse tempo livre e fui até o restaurante Recanto do Sabor. Como era perto não andei muito.

Assim que vi a fachada me lembrei dos dias em que eu vinha com a minha mãe, quando esse lugar era apenas um café.

Meu antigo chefe tinha me pedido para vir aqui, pois o novo dono era amigo dele.

Entrei no Recanto do Sabor e assim que encostei no balcão, perguntei a um homem alto que estava atrás do balcão:

— Bom dia, eu poderia falar com o Jean?

— Bem, eu sou o Jean, então pode falar. — ele disse, com um sorriso.

— Ah, ótimo. Eu sou a LÍlian. O senhor Reis me pediu para procurá-lo.

— Ah, claro. Ele falou sim comigo. Vai ser um prazer tê-la conosco, LÍlian. Estou mesmo precisando de uma nova garçonete.

— Que bom! Ficarei muito feliz em trabalhar aqui, eu costumava vir no Recanto do Sabor com a minha mãe e era maravilhoso.

— Espero que trabalhar aqui também seja. — ele disse — Vou pegar uma lista de documentos que vou precisar que você traga pra mim, ok? — ele perguntou e eu assenti.

Fiquei esperando-o voltar com a lista e nós conversamos mais um pouco. Eu o achei muito simpático. Pensei em passar no banco para pegar o meu novo cartão, mas vi que não daria tempo.

Voltei para a creche e esperei alguns minutos até que o Théo estivesse liberado. Peguei-o no colo e perguntei:

— Como foi na creche, meu amor?

— Eu *binquei* e pinteí.

— Que bom, meu bem. Para comemorar, vamos na pracinha. O que você acha?

— Vai *tê sovete*?

— Vai sim. Mamãe compra um pra você. — beijei suas bochechas e o levei para a pracinha que tinha ali perto.

Théo correu, subiu e escorregou nos brinquedos e depois se lambuzou com o sorvete. Mandeí uma foto dele assim para a Betina e imediatamente ela me ligou.

— Meu Deus! Se não é a coisa mais lindo da minha vida! Não estava preparada para essa foto, mas me conta aí, como foi na creche? Ele chorou?

— ela perguntou.

— Que nada! Me deu um tchau e entrou com a professora. — falei e ela começou a rir.

— Esse moleque só me dá orgulho mesmo!

— A mim também. Achei que ele fosse estranhar, mas ele gostou e se divertiu.

— Ah, tô muito feliz por isso! Deixa eu te contar, liguei para o Enrico, acertei tudo com ele. Incluí o valor dos materiais no orçamento porque eu não sei você, mas eu não teria tempo e nem saberia comprar essas coisas.

— É melhor ele comprar mesmo, você vem almoçar em casa?

— Infelizmente não, emprego tóxico esse meu que não me deixa almoçar com a minha melhor amiga.

— Dramática! — falei rindo, antes de me despedir dela.

Depois que eu desliguei, ajudei o meu pequeno a se limpar e senti a estranha sensação de estar sendo observada. Olhei ao redor e não encontrei ninguém, então voltei a prestar atenção no meu filho.

RAFAEL

Enquanto corria no parque, vi algo que meus olhos não conseguiam acreditar, me encostei em uma das árvores e liguei para o Enrico.

Assim que ele atendeu, eu disse:

— Enrico, estou indo para sua casa. Estava andando pelo parque quando eu a vi. Ela e o garoto. Ele realmente parece comigo quando eu era criança. Eu estou tão puto que preciso conversar com alguém para dissipar essa raiva, porque se eu for para casa, a Mércia vai fazer perguntas e eu realmente não quero que ela saiba disso agora.

— Oi, cara! Não imaginei que você fosse vê-los antes de se encontrarem, mas estou em casa. Vou trabalhar mais tarde hoje, pode vir. — ele falou e eu desliguei.

--

Bati a mão bem forte na mesa, tinha chegado fazia pouco tempo na casa do Enrico e apesar de ter corrido até ali, a raiva que eu estava sentindo não tinha passado.

— Se acalma, cara. — ele disse, tranquilamente.

— Não consigo me acalmar, eu fiquei atrás dela por quase um ano e não tive sequer uma pista de onde ela estava e agora ela reaparece com um menino que curiosamente se parece tanto comigo que eu não precisaria de um exame de DNA para me dar certeza. EU NÃO QUERO ME ACALMAR. — gritei para ele.

— Tudo bem, não se acalma. Mas toda essa raiva não vai adiantar nada, Rafael. Você acha que vai conseguir se aproximar da LÍlian assim?

— Eu não quero me aproximar da LÍlian, eu só quero saber do meu filho. — falei expirando forte e me sentando.

— Tá certo, mas pra chegar no seu filho você vai precisar falar com ela e acredite, pelo pouco que eu conheci da LÍlian, ela deve ter uma boa explicação pra isso tudo.

— Eu não quero falar com ela, eu não vou conseguir, Enrico. Não dá! — falei, me sentando na cadeira.

— Tudo bem, isso é natural. Foi difícil pra você quando ela sumiu, mas você precisa controlar essa raiva, cara. Ela não vai querer falar com você e nem deixar você falar com o garoto se você for agir assim com ela. — ele disse, colocando a mão no meu ombro.

Abaixei minha cabeça, concordando com tudo o que o Enrico tinha falado. Eu realmente precisava me acalmar porque tudo o que importava

nesse momento era o meu filho.

Dezesseis



LÍLIAN

Assim que cheguei no Recanto do Sabor, percebi o quanto o restaurante estava cheio. Encontrei o Jean atrás do balcão como na última vez e ele estava bem atarefado.

— Vejo que está ocupado, se quiser posso voltar outra hora. — falei, me encostando no balcão.

— Oi, Lílian. Não precisa. Estamos realmente bem cheios hoje e sem alguns funcionários, mas você não atrapalha. Conseguiu todos os documentos? — ele perguntou.

— Consegui sim, só ficou faltando algumas informações do banco, mas pretendo ir lá hoje, quer dizer, se você não quiser a minha ajuda.

— Você pode mesmo me ajudar? Nossa, isso seria ótimo! — ele disse, me entregando um avental e um bloquinho de pedidos — Se você puder pegar os pedidos dessas mesas, eu agradeço.

— Pode deixar! — falei, me dirigindo às mesas que ele tinha apontado.

Já tinha recebido o pedido de duas mesas e estava me encaminhando para uma terceira quando eu o vi. Com o cabelo mais comprido do que na última vez que tínhamos nos visto, mas eu reconheceria aquele rosto em qualquer lugar, afinal eu o via todos os dias no meu filho.

A emoção de vê-lo foi tanta que até deixei o meu bloquinho cair, me abaixei para pegá-lo, quebrando o contato visual e quando me levantei, vi o Rafael ir até as cadeiras que tinha do lado de fora.

Me aproximei do balcão novamente, entreguei os dois pedidos ao Jean e disse:

— Eu sei que prometi te ajudar, mas surgiu um imprevisto e eu preciso resolver agora. Desculpa.

— Tudo bem, LÍlian. Fica tranquila, você já ajudou muito. — ele disse, apertando suavemente a minha mão.

Entreguei a ele o bloquinho e o avental e andei até a parte externa do Recanto do Sabor. Rafael estava sentado em uma das mesas mais afastadas e quando me aproximei, sentando-me em sua frente, me faltaram palavras pra dizer o quanto eu estava feliz por vê-lo.

Só que a minha felicidade se dissipou quando ele abriu a boca e perguntou:

— Como você pôde esconder um filho de mim por mais de três anos?

Havia raiva em sua voz, muita raiva. Ninguém nunca mais tinha falado comigo naquele tom desde a minha tia Raquel.

E isso doía, quebrava meu coração em pedaços.

— Como você sabe sobre o Théo?

— Se o seu plano era escondê-lo ainda mais de mim, você não deveria ter voltado para essa cidade.

— Eu não pretendia escondê-lo de você, só aconteceu. Essa foi uma das consequências de tudo o que eu passei, se você me deixar explicar...

— Eu não quero saber! — ele me interrompeu — A única coisa que me importa é o meu filho. É dele que eu quero saber, é só com ele que me importo.

— Tudo bem. — falei, tentando conter as minhas lágrimas.

— Você não tem o direito de afastá-lo ainda mais de mim. Você não sabe quanta raiva eu senti quando te vi com ele e eu não deveria sentir raiva ao ver o meu próprio filho. Ele é meu, não é? — ele perguntou, com lágrimas brilhando em seus olhos.

— Sim. — falei, limpando rapidamente uma lágrima que escorreu do meu rosto.

— Eu senti raiva por perceber o quanto você tirou de mim, Lillian. Ele já deve ter quase três anos e eu não sei nada sobre ele. Por culpa sua! O que eu fiz pra você me odiar tanto a ponto de não me deixar ter a oportunidade de ver o meu filho? O que eu fiz pra você? — ele perguntou, me encarando.

— Você não fez nada. Aconteceu muita coisa, por favor, me deixar explicar. — falei sem conter as lágrimas que escorriam do meu rosto, mas ele não me ouviu.

Passou a mão no rosto ao se levantar e repetiu:

— A única coisa que importa pra mim é o meu filho. Saber o que aconteceu na sua vida pra te deixar tão egoísta, não me interessa. Eu mal consigo olhar para sua cara. Me deixar conhecer o meu filho é o mínimo que você pode fazer! — e saiu do restaurante, me deixando afogar nas minhas próprias lágrimas.

Depois de alguns minutos, eu consegui me conter. Limpei o meu rosto e saí do Recanto do Sabor. Andei sem rumo por um tempo até parar no parque que eu tinha levado o Théo no outro dia, me sentei em um dos balanços e pedi aos céus para que toda aquela escuridão não me engolisse.

Quando me senti um pouco melhor, fui até o banco e resolvi toda a

questão com a minha conta. Separei um dinheiro para a reforma da casa e dos móveis que precisaríamos comprar, não queria que a Betina gastasse muito dinheiro com isso e no fim, ainda sobrou uma boa quantia para ser investida futuramente em alguma coisa.

--

— Só você pra me fazer preparar uma sopa para o jantar, mas depois de tudo o que você me contou, está até merecendo. — Betina disse, cortando os legumes.

— Ainda bem que o Théo não me viu chorando, não sei se conseguiria explicar pra ele que a razão das minhas lágrimas é o pai dele. — falei, me encostando na mesa.

— Tivemos muita sorte do nosso garotão estar mais interessado nos Legos e nos desenhos, porque o Rafael foi cruel com você, Lili. Ele tem todo o direito de estar chateado, mas custava te ouvir? Não custava! Você passou por um verdadeiro inferno com aquela megera e ele te chama de egoísta!? — Betina falou erguendo a faca que estava na mão.

— Fala baixo! — disse a ela — Eu não tiro as razões dele, só não foi como eu esperava e isso doeu muito. Você não sabe o quanto eu sonhei em reencontrá-lo, Betina. E o que aconteceu hoje não chegou nem perto de tudo o que eu sonhei.

— O cara foi um escroto! Espero que ele nem pense em te tratar desse jeito de novo, ele tem que te agradecer, pois você é a razão pro Théo estar bem e feliz. Você lutou por ele e o Rafael não tem o direito de te chamar de egoísta depois de você ter feito isso. Você não sabe o quanto eu estou puta com ele! — ela disse, cortando os legumes com mais força do que necessário.

— Eu imagino o quanto você está e só espero que o Rafael queira me escutar algum dia. Não quero um clima ruim quando estivermos com o Théo.

— Vamos esperar que ele encontre um pouquinho de noção até a

próxima vez que vocês se falarem.

Mais tarde naquela noite, recebi uma mensagem de um número até então desconhecido.

< XXXX-XXXX > LÍlian, sou eu, o Rafael.

< LÍlian > Ah, oi Rafael.

< Rafael > Quando eu posso conhecer o Théo?

< LÍlian > Rafael, eu preciso de um tempo para contar ao Théo sobre você.

< Rafael > Um tempo!? Não vou te dar mais tempo, LÍlian. Você já teve tempo demais.

< LÍlian > Rafael, por favor, eu preciso conversar com ele com calma.

< Rafael > Converse com ele o mais breve possível. Eu quero estar com meu filho, você já me deixou tempo demais longe dele.

Com os olhos molhados, coloquei o celular ao lado do meu travesseiro e pensei que realmente as coisas não estavam acontecendo do jeito que eu esperava.



LÍLIAN

No dia seguinte quando desci com o Théo, encontrei o Enrico entrando em casa.

— Bom dia, Lílian. Bom dia, garotão. — ele nos cumprimentou e o Théo bateu na mão dele.

— Bom dia, Enrico. A Betina já saiu?

— Sim, saiu quando eu estava chegando.

— Ah, depois eu falo com ela. Quer tomar café conosco? — perguntei, levando o Théo para cozinha.

— Eu já comi, obrigado. Eu queria falar com você sobre uma coisa, Lílian. — ele disse.

— Deixa só eu colocar o café da manhã do Théo e nós conversamos. — falei a ele.

Depois de colocar os biscoitos e o suco na frente do Théo, fui para sala conversar com o Enrico.

— Então, Enrico. Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Não é nada relacionado à reforma, mas ontem dei o seu número ao Rafael. Você provavelmente não sabe, mas nós somos amigos, ele me disse que precisava falar com você e me pediu o seu contato. Peço desculpas por isso, não sei se você queria mesmo falar com ele.

— Eu fiquei mesmo pensando em como ele conseguiu o meu número, mas não se preocupe Enrico, apesar do seu amigo não ser a pessoa mais fácil de lidar, eu sei que a gente precisa manter o contato um com o outro pelo Théo.

— Ele só quer conhecer o Théo. Depois de tudo o que aconteceu, acho que o Rafa precisa conhecê-lo para conseguir lidar melhor com isso.

— Eu espero que sim, porque não sei por quanto tempo vou aguentar essa atitude hostil dele.

— Ele nem deveria estar te tratando desse jeito. O Rafael é teimoso demais pra compreender que se vocês conversassem civilizadamente, as coisas seriam mais fáceis.

— Realmente seriam. Eu preciso levar o Théo pra creche, mas tenta colocar um pouco de juízo na cabeça do seu amigo. — falei, me levantando.

— Aquele lá é teimoso feito uma mula, mas vou tentar conversar com ele de novo.

--

Depois que deixei o Théo na creche, vi uma mensagem do Rafael sobre uma foto que eu tinha postado do meu pequeno antes dele entrar na creche.

< Rafael > Eu só queria fazer parte disso. Eu não gosto nem de pensar em tudo o que perdi nesse tempo em que nem sabia que ele existia. Me deixa mal pensar em quantos momentos importantes eu perdi. Eu não posso te dar mais tempo, LÍlian. Não posso! Não quando eu sei que ele existe e que está a poucos metros de mim. Me deixa fazer parte da vida dele. Conta a ele sobre

mim, eu quero ser um pai para ele. O Théo já teve apenas a mãe por tempo demais.

--

Fiquei com a mensagem que o Rafael tinha me mandado na cabeça durante todo o dia. Quando cheguei em casa com o Théo, Betina estava na cozinha tirando algumas coisas que ela tinha comprado das sacolas.

— Oi, meu príncipe. Como foi na creche? — ela perguntou ao Théo, puxando-o para os seus braços.

— Eu pinteí um desenho, *vô pegá*. — ele disse, correndo para sala.

Aproveitei e disse a Betina:

— O Rafael me mandou outra mensagem.

— Esse cara tá muito impaciente, meu Deus!

— Ele não foi tão rude como nas outras vezes. Dessa vez amoleceu um pouco o meu coração, eu estava relutante em contar ao Théo sobre o pai com o Rafael agindo daquele jeito, mas agora eu sinto que preciso contar ao Théo. — falei a ela.

— Você deveria fazê-lo sofrer mais, Lili. O Rafael foi um verdadeiro babaca com você. — ela disse.

— Eu sei, mas não vou fazer o mesmo que ele. O Rafael está me fazendo sofrer demais e eu não sou como ele.

Mais tarde naquela noite, depois do jantar, me deitei com o Théo ao meu lado na cama e contei a ele uma história de ninar diferente.

— Um dia, alguns anos atrás, a princesa Lili conheceu o mais bravo guerreiro do reino. Eles se apaixonaram e ele deixou um presente com ela, mas por causa de uma terrível bruxa, eles tiveram que se separar. Mas a princesa não ficou sozinha, ela tinha agora um pequeno príncipe com ela, sabe qual era o seu nome? — perguntei.

— Não sei, qual *ela*? — ele perguntou, mexendo nos meus cabelos.

— Théo, o pequeno príncipe. — falei e ele sorriu — Só que agora, sem a bruxa má, o bravo guerreiro poderá conhecer o príncipe Théo, que é o seu filho, para que eles possam correr e brincar nas terras mágicas sem nenhum mal por perto.

— Eu gostei dessa *história*. — ele disse, batendo palminhas.

— Que bom, porque a mamãe precisa te contar uma coisa muito importante.

— O quê? — ele questionou, curioso.

— Você sabe que existem vários tipos de famílias, a gente já falou sobre isso. Tem crianças que tem duas mães, dois pais ou um papai e uma mamãe. Você sempre teve a mim, mas agora o seu papai quer te conhecer.

— *Sélio*? — ele perguntou e eu assenti — Ele vai poder ver os meus *calinhos*! — ele disse, animado.

— Claro que sim, você vai poder mostrar tudo a ele. — falei, beijando a sua testa e depois de alguns cafunés, sua animação foi contida e ele adormeceu.

Voltei para o meu quarto e depois de respirar fundo, liguei para o Rafael.

— Oi, Rafael. Desculpa te ligar essa hora. — falei, assim que ele atendeu.

— Oi, LÍlian. Tudo bem, aconteceu alguma coisa?

— Não, eu só queria te dizer que conversei com o Théo essa noite. Ele já sabe sobre você e ficou muito animado em te conhecer, mas como ele ainda está se adaptando na creche, eu queria saber se o encontro de vocês poderia ser daqui a três dias, no sábado.

— Entendo, apesar de estar muito ansioso para conhecê-lo, podemos nos encontrar no sábado sim.

— Ótimo, no parquinho perto da creche?

— Por mim está ótimo. Ele tem alergia a alguma coisa?

— Não, ele come de tudo, mas eu prefiro dar coisa mais saudáveis a ele.

— Certo, vou preparar alguma coisa.

— Ok, nos vemos no sábado, Rafael.

— Até sábado, LÍlian.

Dezoito



LÍLIAN

Três dias depois...

Acordei com a sensação de estar sendo observada e me deparei com o Théo me olhando. Ele estava ao meu lado, na cama, com o rosto em cima do meu.

— Bom dia, mamãe. — ele disse, com um sorriso.

— Bom dia, meu amor. Acordou cedo, deu formiga do seu lado da cama? — perguntei, fazendo cosquinhas nele.

— Deu não, eu só *acodei*.

— Tudo bem. Vamos escovar os dentinhos, tomar banho e se arrumar.

— A gente vai *encontlar* o meu papai hoje?

— Sim, nós vamos!

— *Quelo* ir de *Batman*!

— Tudo bem, vou pegar sua roupa e a gente vai pro banheiro. — falei e ele assentiu.

Depois de arrumar o Théo e de me arrumar, o deixei com a Betina na cozinha e voltei para o quarto para arrumar a mochilinha dele.

— Comeu tudinho? — perguntei ao meu filho quando voltei para a cozinha.

— Comi, a titia me deu cereal. — ele disse com um sorriso enorme e eu fiz cara feia para a minha amiga.

— Um dia só não mata, LÍlian. Deixa de drama. — ela disse, se levantando.

— Eu sei que não, mas prefiro que o Théo coma coisas mais saudáveis pela manhã.

— Foi só hoje, fica tranquila. Está nervosa com o encontro pai e filho? — ela perguntou.

— Muito nervosa, mas estou tentando ficar tranquila pelo Théo. — falei a ela.

Quando terminei de beber um copo de suco, coloquei a mochila no meu ombro e dei a mão ao meu filho. No mesmo momento eu recebi uma mensagem, era o Rafael.

< Rafael > Oi, LÍlian. Já estou no parque. Vocês estão vindo? Espero que não tenha desistido.

< LÍlian > Oi, Rafael. Eu não desisti. Vou sair agora com o Théo, me espera na árvore grande que fica bem perto do parquinho para as crianças. É lá que o Théo gosta de ficar.

Assim que terminei de enviar a mensagem, guardei o meu celular, me despedi da Betina e sai com o Théo.

Logo que chegamos no parque, não foi difícil encontrar o Rafael. Ele estava exatamente onde eu tinha pedido que nos esperasse. Quando estávamos a poucos metros do Rafael, eu parei e me agachei ao lado do Théo.

— Então, meu amor, aquele ali é o seu papai. — falei e ele olhou para

o Rafael e depois olhou pra mim.

— Ele se *palece* comigo. — Théo disse.

— Parece mesmo. O que você acha de ir até lá dar um abraço nele? Acho que ele vai gostar disso. — falei e ele assentiu, indo até o Rafael.

Assim que o Rafael viu o Théo, eu pude ver a emoção em seus olhos e instantaneamente meus olhos se encheram de lágrimas.

O Théo disse:

— Oi, papai.

E quase chorando, Rafael o chamou de filho, lhe dando um abraço apertado.

Fiquei observando os dois de longe, antes de me aproximar. O Rafael demorou a libertá-lo do abraço e eu o entendi perfeitamente. Também me custava deixar o Théo ir para longe de mim. Mas assim que o meu filho viu a bola que o pai tinha levado, ele a pegou, convidando-o para jogar.

Me aproximei um pouco mais de onde eles estavam, estendendo uma toalha de piquenique no chão e me sentando sobre ela. Sorri ao vê-los jogando juntos e tirei algumas fotos. O Théo estava se divertindo bastante e eu adorava ouvir o som da sua risada. Isso pra mim era tudo o que importava, eu faria tudo o que fosse preciso para ver o Théo feliz.

Quando o meu pequeno se cansou, ele se jogou ao meu lado.

— Mamãe, tô com sede.

— Toma aqui o seu suco. — falei, pegando seu suco na mochila e entreguei a ele.

O Rafael se sentou ao lado do Théo, parecendo cansado e eu perguntei:

— Quer água?

— Sim, obrigado. — ele disse e eu entreguei a garrafa d'água a ele. Depois de beber, ele perguntou: — Almoçamos juntos?

— Pode ser, tem um restaurante aqui perto que tem um especial de massas que parece ser muito bom e eu não sei se te contei, Rafael, mas o nosso pequeno ama uma lasanha. — falei e o Théo abriu um sorriso assentindo.

— Vai também papai? — ele perguntou ao Rafael.

— Claro que sim, meu filho! — ele disse, bagunçando os cabelos do meu pequeno.

Depois que o Théo tomou o seu suco, andamos juntos até o restaurante. Nos sentamos em uma mesa de canto e o Théo ficou entre nós dois. Analisei o menu e mostrei ao meu filho as nossas opções.

— *Quelo* a de brócolis! — ele disse, passando o seu carrinho pela mesa.

— De brócolis, filho? — Rafael perguntou, estranhando a escolha do nosso menino.

— É gostoso, papai! — ele disse, animado.

— Bem, se você me garante isso, vou experimentar também! — ele disse ao Théo que abriu um sorriso enorme ao ouvir isso.

— Bom, então serão três lasanhas pequenas de brócolis e uma jarra de suco de maracujá. — falei ao garçom assim que ele apareceu.

— Mamãe posso ir *bincar*? — Théo me perguntou.

— Pode! — falei, vendo-o caminhar até a parte reservada à crianças de até três anos. Era um espaço acolchoado e tinha uma moça supervisionando toda a brincadeira, o que me deixava mais tranquila.

Eu e o Rafael ficamos em silêncio por um tempo até que ele disse:

— Vejo que você cuida muito bem da alimentação dele.

— Sim. Enquanto eu ainda escolho o que ele come, tento apresentar a ele as opções mais saudáveis. — falei, tamborilando os dedos na mesa.

— Entendo, é isso que eu quero, sabe? Quero participar da vida dele,

quero estar com ele. Agora que o conheci, sinto que preciso ter esse garoto na minha vida todos os dias. — ele disse, depois de um tempo.

— Eu sei disso, mas não é tão simples assim, Rafael. O Théo acabou de te conhecer, não posso simplesmente te deixar sozinho com ele antes que vocês criem uma relação.

— Não é culpa minha se ele acabou de me conhecer, Lillian! Eu quero participar da vida do meu filho, você já me tirou tempo demais. — ele falou num tom mais alto, mas eu não ficaria calada, já tinha aceitado essa atitude do Rafael por tempo demais.

— Eu não vou ficar aqui, ouvindo você dizer que a culpa é minha mais uma vez. Se eu fiz o que fiz foi porque precisei e apenas por isso. Se você não quis me ouvir antes pra entender tudo, agora você não tem o menor de direito de me julgar. O Théo é nosso filho, Rafael, mas eu decido o que é melhor pra ele. Você não conquistou esse direito ainda, então você vai encontrar com ele quando eu estiver presente e vai poder sair sozinho com ele apenas quando eu sentir que o Théo está pronto pra isso. — falei, no mesmo tom que ele tinha falado comigo antes.

Então Rafael olhou nos meus olhos e disse:

— Vamos conversar sobre isso depois, o Théo está voltando para mesa e eu não quero estragar o dia maravilhoso que estamos tendo com isso.

Uns minutos depois, o nosso filho voltou para mesa e o almoço chegou. O Théo esperou com expectativa o Rafael dar a primeira garfada, pois ele queria saber se o pai tinha gostado.

— Está uma delícia! — ele disse, depois de mastigar e o meu filho abriu um sorriso.

O Théo guiou toda a conversa durante a refeição. Eu não sentia vontade nenhuma de conversar com o Rafael, mas pelo meu filho eu fiz um esforço.

Depois do almoço, caminhamos de volta para casa enquanto o Théo corria em nossa frente. Eu e o Rafael caminhávamos como dois estranhos atrás dele. Passamos por uma loja de brinquedos e o Rafael insistiu em presentear o Théo com um brinquedo, então passamos bons minutos dentro da loja até sairmos dela com um boneco do *Buzz Lightyear* nas mãos do Théo.

Assim que chegamos em casa, eu deixei o Théo se despedir do seu pai e era bonito ver todo o carinho que eles já sentiam um pelo outro. Esperei um pouco para ver se o Rafael falaria algo comigo, mas quando ele não disse nada, eu me despedi e entrei em casa ao lado do Théo.

Desde o momento em que cruzamos a porta, o Théo começou a contar para a Betina como tinha sido o dia com seu pai.

— Vamos tomar um banho? A tia Betina está fazendo um lanche pra gente! — falei, lembrando da mensagem que a minha amiga tinha me mandado. Coloquei as coisas do Théo no sofá e o peguei no colo.

— O ti é? — Théo perguntou, animado.

— Pastel de queijo, o seu favorito! Você se divertiu com o seu papai hoje? — perguntei, enquanto subíamos a escada.

Ele assentiu e disse:

— Gostei dele.

— Que bom, ele também gostou de você. — falei, beijando sua bochecha.

Depois de dar um banho no Théo, o mandei descer pra ficar com a Betina e fui tomar meu banho. Coloquei um dos meus pijamas e descí.

A Betina estava fritando os pastéis enquanto eu escolhia um filme para assistirmos. Com o Théo ao meu lado, pegamos alguns dos seus brinquedos e fomos para o quintal. Depois da reforma, aquele lugar tinha ficado um espaço extremamente agradável e como o tempo estava bom,

passaríamos a tarde ali.

Enquanto eu arrumava a mesa, pegava o suco, os copos e os pratos, meu filho sentou-se na grama e brincou com o seu novo boneco.

Enquanto o Théo fazia o *Buzz* voar, a Betina apareceu com os pastéis e eu o chamei para comer.

RAFAEL

Assim que cheguei em casa e vi a Mércia me esperando na varanda, percebi que não podia mais esconder dela tudo o que vinha acontecendo na minha vida. Principalmente agora que eu tinha conhecido o Théo.

Eu e a Mércia nos conhecemos através da Denise, ela nos apresentou um pouco antes de ir para o seu intercâmbio na Europa. Ela e a Amanda sempre me deram muito apoio em relação a encontrar a LÍlian, mas depois de um tempo com nossas buscas sendo frustradas, pouco a pouco fomos desistindo.

Eu nunca deixei de pensar na LÍlian, mas estar com a Mércia me fazia um bem enorme. Nós tínhamos muita coisa em comum, ela também era fotógrafa e apesar de tirar fotos mais editoriais para revista de moda, ela era uma das pessoas que mais me incentivava a abrir o meu estúdio novamente.

Apesar de namorarmos há dois anos, eu ainda não me sentia pronto para pedi-la em casamento, mas a tinha convidado para morar comigo uns meses atrás e toda essa mudança não tinha abalado o nosso relacionamento.

Lhe dei um abraço e beijei o seu pescoço.

— Oi, amor. Cheguei cedo e não te encontrei. Onde você estava? — ela perguntou, me dando um selinho.

— Fui até o parque encontrar uma pessoa.... Mércia, eu preciso te contar uma coisa. — falei a ela.

— O que aconteceu? — ela perguntou, tocando o meu rosto, preocupada.

— Você lembra que eu te contei sobre a LÍlian? — perguntei, me sentando com ela em um dos degraus da varanda.

— Sim. Por que estamos falando sobre ela agora, depois de tanto tempo? — ela questionou e eu senti uma leve irritação em sua voz. Eu sei que a Mércia não gostava de ouvir falar sobre a LÍlian, mas eu não poderia esconder isso por mais tempo.

— Eu achei que nunca mais a veria novamente, mas a uns dias atrás nos reencontramos.

— Hum, e isso é importante por quê?

— Porque eu descobri que temos um filho juntos.

— Um filho, Rafael? Ela reapareceu depois de anos com um filho seu? — ela perguntou um pouco nervosa.

— Sim, o Théo. Ele tem dois anos e é o garotinho mais lindo que eu já conheci. Passei boa parte do dia com ele hoje. — falei a ela, com um sorriso no rosto.

— Eu nem sei o que te dizer, Rafael. — ela disse, se levantando — Você tem certeza que ele é seu?

— Tenho. A LÍlian não teria motivo pra mentir e ele se parece demais comigo. — falei, me levantando também.

— Eu preciso de um tempo para assimilar tudo isso. — ela disse, cruzando os braços e eu entendi que ela tinha ficado chateada.

— Tudo bem, eu entendo. Te dou o tempo que você precisar, mas eu quero muito que você conheça o Théo porque a partir de agora, ele vai fazer parte da minha vida. — falei, beijando a testa dela.



LÍLIAN

No dia seguinte acordei com uma mensagem do Rafael pedindo para encontrá-lo no Recanto do Sabor para conversarmos sobre o Théo. Como meu pequeno ainda estava dormindo, eu me arrumei, colocando uma calça jeans e uma blusa ciganinha laranja. Pedi para a Betina cuidar do Théo para mim e saí.

Quando eu cheguei no Recanto do Sabor, o Rafael já estava lá, bebendo um café. Pedi um também e me sentei em frente a ele.

— Oi, Rafael.

— Oi, Lílian. — ele disse e o meu café chegou.

— Eu avaliei com calma tudo o que aconteceu ontem e pensei bastante também tudo o que você me disse. Concordo que você precisa passar um tempo com o Théo. Ele gostou de você e acho que vai ser bom para ele estar contigo. — falei a ele.

— Eu fico muito feliz em saber disso. Agora que eu o conheci, não imagino viver sem ele.

— Eu entendo. Por muito tempo o Théo foi só meu e agora que eu vou começar a trabalhar, pensei que você poderia buscá-lo na creche e ficar com ele até o horário de eu sair do trabalho.

— Isso seria ótimo, LÍlian. Eu realmente quero conhecer mais o meu filho.

— Que bom. Eu vou mandar as coisas dele na mochila e vou avisar na creche que você vai buscá-lo a partir de amanhã.

— Certo, você me disse que ele não tem alergias, mas tem algo de que ele não goste?

— Sim, ele não gosta de morangos.

— Engraçado, eu também não gosto de morangos.

— Bom saber que além da aparência, ele também puxou os seus gostos. O Théo normalmente não janta nada pesado, então tenta dar coisas leves pra ele comer à noite.

— Tudo bem, não se preocupe. Qualquer coisa eu te pergunto.

— Certo! Qualquer coisa é só você me mandar uma mensagem, dependendo do movimento do restaurante, eu consigo te responder rapidinho.

— Certo. Tchau, LÍlian.

— Tchau, Rafael. — falei, me levantando.

Quando eu já estava um pouco longe do Recanto do Sabor, senti uma mão no meu braço, me virei e vi que era o Rafael.

— Eu não quero que esse clima ruim entre nós dois continue, principalmente quando o Théo estiver por perto. — ele disse, soltando o meu braço e eu senti falta daquele contato.

— Rafael, eu não posso simplesmente fechar os olhos pra tudo o que você falou porque você simplesmente só falou e não me escutou sequer uma vez e eu precisava que você me escutasse. — falei a ele.

— Eu sei disso. Sei que fui um babaca com você e peço desculpas,

mas eu ainda não estou pronto pra ouvir tudo o que você passou, me dá mais um tempo.

— Tudo bem, essa não seria uma conversa fácil mesmo, mas eu concordo que ao lado do Théo nós dois precisamos ser melhores. O nosso filho merece ter os pais ao lado dele sem qualquer clima ruim.

— Que bom que concordamos com isso. Até amanhã, LÍlian.

— Até, Rafael. — falei, me afastando dele.

Pela primeira vez o Rafael admitiu que ainda não estava pronto para ouvir sobre tudo o que passei. Essa conversa seria difícil, mas muito necessária.

Mesmo depois de tudo, ainda preciso que ele me veja com outros olhos, que ele entenda tudo pelo que passei e que olhe pra mim do mesmo jeito que ele olhou há quase quatro anos.

Limpei algumas lágrimas do meu rosto e segui pra casa.

--

No decorrer dos dias, eu e o Rafael nos dividimos para dar toda a atenção que o Théo merecia. O Rafael ia buscá-lo na saída da creche e passava a tarde com ele, enchendo-o de presentes. Até reclamei com ele sobre isso, não queria que o Théo achasse que tudo se resolvia com presentes o tempo todo, mas o Rafael me garantiu que só queria mimá-lo um pouco.

Enquanto eu observava o Théo correr com sua fantasia de Super-Homem dada pelo seu pai em uma das muitas visitas da semana, o Rafael me ligou.

— Oi, Rafael. — falei assim que atendi.

— Oi, LÍlian, tudo bem? Cadê o Théo?

— Tudo bem sim. Ele está aqui, correndo com a fantasia que você deu.

— Ele gostou bastante dela, né? Quis vestir assim que viu.

— É o super-herói favorito dele.

— Bom saber que acertei! Aproveitando, deixa eu te falar, domingo é aniversário do pai da Mércia e eu queria levar o Théo comigo.

— Rafael, os fins de semana são os dias que eu tenho para curtir mais o Théo e além do mais eu nem conheço sua namorada ainda.

— Seria só nesse domingo, Lílían e vocês podem se conhecer amanhã. Que tal um almoço?

— Pode ser, Rafael. Nos vemos amanhã.

— Até. Diz pro Théo que eu mandei um beijo.

— Falei e ele quer falar com você — dei o celular ao meu filho e ele disse: — beijo papai! Agora eu *sô* um *supelolói*! — O Rafael falou algo a ele que o deixou com um sorriso no rosto, nos despedimos e eu voltei a brincar com o meu filho.

Vinte



LÍLIAN

No dia seguinte quando cheguei ao restaurante com o Théo, percebi que eu e a namorada do Rafael não nos daríamos bem. Logo de cara eu vi que nós éramos muito diferentes uma da outra e que seria difícil encontrar um assunto em comum naquela mesa.

Eu poderia estar errada por julgar aquela mulher apenas pela aparência superficial que ela tinha, mas a cada passo que eu dava, eu tinha certeza de que eu não estava errada.

Assim que o Théo viu o Rafael, correu para o colo do pai que fez festa ao vê-lo. O Rafael me cumprimentou com o Théo no colo e me apresentou a sua namorada, Mércia Alves.

— É um prazer conhecer a mãe do Théo. — ela disse, me cumprimentando com os dois beijinhos na bochecha.

— É bom te conhecer também, Mércia. — falei e ela.

Nos sentamos e no decorrer do almoço ficou mais claro pra mim o quanto a mulher na minha frente era superficial e muito esnobe. Desde a

escolha do prato ao jeito enjoado como ela falava com o Rafael. Tive que me controlar para não revirar os olhos a cada vez que ela falava.

Outra coisa que percebi foi que ela não gostava de toda a atenção que o Rafael dava ao Théo, e o meu filho, alheio aos olhares invejosos, aproveitava bastante o almoço com a presença do pai e da mãe.

Depois do almoço, o Théo quis sorvete e o Rafael foi com ele comprar. A Mércia também foi, mas eu preferi ficar o lado de fora esperando.

Estava olhando algumas das fotos que eu tinha tirado do Théo, quando a Betina me ligou.

— Oi, amiga! — falei assim que atendi.

— Bom dia, amiga! Como foi o almoço? Quer dizer vocês ainda estão almoçando ou já terminaram?

— Betina, você acordou agora?

— Sim! — ela respondeu e nós duas rimos.

— Já terminamos de almoçar, daqui a pouco eu tô voltando com o Théo. Paramos só porque ele quis sorvete e o Rafael foi comprar.

— Ah, como foi o almoço com a namoradinha do seu ex? O auge você se prestar a esse papel, viu, Lili?

— Eu tinha que conhecê-la, Betina! O almoço foi razoável, ele teria sido melhor se eu não tivesse que ouvir a voz enjoada dela, falando.

— Você vai deixar o Théo ir com eles para a festa?

— Vou. O Rafael e ele se dão muito bem e é lindo demais ver os dois juntos. Como eles vão cedo amanhã, o Théo vai dormir na casa do pai hoje.

— Eita, tá nervosa?

— Claro que tô! É a primeira vez dormindo longe do meu neném. Vou ir dormir com você!

— Eu passo essa oportunidade — ela disse, rindo — Vou sair de novo

hoje, vem comigo.

— Melhor não, vou aproveitar e relaxar um pouco.

— Se você diz, mas se mudar de ideia é só avisar. — ela disse e eu me despedir ao ver o Théo vindo em minha direção.

— Olha, mamãe! *Sovete!* — ele disse, com o rosto todo melecado.

— Está gostoso? — perguntei.

— Muito! — ele falou, lambendo o sorvete outra vez.

--

Mais tarde naquele dia, mandei uma mensagem para o Rafael. Ele me mandou fotos do Théo que já estava dormindo e do quarto que tinha feito para ele. Estava morrendo de saudades do meu menino, mas estava feliz por esse momento pai e filho.

Depois de falar com o Rafael, me ajeitei no sofá, comendo a pizza que eu tinha pedido e coloquei um filme qualquer que estivesse passando. Enquanto eu comia, uma caixa no canto da sala me chamou a atenção. Ela não estava ali mais cedo, acho que foi a que a Betina tinha tirado do quarto dela, ela havia me avisado mais cedo que tinha encontrado uma caixa em um dos armários.

Limpei as minhas mãos, abaixei o volume da televisão e fui até a caixa. Assim que a abri, percebi que nela estavam algumas coisas da minha mãe, mas eu só notei isso por algumas joias, já que nela tinham caixas menores e alguns papéis que eu nunca tinha visto na vida.

Comecei a olhar um por um, até parar em um especial. Era uma carta, endereçada a mim.

Vinte e um

Vinte e um

LÍLIAN

Me encostei na parede, limpei as lágrimas que escorriam pelo meu rosto e comecei a ler.

Minha filha,

Estou escrevendo essa carta alguns anos antes de você fazer dezoito anos porque acho que só terei coragem de entregar essa carta nesse dia. Primeiro eu quero que você me desculpe por esconder isso de você, mas eu te amo demais, minha filha, e todas as decisões que tomei foi pensando em você. Quando eu conheci o seu pai, eu sabia que ele era casado, mas me envolvi com ele do mesmo jeito e juro a você que só não me arrependo disso porque desse breve relacionamento surgiu você, a luz da minha vida.

E se não te contei a verdade sobre ele antes, foi por medo de que você sofresse ao procurá-lo, mas agora essa decisão não cabe mais a mim e sim a você.

Junto da sua carta, tem uma endereçada a ele.

Entregue a ele quando o encontrar, assim ele entenderá tudo.

Eu te amo mais que tudo, Lili.

Não esqueça disso e por favor, não me odeie.

Quando estiver pronta pra descer, estarei te esperando com um bolo de aniversário para comemorarmos o seu dia.

Meu corpo todo tremia quando eu terminei de ler a carta. Chorei tão intensamente que mal consegui respirar direito. Levei um longo tempo até que eu conseguisse me acalmar.

Coloquei a carta no chão, fui até o banheiro e lavei o meu rosto. Passei na cozinha, bebi um copo de água com açúcar e sentei novamente onde eu estava.

Peguei a carta novamente e olhei com mais atenção para a foto que estava junto da carta. Nela, a minha mãe estava abraçada com um homem que provavelmente era o meu pai.

Soltei a foto para olhá-la mais de perto e notei algo escrito no verso.

Laura Gonçalves e Ricardo Alves.

Reli o nome duas vezes e tentei me lembrar do porquê daquele sobrenome não me parecer estranho.

Pensei um pouco e então lembrei. Eu tinha conhecido alguém com o sobrenome Alves mais cedo: A namorada do Rafael.

Mande mensagens para a Betina, mas ela não me respondeu, nem ao menos visualizou, e quando eu estava já largando o celular, ele começou a tocar.

— Alô? Rafael? Aconteceu alguma coisa? — perguntei preocupada.

— Oi, LÍlian. Desculpa te ligar agora, mas o Théo acordou chorando, chamando por você e apesar de já ter tentado acalmá-lo de todos os jeitos, ele continua chorando. Não sei mais o que fazer. — ele falou um pouco desesperado.

— Calma, eu vou só me arrumar e vou pra sua casa, mas enquanto

isso, carregue-o no colo. O Théo se sente mais seguro quando faço isso. E cantarole uma música, ele também gosta.

— Obrigada pelas dicas, estou me sentindo péssimo.

— Não se sinta, essas coisas acontecem. Em alguns minutos eu estarei aí. — falei, desligando.

Quando o motorista de aplicativo me deixou na casa do Rafael, foi a Mércia que abriu a porta pra mim. A cara dela estava péssima e ela não fez o mínimo esforço para ser simpática, por isso fui bem objetiva para não prolongar a conversa.

— Onde eles estão? — perguntei.

— No quintal, o garoto não parava de chorar. — ela disse, revirando os olhos e depois se virou para subir as escadas. Respirei fundo para não discutir com ela e fui até onde o Rafael e o Théo estavam.

Encontrei Rafael com o Théo adormecido em seu ombro, me aproximei dele e falei baixinho:

— Parece que você deu conta disso muito bem sem mim. — Rafael me deu um sorriso tão sincero que fez as minhas pernas bambearem.

— Eu não teria conseguido sem você.

— Você teria arrumado um jeito. Com certeza ele só estranhou o lugar. O Théo sempre dormiu comigo, o lugar onde morávamos antes era bem pequeno e eu queria tê-lo por perto. — falei, enquanto andávamos até os degraus que davam para casa.

O Rafael se sentou, ajeitando o Théo cuidadosamente em seu colo e eu me sentei ao lado dele.

— Como foi a sua gravidez? — ele perguntou, sem me encarar.

— Não foi fácil, mas não me arrependo de nada. Faria tudo de novo por ele. — meus olhos se encheram de lágrimas e eu os limpei com uma das mãos — O Théo me salvou, graças a ele eu não estava mais sozinha.

— Eu queria ter estado ao lado de vocês. Depois que você sumiu, eu pensei em você e te procurei por meses. Perguntei a todos que te conheciam e ninguém tinha uma resposta, era como se você tivesse desaparecido. — ele disse, olhando pra mim.

— Eu preferia ter desaparecido a passar por tudo o que passei com a minha tia. Provavelmente teria sido mais fácil.

— Então foi a sua tia que te levou daqui?

— Sim, eu era menor de idade e ela ficou com a minha guarda quando a minha mãe morreu.

— Foi com ela que você estava antes de vir pra cá?

— Não, eu fugi uns meses depois. Estava em um estado vizinho.

— Por que você não me ligou quando fugiu? Eu teria ido até você.

— Rafael, eu fiquei sem celular logo depois que me mudei e apesar de ter tentado te procurar, a minha prioridade era o Théo naquele momento.

— Entendo, eu só o conheço há alguns dias e já o amo mais que a mim mesmo.

— Eu me sinto do mesmo jeito, mas aconteceram tantas coisas hoje, será que podemos deixar essa conversa pra outro dia?

— Claro que sim, quer que eu chame um carro pra te levar pra casa?

— Será que a gente pode ficar mais um tempinho aqui? — pedi e ele assentiu.

E olhando os poucos vagalumes que voavam no jardim do Rafael, eu pensei em nós dois pela primeira vez, desde que eu tinha voltado, no quanto a gente se sentia bem um com o outro.

— Preciso voltar pra casa. — falei, depois de um tempo.

— Está bem tarde. Eu até te levaria, mas acho que a Mércia não saberia lidar com o Théo se ele acordasse.

— Eu posso pedir um motorista no aplicativo, fica tranquilo.

— Não, não precisa pedir. Eu vou ver com um amigo meu, espera um pouco. — ele disse, se afastando com o Théo em seu colo. Poucos minutos depois ele voltou. — Falei com o Enrico, ele está vindo. — Rafael disse e eu sorri.

O acompanhei até o quarto do Théo que tinha ficado ainda mais bonito pessoalmente.

— Acho que vou dormir aqui com ele. — ele disse, cobrindo o nosso filho.

— Você não caberia nessa cama. — brinquei — Mas talvez seja por isso que ele acordou me chamando, o Théo está acostumado a dormir comigo.

— É, talvez seja por isso. — Rafael disse e a campainha da casa soou.

Descemos juntos e encontramos o Enrico e a Betina na porta. Encarei minha amiga e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela me abraçou.

— Não pergunta nada! Vi suas mensagens agora há pouco. Quando chegarmos em casa você vai me contar tudo. — ela disse.

— Você também tem muito o que contar! — falei a ela.

Me despedi do Rafael e seguimos para minha casa. Assim que o Enrico estacionou, me despedi dele e entrei em casa. Corri para a janela e consegui ver uma troca de beijos entre o Enrico e a Betina.

Há quanto tempo isso tá acontecendo!? E principalmente, por que eu não percebi?

Coloquei minha bolsa sobre a mesa da cozinha e coloquei uma água pro chá, precisava relaxar.

Minutos depois a Betina entrou em casa e se sentou à mesa, com um sorriso bobo.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — perguntei.

— Há poucas semanas, não me lembro quando começou. Quer dizer, quando passei a vê-lo com outros olhos. Acho que a bebida ajudou, mas agora continuo vendo-o do mesmo jeito sem ela. — ela disse, bem humorada.

— O Enrico é um cara gente boa e vocês, apesar de serem bem diferentes, formam um casal lindo.

— Que casal o quê, Lili! A gente só tá saindo.

Revirei os olhos:

— Essa sua aversão a relacionamentos me mata!

— Deixa de drama e senta aqui pra me contar o que aconteceu pra você me mandar aquelas mensagens. — ela disse e eu coloquei os chás nas xícaras. Em seguida, me sentei na frente dela, contando tudo sobre a carta que minha mãe tinha deixado pra mim. Quando terminei, Betina perguntou:

— Meus deuses, Lili! O que você vai fazer agora?

— Sinceramente? Não sei. — falei, bebericando meu chá. Eu realmente não sabia o que fazer e esperava que uma noite de sono me trouxesse um pouco de luz pra esse assunto.

Vinte e dois



LÍLIAN

Na manhã seguinte, eu e a Betina resolvemos ir para uma praia que tinha há alguns quilômetros da cidade. Enquanto ela ia comprar água de coco pra gente, eu liguei para o Rafael, precisava saber como estava o meu pequeno.

— Oi, Rafael, cadê o Théo? Ele conseguiu dormir bem? — perguntei, assim que ele atendeu.

— Oi, Lílian. Ele tá aqui e tá bem. Depois que o coloquei na cama e me deitei na outra cama, ele despertou minutos depois e ao ver que eu estava ali, veio se deitar comigo. Acordou bem cedo hoje. Dormir com ele é uma das melhores sensações que já tive, acho que já sei por que você o deixou dormir com você por tanto tempo.

— Ah, é tão bom dormir com ele, né? Não consigo desapegar, mas sei que não posso fazer isso pra sempre. Ele tomou café direitinho?

— Sim, comeu tudo. Estava terminando de arrumá-lo, vamos sair daqui a pouco.

— Que bom! Me manda uma foto dele, tá? Já tô morrendo de saudades. Cuida bem dele e se acontecer alguma coisa me liga.

— Pode deixar, mas fica tranquila. — ele disse e depois de me despedir do Théo eu desliguei.

A Betina voltou com as nossas bebidas e nós passamos boa parte do dia apreciando a tranquilidade que aquele lugar trazia. Colocamos o papo em dia e comemos frutos do mar. O Rafael foi me atualizando sobre o Théo a todo momento, me contou que ele ficou tímido quando chegaram, mas que depois que o pai da Mércia lhe mostrou os carrinhos, ele se soltou mais, comeu toda a comida e correu bastante.

Quando eu cheguei em casa, tomei um banho e fiz um bolo para esperar o Théo chegar, já que o Rafael tinha me mandado uma mensagem avisando que eles estavam chegando.

O Rafael estacionou e me entregou um Théo adormecido. Ele estava com um sorriso no rosto e acariciando os cabelos do filho.

— O dia de hoje foi incrível, obrigado por me deixar levá-lo. — ele disse.

— Não precisa agradecer, eu quero que o Théo tenha momentos com você. Não tive um pai e apesar de você não acreditar, eu sempre te quis na vida dele.

— Ele é incrível, LÍlian. Você o criou muito bem. — ele disse e nós ouvimos buzinas do carro dele. Era a Mércia e pela cara dela, não estava gostando nada da demora do Rafael — Preciso ir, até amanhã. — ele se despediu dando um beijo nos cabelos do Théo, que começou a acordar.

E enquanto o Rafael saía com o carro, o Théo despertou de vez e começou a chorar porque o pai estava indo embora.

Depois de muito dengo por parte do Théo, eu lhe dei um banho e o vesti com o seu pijama. Estava penteando os cabelos dele quando o mesmo

perguntou:

— O papai vai voltá?

— Não, o papai foi pra casa dele. — respondi e o Théo fez bico e ameaçou começar a chorar de novo. — Filho, pra quê esse choro? Você vai ver o seu papai amanhã. O viu o dia todo hoje, não tá com saudade da mamãe? — perguntei e ele limpou as lágrimas.

— Num vô xolar mais, queria o papai. Por que ele não pode ficar?

— O papai tem a casa dele, assim como eu tenho a minha com você.

— Ah, mas queria ele aqui.

— Antes de você dormir eu ligo pra ele, agora me conta como foi seu dia. — falei, terminando de ajeitar seu cabelo e o coloquei no meu colo.

Théo me contou muito rapidamente e sem muitos detalhes sobre tudo o que fez. Basicamente ele me falou que brincou muito de carro e que comeu batata com carinha.

Depois de enchê-lo de beijos, Betina nos chamou para jantar. Ela tinha feito um ensopado de carne e nós comemos na mesa que tinha no quintal para variar um pouco.

Antes de dormirmos, eu deixei o Théo gravar um áudio, mandando beijos e desejando boa noite ao pai que ficou todo bobo.

--

No dia seguinte, o Rafael me ligou na hora do almoço e como eu estava no meu horário de descanso, atendi rapidamente.

— Oi, Rafael.

— Oi, LÍlian... Você já sabe o que você e o Théo vão fazer nesse feriadão?

— Temos feriadão essa semana? — perguntei um pouco confusa.

— Temos! — ele respondeu, bem humorado.

— Nem lembrava! Ainda não sei, preciso ver se vou trabalhar, por quê?

— Queria levar você e o Théo para um lugar.

— Ah, deixa eu ver aqui no quadro de folgas. — falei, me levantando e olhando no quadro que estava na parede da sala. — Vou folgar.

— Ótimo! Vocês gostariam de ir comigo até a casa do meu pai?

— Nós dois?

— Sim, gostaria que você fosse também.

— Ah, por mim tudo bem, nós vamos. Fica aqui na cidade?

— No interior, mas não é muito longe. contei a ele sobre o Théo e ele ficou muito animado com o fato de ter um neto.

— Isso é ótimo! Vamos acertando tudo no decorrer da semana, preciso voltar a trabalhar agora.

— Tudo bem, bom trabalho. — ele disse, se despedindo e eu desliguei.

No decorrer dos dias eu e o Rafael continuamos mantendo contato um com o outro, trocamos indicações de restaurantes na cidade e ele me contou que estava montando um novo estúdio. Fiquei muito feliz com essa novidade ele me explicou que abriu mão do outro estúdio porque o irmão conseguiu um emprego em outra cidade e ele estava desanimado para continuar sozinho, mas que não pretendia fazer o mesmo com esse estúdio já que seria bem próximo a sua casa.

Dois dias antes de viajarmos, o Rafael foi deixar o Théo em casa e viu algumas fotos dele bebê, entreguei umas a ele que perguntou:

— Como o Théo era quando bebê?

— Era mais manhoso do que é agora... Eu o criei colocando alguns limites, mas a Betina sempre fez tudo o que ele queria. Mesmo com esse dengo todo o Théo era muito carinhoso e esperto. O nosso quarto na pensão

não era muito grande, então ele sempre dormiu comigo. Lembro-me de nem conseguir dormir na primeira noite que ele voltou comigo pra casa, fiquei o tempo todo olhando pra ele com medo de algo acontecer. O Théo é tudo o que eu tenho, não sei o que faria se eu o perdesse. — falei e o Rafael me surpreendeu com um abraço.

— Você é uma mãe incrível, obrigado por dividir isso comigo. — ele disse e o meu coração se derreteu um pouquinho.

Um dia antes de viajarmos, o Rafael resolveu fazer o jantar para mim e o Théo lá em casa. Ele tinha me avisado que o Théo tinha pedido a ele algo com brócolis e que ele tinha pesquisado uma receita nova pra fazer.

Quando eu cheguei em casa, o meu filho estava no sofá assistindo desenho, então beijei sua testa e fui até a cozinha, encontrando o Rafael no fogão.

— Boa noite! — falei e ele se virou, me vendo.

— Boa noite, Lillian. Como foi seu dia no trabalho?

— Foi bem tranquilo. Como foi o seu dia com o Théo?

— Foi bom, ele comeu tudinho no almoço e de sobremesa, comeu um pedaço de melancia.

— Ele adora melancia! Devemos aproveitar o jantar e falar com ele sobre a ida à casa do seu pai.

— Pode ser. A Mércia não vai mais poder ir, ela recebeu uma ligação da mãe e precisou ir até a casa dos pais dela.

— Ah, mas não foi nada sério, né?

— Não, os pais dela estão tendo uns problemas e ela sempre vai intermediar.

— Entendi. Vou tomar um banho e já volto para jantarmos. — falei, me levantando.

Mais tarde naquele mesmo dia, algumas horas depois do jantar,

Betina entrou no meu quarto e disse:

— Foi o carro do Rafael que eu vi saindo quando eu cheguei?

— Foi, ele estava aqui. Jantamos juntos com o Théo.

— Humm, o que tá rolando entre vocês? Estão mais amiguinhos? Você não me conta mais nada, Lili! — ela disse, jogando uma almofada em mim.

— Não está rolando nada, somos pais do Théo e é natural que ele frequente a minha casa.

— Vocês ficam tão bonitinhos juntos.

— Não viaja, Tina! Ele tem uma namorada ou noiva, não sei ao certo, mas eu não vou me meter em relacionamento nenhum. O que você vai fazer no feriado? — perguntei, mudando de assunto.

— Vou pra casa. Preciso ver minha mãe e meu irmãozinho que não é mais tão pequenininho assim. — ela disse, fazendo drama.

— Quanto drama! O Leandro já está mais alto que você, supera isso! — falei e ela revirou os olhos — Não esquece de levar os presentes que comprei pra eles.

— Pode deixar, vão que horas amanhã?

— Bem cedo. Mas ainda preciso terminar de arrumar as coisas do Théo, me ajuda?

— Claro! — ela disse, indo em direção ao guarda-roupa.



LÍLIAN

Depois de horas na estrada ao som das mais variadas músicas infantis, finalmente chegamos até a casa do pai do Rafael.

Encontramos o senhor Arnaldo molhando o jardim quando chegamos. O Rafael me apresentou a ele e o senhor Arnaldo foi muito simpático.

Quando ele conheceu o Théo ficou tão feliz, disse que era como rever o filho mais novo outra vez.

Ele nos mostrou a casa, o quarto onde iríamos ficar e foi lá que eu deixei as nossas coisas.

Ele começou a separar as coisas para o churrasco e eu fui ajudá-lo. Deixei o Rafael com o Théo e só fui descobrir o que eles estavam fazendo, minutos depois.

O Théo correu até mim com a bola de futebol na mão e disse:

— Papai deixa eu fazê gol!

Baguncei os cabelos dele e falei:

— Que bom que está se divertindo, mas vim chamar vocês pra

almoçarem, a comida tá quase pronta!

O Rafael estava se aproximando de nós dois e ouviu o que eu disse. Ele pegou o Théo no colo e nós voltamos para dentro da casa.

Depois de um almoço muito agradável, repleto de histórias sobre a infância do Rafael, eu dei um banho em Théo, que adormeceu logo depois que coloquei sua roupa.

Deixei-o na cama e fui para varanda da casa. O tempo estava começando a mudar, mas me senti mesmo assim colocando os pés na grama.

Não demorou muito para o Rafael sentar-se ao meu lado.

— No que você está pensando? — ele perguntou.

— Em nada... Em tudo... Não sei. Ouvir as histórias do seu pai, me fez lembrar da minha mãe.

— Sinto muito por isso.

— Não precisa sentir, são lembranças boas. — falei e ficamos um tempo em silêncio.

— LÍlian. — ele me chamou e eu o olhei — Acha que está pronta pra me contar o que aconteceu? Porque eu estou pronto pra ouvir.

— Tudo bem. — falei, respirando fundo e contei a ele tudo o que aconteceu. O Rafael ouviu atentamente cada palavra que eu disse. — Desde aquele dia eu nunca mais vi a minha tia, eu a apaguei da minha vida, afinal, ela arruinou tudo e destruiu o que nós dois poderíamos ter sido.

Assim que eu terminei de falar, tomei coragem e encarei o Rafael. Ele me olhou atordoado com tudo o que eu havia dito e me surpreendeu ao colar os seus lábios nos meus.

Eu correspon-di ao beijo com a mesma intensidade, me entregando a aquele fiapo de esperança. Seus lábios ainda tinham o mesmo gosto.

Mas quando eu estava me perdendo completamente nele, o Rafael se afastou, se levantou e saiu sem me dizer uma palavra.

Coloquei a minha mão em meus lábios, desejando que aquele beijo tivesse durado mais alguns segundos.

Mesmo sendo errado o que tínhamos acabado de fazer, eu adoraria repetir o mesmo "*erro*" novamente.

O Rafael ficou distante de mim pelo resto da noite. Talvez ele estivesse assimilando tudo o que lhe contei ou só não queria cometer o mesmo erro de novo.

--

No dia seguinte, logo pela manhã, deixei o Théo dormindo na cama e fui até a varanda. Peguei o meu celular e liguei para a Betina.

— Oi, amiga! — falei, quando ela atendeu.

— Oi, meu bem! Como você está? — ela perguntou.

— Tô bem e você? Já chegou na casa da sua mãe?

— Já, vim ontem mesmo e trouxe o Enrico comigo para eles conhecerem...

— Hum, e vocês só estavam saindo, né? Me engana que eu gosto, Betina!

— Nós estamos saindo, Lili... Mas e você, tem algo pra me contar?

— Bem... Eu e o Rafael nos beijamos.

— VOCÊS O QUÊ? — ela gritou — Quando??

— Ontem. Eu contei a ele sobre tudo o que aconteceu e ele me beijou.

— Lili!! Ele tem namorada!

— Eu sei, mas na hora eu não pensei nisso, só que ele pensou e se afastou rapidamente. O pior é que não consigo tirar esse desgraçado da cabeça, fico revivendo o beijo o tempo todo.

— Amiga, você precisa sair com alguém, precisa conhecer pessoas novas, beijar outras bocas, você não o esqueceu porque simplesmente não

tentou esquecer.

— Eu sei disso, mas é difícil. — lamentei.

— Eu sei que sim, mas você consegue. Vamos sair no próximo final de semana? Deixa o Théo com ele.

— Vou pensar nisso...

— Nada de pensar, nós vamos sair sim! — ela ordenou.

— Tá bom, te vejo mais tarde ou só amanhã?

— Provavelmente só amanhã...

— Tudo bem, se cuida! — nos despedimos e eu desliguei.

Quando o Théo acordou, nos sentamos na mesa que tinha no jardim e o senhor Arnaldo apareceu com uma salada de frutas. Servi ao Théo e coloquei um pouco pra mim também.

— Como o nosso pequeno Théo está na creche? O Rafael me disse que ele já está estudando. — seu Arnaldo perguntou.

— Ele está indo muito bem. A professora disse que ele adora os brinquedos de montar e agora já está conhecendo as letras e os números também.

— Isso é muito bom. percebi que ele gosta bastante de frutas e legumes, isso é muito bom.

— Sim, desde que ele era muito novinho eu venho tentando deixar a alimentação dele o mais saudável possível, porque sei que vai chegar uma fase que vai ser bem difícil controlar o que ele come.

— Isso é verdade, que tal ir colher uns tomates com o vovô, Théo? — ele perguntou ao meu filho, que assentiu com a boca cheia.

Depois que tomamos o café da manhã, seu Arnaldo levou o Théo com ele para a colheita e eu fiquei na cadeira de balanço. O Rafael chegou de uma corrida e eu entendi porque não o tinha visto ainda naquela manhã.

Ele me cumprimentou, mas as coisas ainda estavam estranhas entre a gente. Almoçamos carne com legumes e depois de comermos um delicioso mousse de manga, voltamos para casa com muitas promessas de voltarmos em breve.

Quando chegamos em casa, já estava anoitecendo. O Théo tinha adormecido e assim que o Rafael estacionou, eu sai do carro e peguei o meu filho no colo.

O Rafael saiu também para me ajudar com a mala e assim que eu abri a porta, me virei pra ele disse:

— As coisas não precisam ficar estranhas entre a gente. Foi só um beijo, Rafael. Um beijo que não mudou nada. — falei e ele assentiu.

Entrei em casa e apertei o meu filho em meus braços. Apesar de ter dito aquilo a ele, tudo tinha mudado com aquele beijo. Aquele maldito beijo tinha reacendido novamente a fagulha de esperança em meu coração machucado.

--

Na manhã seguinte, acordei cedo e fiz um café bem forte. Beberiquei uma xícara dele ainda quente, olhando pela janela e desejando que aquele dia fosse melhor.

Quando eu terminei de tomar o café, acordei o Théo e lhe dei o seu café da manhã: Frutas cortadas com mel. Quando ele terminou, limpei sua boca e o ajudei a escovar os dentes.

— O papai vai me buscar hoje? — ele perguntou quando terminei.

— Vai, como ele faz todos os dias. Você não gosta de ficar com o papai?

— Eu gosto. A mamãe também vai? — ele disse, enquanto eu arrumava seu uniforme.

— A mamãe não vai, mas prometo que nós faremos algo juntos em

breve. Te amo muito.

— Tinhamu, mamãe. — ele respondeu, segurando o meu rosto e me dando um beijo.

Nós descemos juntos e encontramos a Betina na sala.

— Não vai trabalhar hoje? — perguntei, já que normalmente essa hora ela já teria saído.

— Vou, estava esperando vocês. — ela disse, se levantando.

Sáímos de casa e caminhamos em direção à creche do Théo. Ele andava em nossa frente enquanto nós duas íamos atrás, conversando e de olho nele.

— O Théo me perguntou se eu estaria com ele e com o Rafael hoje.

— Olha o pirralho tentando juntar vocês! — ela disse, rindo.

— Ele nunca teve os pais juntos, então eu até entendo.

— Eu também entendo, mas o cara tá namorando e você precisa arrumar um namorado! Nós precisamos sair esse fim de semana, você precisa conhecer alguém nem que seja por uma noite. — ela falou.

— Esse lance de uma noite não é pra mim, eu tenho um filho!

— Eu sei que sim. E ele foi sua consequência de uma noite, por isso você tá traumatizada. — ela disse, rindo e eu a empurrei de leve.

— Besta! Mas vamos sair no próximo fim de semana como você disse, quero me divertir com a minha melhor amiga. — falei assim que chegamos na creche do Théo.

Vinte e quatro



LÍLIAN

Alguns dias depois...

Era sexta-feira à noite, eu estava no chão da sala vendo o Théo brincando com os bloquinhos de montar e estava esperando a Betina chegar com o nosso jantar.

Eu tinha feito o pedido e ela ia passar no restaurante pra buscar. Minutos depois ela passou pela porta e eu me levantei para ajudá-la com as sacolas.

Fomos pra cozinha e eu comecei a montar o prato do Théo.

— Nós vamos sair amanhã, vai ter um show numa casa noturna na cidade vizinha. — ela disse, animada.

— Certo, vou falar com o Rafael e ver se ele pode ficar com o Théo.

— Beleza, mas vocês já se falaram desde o incidente?

— Ainda não, ele me evitou a semana toda e quando nos encontrarmos, eu não falei nada e ele muito menos.

— Que situação, hein! O problema entre você e o Rafael são os

assuntos inacabados. Conversa com ele, resolve isso logo. Só assim você vai poder seguir com a sua vida e ele com a dele. Vou tomar um banho. — ela disse, saindo da cozinha e me deixando pensativa.

Peguei o meu celular e mandei uma mensagem para o Rafael.

< LÍlian > Rafael, boa noite. Não costumo te pedir isso, mas você pode cuidar do Théo amanhã à noite?

< Rafael > Oi, LÍlian. Claro que eu posso ficar com ele, não precisa ficar receosa de me pedir isso. O Théo também é o meu filho.

< LÍlian > Ótimo, vou sair com a Betina e como eu ainda não voltei a falar com as pessoas que eu conhecia, só tenho como pedir isso a você.

< Rafael > Eu fico com ele sem problemas! Que horas você quer que eu vá buscá-lo?

< LÍlian > Lá pelas oito horas eu acho que tá bom. Obrigada!

< Rafael > Não precisa agradecer.

--

No sábado, coloquei um macacão preto de mangas longas, bem justinho e salto alto – não gostava muito de usar, mas nessa noite eu queria me sentir muito bonita – fui pra sala e enquanto eu esperava a Tina terminar de se arrumar, a campainha tocou. Eu sabia que era o Rafael, por isso gritei:

— Théo pega sua mochila, seu pai chegou.

Me levantei indo, até a porta e quando a abri, o Rafael me olhou de cima a baixo e disse:

— Você está linda. — coloquei o cabelo atrás da orelha e sorri.

Era a primeira vez que ele falava comigo desde o beijo e eu já estava toda boba com ele.

Era inegável a maneira como ele mexia comigo.

— O Théo já está descendo. — falei, sem quebrar o nosso contato

visual.

— Tudo bem — ele disse, se aproximando um pouco mais de mim — Ver você desse jeito me lembrou a noite em que nos conhecemos. — eu sorri mais uma vez e ele colocou a mão em meu rosto.

Estávamos muito próximos, envoltos naquilo que sentíamos sempre que estávamos muito perto, mas eu não podia fazer mais isso.

Dei dois passos pra trás e disse:

— Não podemos fazer isso, Rafael. Você tem namorada e apesar de tudo, não quero que as coisas entre nós aconteçam desse jeito.

— Tudo bem, me desculpa. — ele disse, claramente constrangido.

No mesmo momento o Théo correu até o Rafael, chamando-o de papai e toda a atenção foi voltada pra ele.

Me despedi do meu pequeno com muitos beijos e abraços e o observei ir embora com o pai.

Logo depois que fechei a porta, Betina apareceu e ao olhar para o meu rosto, disse:

— Vamos desfazer essa carinha triste, essa noite a gente vai encher a cara!

Fomos para um bar mexicano e eu virei algumas tequilas. A música estava boa e algumas amigas do trabalho da Betina estavam lá. Não demorou para que o Enrico aparecesse.

Betina o cumprimentou com um beijo e logo depois ele veio falar comigo.

— Oi, Lilian. Fico feliz que a Betina tenha conseguido te trazer hoje. — ele disse.

— Acho que cansei de ouvir ela insistido nesse assunto o tempo todo, você deve saber que essa daí é persistente. — falei, apontando pra ela.

— Eu bem sei disso. — ele falou, beijando-a mais uma vez e eu pedi

licença, indo até o bar pedir mais uma bebida.

Quando voltei pra mesa, percebi que a Tina tinha ido dançar com o Enrico. Tentei me divertir e me distrair, mas eu não estava mais com ânimo pra estar em uma festa. Então pedi licença às pessoas da mesa e saí.

Assim que cheguei em casa, me joguei no sofá, tirei os sapatos e me deitei.

Depois de mandar a mensagem para Betina, eu me peguei pensando no meu pai, que talvez já estivesse na hora de encontrá-lo, contar toda a verdade e talvez, recuperar o tempo perdido.

--

Na manhã seguinte, mandei uma mensagem para o Rafael e dei uma olhada pra ver se a Betina já tinha acordado. Vi que a mesma dormia tranquilamente em sua cama, deixei um bilhete avisando que ia buscar o Théo e saí.

Resolvi ir andando. A casa do Rafael ficava há alguns minutos de distância e eu queria usar esse tempo para pensar.

Eu precisava decidir como iria me aproximar do meu pai, eu queria que ele soubesse quem eu era, que ele tinha uma filha.

Só que eu não podia chegar pra ele do nada e contar quem eu era. Queria me aproximar antes e pediria ao Rafael para me ajudar com isso.

Assim que cheguei perto da casa do Rafael, encontrei a Mércia saindo aos prantos da casa. Ela ainda não tinha me visto e daquela distância ela parecia estar bem mal.

Pensei em perguntar o que estava acontecendo, mas assim que me viu, sua feição mudou. Ela limpou as lágrimas abruptamente e gritou, me empurrando:

— Isso é tudo culpa sua! Sua e desse bastardinho maldito que você trouxe pra minha vida!

Eu aturaria qualquer coisa que ela pudesse me dizer, desde que fosse direcionado a mim, mas eu não permitiria que ela falasse mal do meu filho.

Então, cega pela raiva, parti pra cima dela, deixando toda a minha racionalidade de lado, empurrei-a e gritei:

— Não abra sua boca imunda pra falar do meu filho, está ouvindo!? Não ouse falar do meu filho! — ela pareceu assustada, como se não esperasse essa reação minha, mas ninguém mexeria com o meu filho.

— Isso não vai ficar assim, LÍlian. Eu faço da sua vida um inferno, mas não vou permitir que fique com ele. — ela gritou, se afastando de mim antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Respirei fundo, me recompondo, mas minhas mãos ainda tremiam de nervoso quando eu bati na porta.

O Rafael me recebeu com um sorriso, que murchou assim que ele viu como eu estava.

Ele segurou a minha mão e me levou até o sofá.

— LÍlian, aconteceu alguma coisa? Você está tremendo. — ele perguntou.

— É só raiva acumulada. Encontrei sua namorada quando eu estava saindo.

— A Mércia te fez alguma coisa?

— Ela só disse uma coisa que me deixou furiosa, mas nada que mereça ser repetido. Cadê o Théo? — perguntei.

— Ele tá lá em cima. Estava impaciente te esperando, então coloquei um filme e o deixei assistindo no quarto.

— Pode chamá-lo? Queria levá-lo ao parque hoje.

— Claro, vamos lá em cima. Ele com certeza vai querer te mostrar os desenhos que fez durante a noite passada. — Rafael disse, me guiando até o quarto do nosso filho.

Depois do Théo me mostrar todos os desenhos que fez com o pai na noite passada, nos despedimos do Rafael e seguimos para a pracinha. Brincamos juntos nos brinquedos enquanto ele me contava tudo o que tinha feito com o pai. Almoçamos no Recanto do Sabor e eu apresentei o Théo a todos os meus colegas de trabalho. Como era impossível não se encantar com o meu garoto, fizeram até uma sobremesa especial para ele.

Voltamos pra casa, onde ele ficou durante toda a tarde com a madrinha. O deixei com a Tina para eles terem um momento deles dois, já que a minha amiga estava com saudades de dar dengo ao meu menino.

Aproveitei esse tempo para organizar aquilo que faltava da casa, ainda tinham muitas coisas em caixas. Arrumei os meus livros e coleções de filmes em uma estante. Apesar de não desejar mais cursar cinema, ainda amava demais aquele tipo de arte. Pendurei fotos do Théo pela casa, tirei as roupas que faltavam da mala e fui fazer o jantar.

Temperei a carne e enquanto me decidia se faria um macarrão ou arroz, o Rafael me mandou uma mensagem.

< Rafael > Oi, LÍlian... Hoje pela manhã eu acabei não conversando com você sobre uma coisa. Será que eu poderia passar aí na sua casa mais tarde para fazer isso?

< LÍlian > Oi, Rafa! Claro que pode! Gostaria de jantar com a gente?

< Rafael > Se não for incomodar...

< LÍlian > Não é incomodo nenhum, o Théo vai amar. Falou sobre você hoje o tempo todo.

< Rafael > Se for assim, ótimo! Nos vemos mais tarde.

< LÍlian > Até mais tarde, Rafael.

--

O jantar foi extremamente agradável. Era nítida a alegria do Théo ao ter nós dois com ele. Infelizmente a Betina não quis participar do jantar, ela

disse que aquele era um momento em família e saiu uns minutos antes do Rafael chegar.

Depois de comermos a sobremesa que o Rafael tinha trazido – uma deliciosa torta de prestígio –, fomos pra sala e nos sentamos um em cada lado do sofá com o Théo no meio e assistimos a um filme, mas não qualquer filme e sim: *Um bom dinossauro*.

Eu já tinha assistido a esse filme pelo menos duas vezes essa semana, já que esse era o filme favorito do meu filho no momento. Já tinha até decorado as falas dos personagens.

Não assistimos ao filme todo porque na metade do mesmo, percebi que o Théo estava sonolento, então deixei o Rafael na sala e o levei até o quarto.

Depois de escovar os seus dentes com ele praticamente dormindo nos meus braços, coloquei-o na cama e o cobri com os lençóis.

Bocejando, meu pequeno disse:

— Quelia isso todo dia.

— Isso o quê, meu amor? — perguntei, acariciando seus cabelos.

— Théo, mamãe e papai juntinhos. — ele respondeu, fechando os olhos e eu desci as escadas com o desejo do meu filho em meus pensamentos.

Assim que me sentei ao lado do Rafael, ele se aproximou um pouco mais.

— Ele não deu trabalho pra dormir, né? — perguntou.

— Não, estava com bastante sono.

— Ontem ele não quis dormir sozinho, então pediu que eu ficasse com ele em seu quarto. Assistimos a esse mesmo filme e ele adormeceu antes que chegasse ao final.

— É sempre assim... — falei a ele.

— Lili — ele disse, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto. Era a

primeira vez que ele me chamava desse jeito — Hoje de manhã, eu terminei o meu relacionamento com a Mércia. Não estava dando mais certo e eu não estava sendo verdadeiramente sincero com ela. Por todos esses anos eu achei que sentia por ela o mesmo que senti por você, mas nunca foi desse jeito com mais ninguém além de você.

— Por isso ela saiu chorando da sua casa...

— Sim, ela não aceitou muito bem as coisas. — ele disse, olhando nos seus olhos.

Eu tomei coragem e perguntei:

— Rafael, você quer viver comigo tudo aquilo que deveríamos ter vivido três anos atrás?

— Isso é tudo que eu sempre quis. — ele respondeu, tomando minha boca em um beijo apaixonado, repleto de desejo reprimido e muito amor.

Vinte e cinco



LÍLIAN

Passamos a semana fazendo atividades juntos. O Rafael e o Théo iam me buscar no trabalho e nós saíamos para algum lugar. Fizemos piquenique na praça embaixo de uma árvore gigantesca, onde enquanto o meu filho corria ao nosso redor, meu amado me roubava beijos quando ninguém estava olhando. Fomos também para a praia, onde assistimos ao pôr do sol abraçadinhos na areia, jantamos juntos todas as noites e posso dizer que assim como o Théo, eu estava amando aqueles momentos em família.

Já havia anoitecido e eu e o Rafael estávamos deitados no sofá da minha casa. O Théo tinha ido dormir, e a Tina tinha saído com o Enrico. Ela provavelmente dormiria na casa dele, então eu não me preocuparia com ela. Me aconcheguei no colo do Rafael e disse:

— Preciso te contar uma coisa.

— Pode falar, meu amor. — ele disse, levantando meu rosto para que ficássemos cara a cara.

— Eu sei que provavelmente deveria ter te contado isso antes, mas

tanta coisa aconteceu... — hesitei um pouco antes de contar — Preciso que você me ajude a falar com o meu pai.

— Seu pai? Pensei que não o conhecia... — ele questionou um pouco confuso.

— E não o conheço. Não fazia a mínima ideia, mas umas noites atrás, encontrei uma carta que a minha mãe escreveu pra mim e também uma carta para que eu entregasse ao meu pai. Minha mãe nunca teve a oportunidade de me entregar essa carta em mãos, mas nela ela dizia o nome do meu pai.

— E como você se sentiu ao ler isso? — ele perguntou preocupado

— Um pouco abalada por lembrar dela e por saber quem ele era.

— Para você precisar da minha ajuda, suponho que seja alguém que eu conheço, não é? — ele perguntou, acariciando meu rosto.

— Sim, você conhece o meu pai, Rafael. O nome dele é Ricardo Alves, ele é o... — ia falar, mas o Rafael me interrompeu.

— O pai da Mércia. — ele disse e ficou pensativo por um tempo. — Mas quando isso aconteceu? Sei que eles são casados há muitos anos.

— A minha mãe não se orgulha de ter saído com um homem casado, mas aconteceu. — falei e vi a surpresa em seu olhar.

— Eu nunca poderia imaginar, mas agora olhando pra você, consigo notar algumas semelhanças. — ele disse, acariciando meu rosto — O que você acha de encontrá-lo no sábado pra um almoço? Conheço o restaurante favorito dele.

— Eu adoraria. Muito obrigada por isso, meu amor. — lhe dei um selinho e o abracei.

--

O Rafael conversou com o meu pai no dia seguinte e quando o fim de semana chegou, fomos encontrá-lo. Assim que chegamos ao restaurante, o Rafael viu que o Ricardo estava sentado em uma das mesas. Começamos a

caminhar em direção a ele e eu segurei a mão do Rafael para tentar fazer as minhas mãos pararem de tremer, eu estava tão nervosa.

Mas quando paramos ao lado da mesa, ele cumprimentou o Rafa e quando ele olhou pra mim, foi como se ele soubesse. Talvez por eu ser tão parecida com a minha mãe.

— Senhor Ricardo, essa é a minha namorada, LÍlian. Foi sobre ela que eu falei com você ao telefone. — ele me apresentou.

— É um prazer conhecê-la, LÍlian. Estranhamente você me lembra alguém. — ele disse e eu me sentei em sua frente.

O Rafael beijou suavemente a minha testa antes de ir até o bar, onde se sentou em um dos bancos.

— Na verdade, o senhor conheceu a minha mãe, o nome dela era Laura Gonçalves. — falei sutilmente.

— E ela teve uma filha... — ele disse, com um sorriso saudoso no rosto — Como ela está?

— Minha mãe morreu uns anos atrás...

— Eu sinto muito, querida. — ele disse, segurando uma das minhas mãos, me consolando.

— Muita coisa aconteceu, mas há alguns dias, enquanto eu olhava algumas coisas dela, encontrei duas cartas. Uma delas estava endereçada a mim... — hesitei um pouco — e a outra estava endereçada a você. — falei, tirando a carta da bolsa e entreguei a ele.

Meu pai pegou a carta das minhas mãos e abriu-a cuidadosamente. Esperei ansiosamente que ele lesse tudo e ao fim, quando ele olhou pra mim com os olhos cheios de lágrimas e disse:

— Você é minha filha.

— Eu sou. — falei, já me desmanchando em lágrimas.

Ele me abraçou e eu me senti como se estivesse nos braços da minha

mãe outra vez. Eu me senti em casa. Depois desse abraço, o Rafael se juntou a nós dois e conversamos bastante. Surpreendentemente, não tivemos problemas para nos comunicarmos um com o outro. Os assuntos fluíam como água em um rio e eu estava gostando muito de conhecê-lo melhor.

Depois de nos despedirmos do meu pai, buscamos o Théo na creche – afinal, hoje ele tinha tido uma programação especial lá com muitas brincadeiras – e fomos, a pedido do meu filho, até uma sorveteria.

Enquanto comíamos, Betina me mandou uma mensagem:

< Betina > Amiga, como foi com o seu pai?

< Lílían > Oi, amiga. Foi tudo muito bem, muito emocionante. Já saímos do restaurante, pegamos o Théo na creche e agora estamos na sorveteria da praça.

< Betina > Tô muito feliz por você, vamos sair hoje pra comemorar, os dois casais?

< Lílían > Adorei a ideia, vou falar com a babá do Théo e combinar tudo com ela.

< Betina > Ótimo, nos vemos mais tarde.

Guardei o celular e contei ao Rafael sobre o convite. Ele também gostou da ideia, então acertamos tudo com a babá que cuidaria do Théo por algumas horas.

--

Mais tarde naquele mesmo dia, fomos pra uma hamburgueria. Estávamos conversando e rindo como nunca. Aquela era a primeira vez que estávamos saindo juntos.

Enquanto ouvia a Betina contar sobre uma situação que tinha acontecido no trabalho dela, o celular do Rafael começou a tocar e eu vi que era a Mércia. Depois de tantos dias, foi a primeira vez que vi algo dela.

O Rafael recusou a chamada, mas ela insistiu, então ele pediu licença

e se afastou para falar com ela.

Betina continuou falando, mas eu já não prestava tanta atenção, batiquei meus dedos na mesa e esperei ele voltar.

Quando o Rafael voltou, Betina já tinha terminado de contar toda a história do trabalho dela. Rafael colocou o braço sobre meus ombros e colocou o celular entre nós dois.

Betina ergueu uma das sobrancelhas pra mim e eu expirei o ar que nem sabia que estava guardando. Enquanto o Rafael bebericava um copo de cerveja e conversava com o Enrico sobre o jogo que estava passando, a tela do seu celular brilhou mostrando uma mensagem:

"Avisa a sua nova namoradinha pra ficar bem longe do meu pai. Eu estou falando sério, Rafael."

Era uma mensagem da Mércia, parece que o que quer que eles tinham conversado no celular, não tinha adiantado muito. O meu pai provavelmente tinha contado a ela sobre mim, mas mesmo com toda essa ameaça dela, eu não sentia medo. Não me afastaria do pai que eu tinha acabado de encontrar por causa de ninguém.

Ficamos mais alguns minutos no bar, conversando, bebendo. Apesar de tudo, tinha sido uma noite agradável.

Quando chegamos em casa, Théo já estava dormindo. Depois de pagar e agradecer a babá que tinha ficado com ele, eu e o Rafael nos deitamos abraçados no sofá e enquanto ele acariciava os meus cabelos, perguntou:

— Acho que nunca te perguntei isso, mas você falou com a sua tia depois de tudo o que aconteceu?

— Eu liguei pra ela logo depois que o Theo nasceu. Nós tínhamos acabado de chegar na pensão, eu estava tendo um pós-parto difícil, mesmo assim liguei pra ela. Eu sentia que precisava ter alguém da minha família comigo, mas a conversa não foi das melhores e eu vi que não valia a pena

tentar me aproximar. A partir daquele momento, mais do que nunca, eu vi que a minha família se resumia a pessoas que me amavam e estavam ao meu lado naquele momento. — falei e ele me aconchegou em seus braços, agora ele também fazia parte da nossa família.

--

No dia seguinte, meu pai me ligou logo cedo, me convidando para almoçar com ele e sua família. Relutei um pouco em aceitar – por motivos óbvios - , mas acabei cedendo e aceitando o convite. O Rafael se ofereceu para ir comigo para me dar apoio e com isso, fomos juntos no meu horário livre de almoço.

Desde o momento em que entrei naquela casa, eu senti que aquele almoço seria um completo desastre. Me senti bem-vinda apenas quando meu pai me recepcionou com um abraço, porque quando os olhares de Mércia e sua mãe me atingiram, senti uma náusea preencher o meu estômago. Claramente elas não estavam felizes em me ter ali.

Apesar das tentativas do meu pai, era impossível manter uma conversa naquela mesa e eu me senti feliz em não ter trazido o Théo comigo. Apesar de gostar muito do avô, ele não merecia estar em um ambiente onde não era bem-vindo.

Sônia e Mércia não fizeram o menor esforço para manter uma conversa agradável, e ter o Rafael ao meu lado, só amenizava um pouco toda aquela situação.

Em um determinado momento enquanto comíamos, meu pai comentou:

— Sabe, Lílían, eu não sei se você gosta, mas adoraria que fosse pescar comigo. Temos um rio excelente para pesca há alguns quilômetros.

— Eu adoraria. — falei e assim que eu terminei de falar, Mércia bateu com força sua mão sobre a mesa.

— Vai me roubar esse momento com o meu pai também? — ela gritou e meu pai disse com a voz cansada:

— Filha, por favor, não comece com isso de novo.

— Eu vou falar sim papai. Desde o começo eu disse que era uma péssima ideia trazer essa garota aqui. Ela já roubou o meu namorado e agora quer roubar o meu pai? Eu não vou permitir isso. — ela gritou, apontando o dedo pra mim.

— Eu não posso roubar algo que sempre foi meu, a minha ligação com o Rafael é maior do que você pode sequer imaginar e eu não vou me afastar do meu pai por causa das suas birras, basta você ser uma mulher madura pra entender. — falei sem sequer levantar o tom pra falar com ela.

Mércia se enfureceu e tentou partir pra cima de mim, jogando algumas coisas que estavam na mesa. O Rafael ficou na minha frente e disse:

— Mércia, eu sei que você está magoada e que eu te machuquei, mas não desconta isso na LÍlian ou no seu pai. Eu terminei com você porque ainda amava ela, na verdade acho que nunca deixei de amar. — aquilo a deixou em choque e o meu pai a levou para outra sala. Eles conversaram e ela saiu batendo a porta com bastante força.

Eu cobri meu rosto com as minhas mãos e respirei fundo enquanto o Rafael me abraçava. Eu não queria estar ali naquele momento, me sentia como se tivesse destruído o pouco que eu e o meu pai tínhamos construído.

Me levantei para irmos embora e meu pai me assegurou com um abraço que tudo estava bem, mas eu sabia que não estava, ele estava preocupado.

Assim que eu e o Rafael saímos da casa dele, seguimos andando para que eu me distraísse um pouco e foi quando nós vimos uma pequena multidão no meio da rua. Um acidente tinha acontecido. Nos aproximamos para ver se poderíamos ajudar, quando a vimos.

Mércia estava quase inconsciente na pista, ela tinha sido atropelada.

Vinte e seis

Vinte e seis

LÍLIAN

Eu e o Rafael rapidamente ligamos para emergência e enquanto esperávamos uma ambulância, eu avisei ao meu pai o que tinha acontecido.

Ele e a esposa apareceram um pouco depois da ambulância chegar e enquanto a mãe da Mércia gritava que aquele acidente era culpa minha, meu pai a abraçou e eles entraram na ambulância.

Eu e o Rafael pedimos um motorista por aplicativo e fomos até o hospital. Entramos e encontramos meu pai em uma das cadeiras da área de emergência. Ele estava nervoso, mas eu me sentei ao seu lado e segurei a sua mão.

Esperamos por alguns minutos até que uma enfermeira veio nos dar notícias da Mércia. Ela tinha fraturado uma das pernas e teria que ficar com ela imobilizada por um tempo. Com a queda ela tinha batido a cabeça e precisava ficar de repouso no hospital por essa noite, em observação.

Meu pai e a mãe dela entraram para falar com ela e nós esperamos por um tempo para não sairmos sem nos despedir deles, mas quando apenas meu

pai saiu do quarto, ele avisou ao Rafael que a Mércia queria falar com ele.

— Já volto! — ele disse, depositando um beijo na minha testa antes de entrar no quarto.

Esperiei ao lado do meu pai que disse:

— Ela está bem, só pediu pra vê-lo para tranquilizá-lo, afinal eles tiveram uma relação de anos.

— Sei disso, pai. Vou ligar pra babá pra ver como o Théo está. — falei, me afastando dele.

Mandei uma mensagem para babá que me garantiu que estava tudo bem. Enquanto eu a avisava que já estávamos voltando, o Rafael apareceu.

— Vamos? — perguntei.

— A Mércia me pediu pra ficar com ela essa noite. — ele disse.

— Sério? E você disse a ela que não poderia? — perguntei.

— Na verdade não disse. — ele falou, coçando um pouco seu pescoço.

— Então você vai ficar com ela? — perguntei, um pouco magoada.

— Ela precisa de mim, Lili. — ele disse e apesar de também precisar dele, eu não discutiria naquele momento.

— Tudo bem, nos vemos amanhã então? — perguntei e ele assentiu.

Nos despedimos com um selinho e eu fui para casa sozinha, mas mal sabia eu que aquele seria só o início de um longo período distantes um do outro.

Assim que cheguei em casa, dispensei a babá e com o meu filho no colo, segui para o meu quarto. Coloquei o Théo sobre a cama e logo meu celular tocou. Era a Betina.

Pensei em não atender, mas era a minha melhor amiga.

— Oi, Tina. — falei assim que atendi.

— Oi, amiga. Como foi o almoço na casa do seu pai? — ela perguntou animada e um nó surgiu na minha garganta.

— Poderia ter sido melhor... Será que você pode vir pra casa? Aqui eu te conto tudo. — falei e ela percebeu pelo meu tom de voz que as coisas não estavam bem.

— Posso sim, vou só falar com o Enrico e já estou indo. Vou aproveitar e levar uma garrafa de vinho.

— Não está muito cedo pra vinho?

— Nunca está. Chego daqui a pouco, fica bem. — ela disse e nos despedimos.

Me deitei na cama ao lado do Théo que olhava os legos em sua mão.

— Oi, meu amorzinho. Como foi com a Kátia?

— Foi legal, ela fez uma comida bem gostosa.

— Hum, que delícia! — falei, mexendo em sua barriguinha. — Você sabia que o seu aniversário está chegando?

— É mesmo? — ele perguntou focando totalmente a atenção em mim.

— É sim. Vamos comemorar na creche com os seus amiguinhos, o que acha?

— Vai ser divertido, mamãe. — ele disse e eu beijei seu narizinho e o abracei. — A mamãe tá tisti?

— Não, mas acho que eu ficaria melhor com seu super abraço. — falei e ele me abraçou do jeito mais forte que podia e aquilo me fez muito bem.

O Théo acabou dormindo e quando a Tina chegou, eu já estava na sala, esperando-a com as taças sobre a mesa.

Ela me cumprimentou com um aceno rápido e foi até a cozinha abrir a garrafa. Quando ela se sentou ao meu lado e serviu nós duas, eu despejei tudo aquilo que tinha acontecido e salientei o quanto tinha ficado chateada com o

fato de o Rafael ter ficado com a Mércia.

— A maneira como o meu pai falou também, parecia que eu estava atrapalhando, Tina.

— Imagino que isso deve ter sido péssimo. Na verdade, toda essa situação é, mas ele está com você, amiga. Ele disse isso a ela, que sempre te amou. Se apega a isso. Você e o Rafael vão passar por mais essa tá.

— Eu espero que sim. Agora me conta sobre você e o Enrico. Praticamente não te vejo mais. Além disso, tem falado com a sua mãe e com o seu irmão?

— A mamãe e o Leandro estão bem. mamãe está pensando em casar de novo e o meu irmãozinho está querendo virar um *gamer*, vê se eu posso com isso? — ela disse, rindo um pouco — E sobre o Enrico, nós estamos bem. Eu gosto muito dele, Lili, de verdade, hoje ele até me fez uma proposta.

— Hum, é mesmo? E essa proposta envolvia uma aliança? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

— De certo modo, sim. Ele quer que eu tome conta da loja da família dele, da parte administrativa. Eu tenho o ajudado durante esse tempo em que estamos juntos, mas agora ele quer que eu assuma o controle de tudo.

— E o que você acha disso?

— Você me acharia louca se eu te dissesse que estou considerando aceitar? — ela perguntou, um pouco insegura.

— Claro que não! Você é excelente no que faz e eu acho ótimo que o Enrico esteja reconhecendo isso.

— Eu fiquei de dar a resposta a ele amanhã. Nós vamos jantar juntos, ele ama cozinhar e eu adoro explorar isso. — ela disse, rindo e eu ri também. — O que acha de levarmos o Théo para o cinema hoje?

— Adorei a ideia. Acho que tem algum filme novo de herói passando.

— E quando não tem, amiga? Vou olhar a programação. — ela disse,

pegando o celular e eu liguei a televisão.

Vinte e sete



LÍLIAN

Fomos para o cinema e eu fiz o máximo para me concentrar nisso e curtir o momento, mas a todo tempo eu pensava no Rafael e em como ele não estava ali conosco. Quando o filme acabou, fomos andar pelo shopping e enquanto o Théo se divertia bastante em uma gigante piscina de bolinhas com a Betina, o meu celular tocou.

Era o Rafael.

— Oi, amor. — falei assim que atendi.

— Oi, vida. Como você está? Demorei para perceber que talvez a minha decisão de ficar aqui no hospital não tenha sido das melhores e que talvez você tenha ficado chateada.

— É, realmente não foi, mas eu entendo. Vocês passaram anos juntos, é natural que ela quera você aí, que ainda te ame e que queira estar com você.

— Sim, mas eu só aceitei ficar porque me senti um pouco culpado por isso tudo. Ela saiu daquela maneira pelo que eu falei com ela, não queria que

ela se sentisse pior, toda essa situação já é péssima.

— Toda essa situação é péssima para todo mundo, Rafael. Acha que eu me sinto bem no meio disso tudo? Eu não me sinto, parece que eu atrapalhei todo relacionamento de vocês quando não foi nada disso que aconteceu.

— Claro que você não atrapalhou nada, meu amor. O que nós sentimos um pelo outro vem de muito tempo e estar com a Mércia não apagou isso. Me desculpa por te colocar nessa situação.

— Eu... — ia começar a falar, mas vi o Théo saindo do brinquedo com a Tina — Preciso desligar, Rafael. Já está tarde e eu preciso ir pra casa. Conversamos depois?

— Claro, manda um beijo pro meu garoto. — ele disse. Nos despedimos e eu desliguei.

Quando chegamos em casa, o Théo estava quase adormecido em meu colo. Avisei a Betina que ia colocá-lo para dormir e subi em direção aos quartos. Depois de um banho rápido que o despertou um pouco, eu o coloquei novamente na cama e depois de uma historinha, ele adormeceu.

Tomei um banho rápido, coloquei o meu pijama e depois de encher uma taça de vinho na cozinha, me sentei no sofá. Eu não conseguia parar de pensar na conversa que eu e o Rafael tínhamos tido e o quanto estava me machucando ele não estar ao meu lado agora.

--

No dia seguinte acordei cedo, me arrumei para o trabalho e fui colocar o café da manhã do Théo. Enquanto eu fazia umas torradas, a Betina entrou na cozinha e perguntou:

— Bom dia! Gostou do meu look para me demitir?

— Bom dia! Eu amei, você está linda como sempre!

— E você está com uma carinha de quem não dormiu muito bem... Vi

você na sala ontem à noite, mas nem quis atrapalhar. Você parecia nem estar ali, amiga.

— Eu e o Rafael conversamos um pouco quando você e o Théo estavam naquele brinquedo do parque. Ele percebeu que toda aquela situação tinha me deixado chateada e tal, mas não largou ela lá para vir ficar comigo, e eu sei que ela pediu pra ele ficar porque sabia que isso me magoaria. Ela me disse que tornaria a minha vida um inferno quando eles terminaram.

— Lili, não cai no jogo dela. Eu sei que você está magoada com tudo isso e que a situação que vocês se encontram não é muito fácil, afinal, você está entrando pra uma família que apoiava o relacionamento deles. Mas não deixa a insegurança te dominar, tá bom? Você e o Rafael se amam e eu quero que você se apegue nisso, no que vocês sentem um pelo outro. Olha a quanto tempo vocês se gostam. Não deixa aquela enjoada destruir isso. — ela disse, me abraçando e nós ficamos assim por um tempo.

Com os olhos um pouco molhados, fui acordar o Théo. Depois de arrumá-lo para a escolinha, descemos para tomar o café da manhã com a Betina. Enquanto comia suas torradas, o Théo contou à Betina, super animado:

— Dinda, meu *niversário* tá chegando!

— Eu sei, meu amor! Eu e a sua mamãe estamos preparando algo muito lindo pra você, sabia? — ela perguntou a ele, que assentiu com um sorriso.

— Papai vem hoje, mamãe? — ele me perguntou.

— Acho que sim. Vou ligar pra ele para perguntar, tudo bem? — falei e ele assentiu, bebendo seu suco.

Minutos mais tarde, me despedi do meu pequeno com um beijo em sua testa e fui para o trabalho. Normalmente o turno da manhã só ficava tranquilo depois do café da manhã. O Recanto do Sabor era um restaurante

bem antigo, então, apesar do Jean ter assumido o lugar, ele conseguiu manter a maioria dos clientes.

Enquanto eu limpava algumas mesas, meu celular começou a tocar e como não tinha clientes por perto, eu atendi.

— Oi, vida! Já está no trabalho? — Rafael perguntou.

— Oi, já estou sim. Deixei o Théo na creche, ele perguntou por você.

— Que saudade do meu pequeno! Que tal almoçarmos juntos hoje? Preciso resolver algumas coisas essa manhã, mas quero estar com vocês.

— Estou almoçando mais cedo essa semana e não quero bagunçar os horários do Théo. Que tal sairmos mais tarde? Podemos ir ao parque quando eu sair do trabalho. — sugeri a ele.

— Adorei a ideia. Passamos pra te buscar então. — nos despedimos e eu desliguei, voltando a trabalhar.

Mais tarde naquele dia, o Rafael chegou de mãos dadas com o Théo.

— Oi, meu amor. — falei, pegando o meu filho no colo. O Rafa me deu um selinho e perguntou:

— Já podemos ir?

— Sim, vou só pegar a minha bolsa. — falei, entrando no restaurante novamente.

Quando eu saí, senti minha animação em passar um tempo com as duas pessoas que eu mais amava no mundo se esvair. O semblante do Rafael tinha mudado completamente.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, preocupada.

— A Sônia acabou de me ligar, ela me implorou pra voltar para o hospital. Parece que a Mércia tentou contra a própria vida e ela está desesperada. Me desculpe por não poder estar com vocês como eu combinei. Pedi pro Enrico me levar até lá, ele estava por perto e já está chegando. — ele disse, segurando a minha mão.

— Tudo bem, me manda notícias. — falei e ele beijou minha testa e se despediu do filho minutos antes do Enrico estacionar o carro em nossa frente. Ele acenou rapidamente para nós dois antes do Rafael entrar no carro.

— O papai não vai? — Théo perguntou e eu o carreguei no colo.

— Ele teve que ir para outro lugar, mas nós dois vamos comer aquele *brownie* delicioso e brincar um pouco no parque. Vou ligar pra sua dinda pra ver se ela não quer encontrar a gente. — falei e ele sorriu, satisfeito com os novos planos.

Enquanto eu observava o Théo comer o brownie, se sujando todo de chocolate, mandei uma mensagem para Betina nos encontrar no parque. E enquanto eu a esperava, recebi uma mensagem do Rafael.

< Rafael > Meu amor, a Mércia está bem. Acho que a Dona Sônia exagerou um pouco, mas como ela ainda estava muito agitava, vou continuar aqui pra tentar tranquilizá-la.

Reli a mensagem umas duas vezes e tentei não deixar a insegurança me dominar. Eu me sentia muito inexperiente quando se tratava dos meus sentimentos. Eu só tinha me apaixonado uma vez e depois dele, não consegui amar ninguém. Isso fazia eu me sentir muito confusa diante de tudo. Eu não sabia como deveria agir e se era muito egoísmo da minha parte querer que o Rafael ficasse comigo e com o filho e que não se importasse tanto com o que a minha meia-irmã estava fazendo.

Vinte e oito



Vinte e oito

LÍLIAN

Quando a Betina chegou, passamos uma tarde bem divertida com ela. Andamos de bicicleta no parque, fomos em algumas lojinhas próximas e compramos um carro robô para o Théo porque ele ficou obcecado pelo brinquedo assim que o viu na loja. Depois de muitos pedidos, eu cedi e comprei o brinquedo pra ele. Quando já estávamos a caminho de casa, o celular da Tina tocou e precisou de apenas um segundo para eu descobrir que era o Enrico.

A Betina ficava muito boba quando falava com ele e isso me surpreendia muito porque ela sempre era muito fria nos antigos relacionamentos. Depois de desligar, ela perguntou:

— O Théo pode ir comigo para o aniversário da afilhada do Enrico hoje?

— Que convite mais inesperado!

— Eu sei, nem acredito que ele só me contou agora, mas vai ser em um mini parque de diversões que está na cidade vizinha e eu acho que o Théo

se divertiria bastante.

— Então vocês dormiriam lá?

— Sim, na casa dos pais do Enrico.

— Por mim tudo bem, amiga. Sabe que confio em você.

— Ótimo, então vamos voltar pra loja de brinquedos, preciso de um presente. — ela disse, segurando a mão do Théo, o levando de volta para a loja.

Assim que chegamos em casa, a Betina correu para o seu quarto para pegar tudo o que iria levar, já que o Enrico passaria para buscá-los em alguns minutos. Levei o Théo até o banheiro, depois de convencê-lo a soltar o carro por alguns minutos. Dei seu banho e o arrumei.

Enquanto ele brincava na minha cama, arrumei sua mochila com algumas peças de roupas, fraldas, toalha e tudo o que a Betina precisaria para cuidar dele. Fui até o quarto da minha amiga e a ajudei com algumas coisas ou eles se atrasariam muito.

Pouco tempo depois, o Enrico chegou e eu me despedi do meu pequeno com lágrimas nos olhos. Depois de muitos abraços de despedida, entrei em casa e liguei o som para manter a minha mente ocupada.

Fui até a cozinha, limpei algumas coisas e aproveitei para fazer o jantar. Optei por fazer uma pizza, estava com vontade de comer. Então peguei o meu celular e segui toda a receita através de um vídeo.

Enquanto a pizza assava, tomei um banho rápido e coloquei um pijama leve e confortável. Assim que descí, notei que a pizza estava pronta. Me servi de uma fatia e coloquei o que tinha sobrado do vinho.

Liguei a televisão e coloquei a primeira comédia romântica que encontrei, me sentindo mais leve enquanto assistia e não pensei muito em todo o drama que me afligia.

Depois que terminei de comer, levei o prato até a cozinha e enquanto

o lavava, a campainha tocou. Fui até a sala e olhei pelo olho mágico, percebendo que quem estava atrás da porta era o Rafael.

Abri a porta e ele me cumprimentou com um beijo.

— Oi, meu amor. — ele disse com um sorriso fraco.

— Oi, não pensei que fosse aparecer.

— Eu estava com saudades, onde está o Théo?

— Saiu com a Betina e com o Enrico. Foram para o aniversário da sobrinha dele, na cidade vizinha.

— Ah, tinha me esquecido disso. Será que podemos conversar? — ele perguntou e eu assenti. Fechei a porta e deixei ele me conduzir até o sofá. Nos sentamos em frente um ao outro e ele perguntou:

— Te deixei chateada de novo, não foi?

— Sim e eu me sinto estúpida por me sentir assim. — falei, um pouco frustrada.

— Não fala assim, meu amor. Você é uma pessoa incrível e eu sinto muito que eu tenha feito você se sentir assim. Um dos motivos de eu ter ficado durante a tarde no hospital, foi para conversar com o seu pai sobre a Mércia. E uma coisa que não contei a você, foi que na noite em que fiquei com ela, a Mércia não falou sobre outra coisa a não ser que deveríamos voltar. — ele revelou e eu fiquei surpresa com aquilo.

— E o que você disse a ela? — perguntei ansiosa.

— Eu disse a ela que o que aconteceu entre nós dois foi especial enquanto durou, mas que nós não voltaríamos e que ela precisava superar isso de algum jeito.

— E como ela reagiu?

— Ela ficou constrangida com a situação, mas durante boa parte da noite ela me lembrou de momentos que vivemos juntos. Por isso quando a mãe dela ligou, eu presumi o pior e fui até lá.

— Você acha que ela seria capaz de algo assim? — questionei, já que devido a personalidade da Mércia, ela não me parecia o tipo de pessoa que faria algo desse tipo.

— Nesse momento, eu não sei, mas preferi não arriscar. Conversei com o seu pai sobre isso e sugeri que a Mércia fizesse terapia. Nós procuramos por um terapeuta no hospital e conversamos com ele por algumas horas e quando seu pai saiu para conversar com a Sônia, ficamos apenas eu e o terapeuta e eu falei com ele sobre você.

— Sobre mim? — perguntei, confusa.

— Sim, acho que seria importante pra nós dois se fizéssemos terapia de casal. Eu sinto que nós precisamos disso. Passamos muito tempo longe um do outro e apesar de te amar tanto, eu tenho medo que isso interfira no nosso relacionamento mais pra frente. E além disso, depois de tudo o que você passou, meu amor, acho que uma terapia iria te fazer muito bem. O que você acha? — ele me questionou, com os olhos repletos de expectativas.

— Sinceramente, nunca pensei muito sobre isso, mas eu me sinto muito insegura em relação a nós dois. Me sinto emocionalmente com dezessete anos quando estou com você e isso me deixa muito confusa sobre como agir e até como eu devo me sentir. — falei, sentindo umas lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

— Você nunca me falou sobre isso e eu quero que saiba que nós podemos conversar sobre qualquer coisa, eu mais uma vez digo: Amo você. Você e o Théo são a razão da minha felicidade. Eu me sinto bem ao seu lado e eu quero que você se sinta do mesmo jeito. E se autoconhecer é primordial para se sentir bem. — ele disse e eu coloquei a mão em seu rosto e perguntei em um tom mais leve:

— Quando foi que você ficou tão experiente nesse assunto?

— Eu sou um homem muito observador, Lili. — ele disse, sorrindo

pra mim.

— Te amo muito. — falei e ele encostou seus lábios nos meus.

— Também te amo muito, nunca vou me cansar de dizer isso. —
então seus lábios tomaram os meus em um beijo delicado e cheio de carinho
e paixão.

E eu soube que tudo ficaria bem.

Epilogo

LÍLIAN

Algumas semanas depois...

O dia aniversário do Théo tinha finalmente chegado e o meu pequeno faria três anos. Com a ajuda da Betina e do Rafael, tínhamos montado uma pequena festa no quintal de casa.

Inicialmente eu tinha pensado em algo na creche, com os amiguinhos dele, mas depois que lembrei que só poderíamos ir eu e o Rafael pra lá e que teria que ser algo rápido, eu mudei de ideia.

O tema da festa era Dinossauros. O Théo tinha escolhido, então para decorar sua festa tinha desde balões temáticos a um bolo com mini dinossauros sobre ele.

Além do Enrico, do Jean e da Denise - tínhamos nos encontrado fazia alguns dias, quando descobri que ela estava de volta à cidade - eu tinha convidado a professora do Théo, a Ana e seus coleguinhas de classe.

Muita coisa tinha mudado nos últimos dias. Desde a nossa última conversa, eu e o Rafael nos encontrávamos no melhor momento da nossa

relação, tanto que decidimos após uma longa conversa, que deveríamos morar juntos.

O Rafael insistiu para que fôssemos pra casa dele e apesar de achar aquele lugar incrível, eu queria criar memórias com o Théo na casa em que cresci e depois que ele entendeu isso, trouxe suas coisas pra minha casa.

A Betina super apoiou a ideia de mim e o Rafael morarmos juntos e apesar de amar viver comigo e com o Théo, ela optou por alugar um apartamento próximo à minha casa para morar sozinha pela primeira vez em sua vida. Não que ela ficasse sozinha naquele apartamento, já que o Enrico estava sempre por lá, mas sei que aquele era um grande passo pra ela.

Peguei os picolés na geladeira e estava levando para as crianças que já tinham chegado no quintal, quando a campainha tocou. Eu estava com as mãos ocupadas e não poderia abrir, então gritei:

— Alguém atende a porta, por favor!

— Eu atendo, futura designer! — escutei o Enrico gritar de longe, já que agora ele só ele me chamava assim.

Alguns dias atrás eu tinha me matriculado para começar a fazer um curso técnico de Design gráfico. Já tinha tido algumas aulas e estava amando tudo o que estava aprendendo. O Rafael foi uma das pessoas que mais me incentivou a fazer o curso quando viu que era uma área que eu gostava e que além do mais, era uma oportunidade de trabalharmos juntos futuramente.

Passei pela porta até o quintal e logo as crianças vieram buscar o picolé, inclusive o Théo que estava com sua roupinha de *dinossauro*, como ele mesmo dizia.

Beijei sua bochecha, coloquei a bandeja sobre uma das mesas e fui até o meu amado, na churrasqueira. Abracei-o por trás mesmo e perguntei:

— O seu pai deu notícias?

Ele parou de mexer nas carnes, virou-se pra mim, beijou a minha testa

e disse:

— Ele me ligou faz alguns minutos, disse que está a caminho e que não avisou antes porque não tem o costume de usar o celular.

— Que bom que ele ligou, já estava começando a ficar preocupada.

— Eu também. Seu pai já chegou?

— Ainda não, mas ele disse que vem. — falei e o Rafael me abraçou, acariciando as minhas costas.

A minha relação com o meu pai tinha mudado um pouco com todos os acontecimentos, principalmente porque a Sônia não queria me ver na casa dela e para não causar nenhum constrangimento ao meu pai, eu evitava ir até lá. Mas sempre que possível, nos encontrávamos para tomar o café da manhã juntos no parque, onde conversamos sobre o que de novo estava acontecendo nas nossas vidas ou simplesmente apreciávamos a tranquilidade da natureza.

Me afastei do meu amado quando vi que tinha mais pessoas chegando e que entre elas, estava o meu pai. O cumprimentei com um abraço e ele disse:

— Oi, minha filha. Onde está o meu neto? Quero ver se ele vai gostar do que comprei pra ele. — lhe dei um sorriso e procurei pelo Théo dentre as outras crianças.

Chamei o meu filho, que correu gritando:

— Vovô!

Meu pai o pegou no colo e eu os deixei conversando, enquanto eu entrava em casa para buscar mais picolés, já que o tempo estava quente.

Encontrei a Betina no meio do caminho e ela não estava sozinha.

— Jana! Só assim pra você aparecer, não é? Que saudade de você! — falei, lhe dando um abraço apertado.

— Praticamente fui buscar ela lá, Lili. Você não tem ideia! — Betina disse e levou um leve tapa da Tia, que disse:

— Exagerada! — virou pra mim, segurou minhas duas mãos e falou:
— Eu queria ter vindo antes, estava com muitas saudades de vocês, mas se eu me ausento da pensão aquilo desanda e você sabe bem!

— Sei sim, é tão bom tê-la aqui. — falei, abraçando-a novamente.

Ficamos conversando mais um pouco, até o Théo aparecer e roubar toda a atenção pra ele.

E toda a tarde se seguiu assim, com muita música e brincadeiras. Quando já estava anoitecendo, cantamos os parabéns e celebramos mais um dia de vida do meu pequeno.

No dia seguinte acordamos bem tarde. Eu estava exausta, já que tinha limpado toda a bagunça ontem mesmo, mas meu filho parecia estar bem descansado e animado para abrir todos os seus presentes, por isso, depois de duas tentativas para fazê-lo dormir, sem sucesso, me levantei com ele no colo.

O Rafael também acordou, me deu um beijo de bom dia e disse que prepararia o nosso café da manhã.

Enquanto eu escovava os dentes do Théo, ele disse:

— O *Andé* vai *ganhá* um *imãozinho*.

— É mesmo? Que legal, meu filho! Ele vai ser um irmão mais velho agora. — falei e ele assentiu.

— Théo vai *ganhá tabem*? — ele perguntou, com uma carinha fofa.

— Ainda não, tudo bem? Quando você for ganhar, a mamãe te conta.
— falei beijando a testa dele e ele disse:

— Puxa vida. — descendo de seu banquinho. Essa era sua nova frase favorita.

Desci com ele e encontramos o Rafael na cozinha, enquanto meu filho comia suas torradas, eu fui até o meu amado no balcão e contei a ele.

— Seu filho acabou de me perguntar se ele vai ganhar um

irmãozinho.

O Rafael congelou com a xícara que levaria à sua boca no meio do caminho, a colocou sobre o balcão novamente e me perguntou:

— Essa é à sua maneira de me contar que está grávida?

— Claro que não, seu bobo! — falei, empurrando-o levemente enquanto ele me abraçava — Sem mais filhos por agora.

— Mas nem mais unzinho? — ele disse com uma carinha igual a do Théo.

— Só mais um, mas não agora.

— Você sabe que eu e o meu irmão temos idades próximas e que isso nos ajudou a criar um laço de irmãos muito mais forte.

— Não vem com esse papo, Rafael. Você não vai me convencer! — falei, me afastando dele, mas ele me segurou novamente, beijando meu pescoço.

— Sabe que posso te convencer de outras maneiras.

— Você até pode, mas não vai. — o avisei.

— Não me custa tentar, vamos sair hoje à noite? O Enrico e a Betina querem levar o Théo ao cinema.

— Por mim tudo bem, vou lá em cima buscar o meu celular. — falei, saindo da cozinha e no corredor, senti o Lou passar por entre minhas pernas, ronronando e escutei o Rafael falar para o Théo “*É garotão, a gente tentou.*” Percebi que toda a conversa com o meu filho essa manhã tinha sido orquestrada pelo pai dele. Dei uma risada leve ao constatar isso, pois desde que tínhamos começado na terapia, vínhamos conversando sobre ter mais filhos, planos para o futuro que o Rafael adoraria que se tornassem presentes.

--

Mais tarde naquele dia, saímos juntos da casa da Betina depois de deixar o Théo com eles e eu estranhei o fato de não ter um carro nos

esperando.

— Você não disse que ia pedir o motorista de aplicativo? — perguntei, um pouco confusa.

— Eu ia, mas percebi que o lugar pra onde vamos não é tão longe assim. Vamos andando mesmo. — ele disse, entrelaçando seus dedos nos meus.

Começamos a caminhar e o Rafael me surpreendeu ao me levar até o seu antigo estúdio. Assim que entramos naquele espaço que eu pensava estar abandonado, visualizei algumas poucas luzes iluminando o ambiente e fotos nossas. Muitas dessas tiradas no decorrer das últimas semanas, mas o que me deixou completamente surpresa, foi ver fotos da nossa primeira noite juntos, da noite em que nos conhecemos e nos amamos tão intensamente. Da noite que mudou tudo e que nos uniu para sempre.

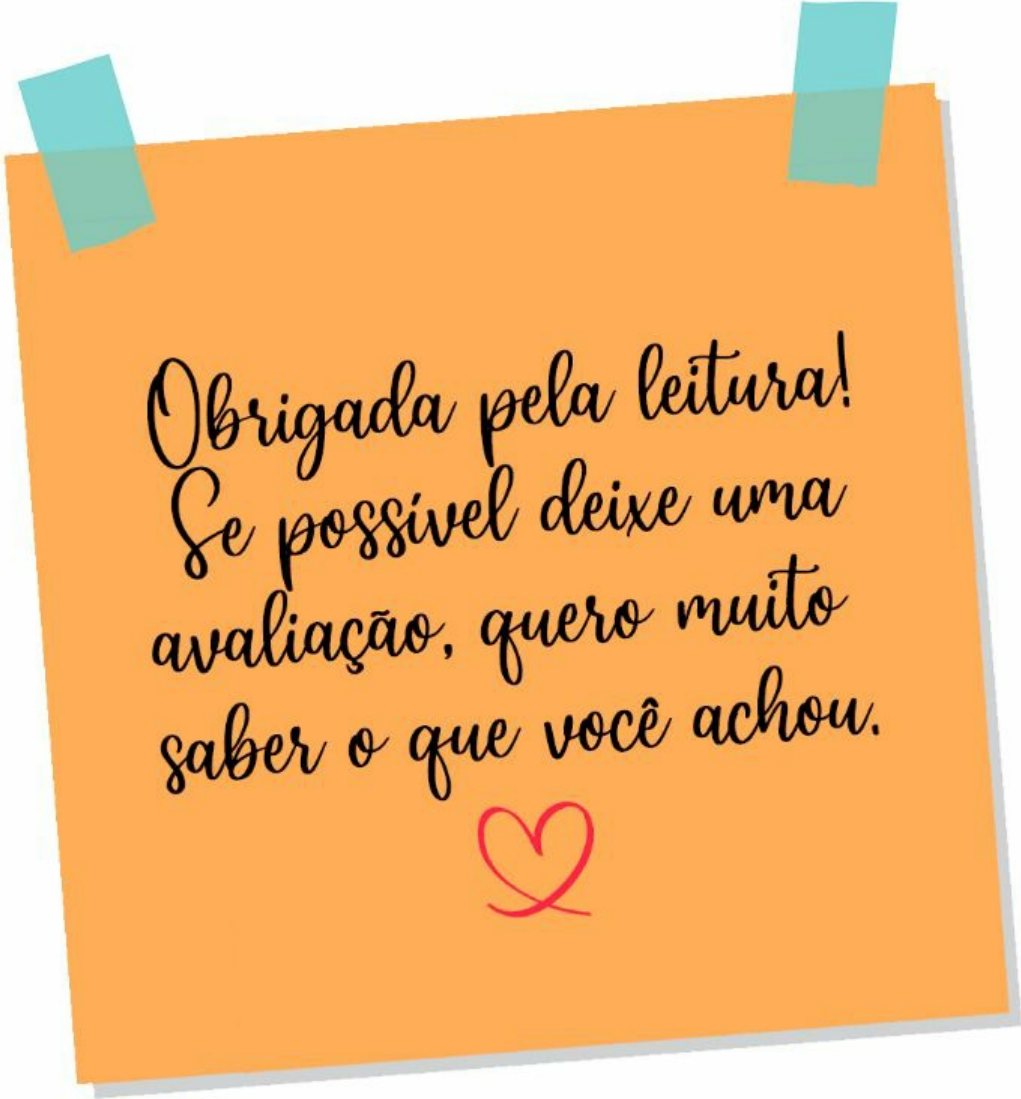
Me virei para encará-lo, completamente perplexa e o encontrei de joelhos, segurando um singelo anel entre seus dedos.

Meus olhos começaram a transbordar e eu fiquei completamente sem fala. Levei minhas mãos ao rosto sem tirar os olhos dele.

— Venho pensando em como eu deveria fazer esse pedido há algum tempo, mas nenhum lugar parecia certo até eu passar por essa rua dias atrás. Esse era o lugar perfeito, afinal foi aqui que eu me apaixonei por você — ele começou a falar e algumas lágrimas escorreram em seu rosto — Não sei se foram esses olhos sedutores ou esse sorriso encantador que me levaram a você naquela noite, mas eu precisava falar com você. Algo me puxava até você e eu nunca vou saber explicar exatamente o que foi, mas eu sabia que precisava estar com você. Não foi à toa que eu te trouxe até aqui e nós fizemos aquela noite durar até o amanhecer. Estar sem você fazia as coisas parecerem erradas, nada estava bom e eu demorei a perceber que era por você não estar aqui. Te reencontrar foi como voltar a respirar, fez tudo se encaixar

perfeitamente em seu lugar. Eu amo você e amo a família que estamos construindo e se você desejar, quero o amanhecer e o anoitecer ao seu lado todos os dias do resto da minha vida. Quer casar comigo? — ele perguntou, se levantando e se aproximando de mim.

— Nada me faria mais feliz do que passar todos os dias do resto da minha vida ao seu lado. — respondi e nossos lábios se encontraram, trazendo à tona toda a paixão que existia entre nós. Tudo parecia exatamente certo.

An orange rectangular sticky note is pinned to a white background with two teal-colored paper clips at the top corners. The note is slightly tilted and has a soft drop shadow.

Obrigada pela leitura!
Se possível deixe uma
avaliação, quero muito
saber o que você achou.



Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado inspiração para criar essa história e forças para continua-la escrevendo independente de qualquer coisa, agradeço também a minha família por me dar tanto apoio durante essa minha caminhada como escritora.

Aos meus incríveis leitores, muito obrigada carinho, seja lendo as minhas histórias aqui ou no wattpad, saibam que vocês me impulsionam demais a continuar.

As leitoras betas, Lara Ferrari, Débora Albuquerque e Lidiane Souza, obrigada por todo o apoio que vocês me deram no decorrer da escrita, os comentários de vocês foram essenciais.

E por fim, obrigada a você que está lendo, espero que tenha gostado da LÍlian e do Rafael e da história que eles estão construindo juntos.

Sobre a autora

Mila Maia é geminiana, baiana, formada em Pedagogia e se tornou escritora para dar vida aos personagens que não saiam da sua cabeça. Apaixonada por livros, filmes e séries, escreveu o primeiro romance em 2016 e desde então nunca mais parou. Autora de alguns livros e contos publicados na Amazon e no Wattpad.

[Facebook](#) / [Instagram](#) / [E-mail](#) / [Wattpad](#) / [Twitter](#)

Leia também

- ↗ [Mais uma chance para o amor – Trilogia chances – I](#)
- ↗ [Uma nova chance ao amor – Trilogia Chances – II](#)
- ↗ [Uma chance para recomeçar – um conto da Trilogia Chances](#)
- ↗ [Outra chance ao amor – Trilogia Chances – III](#)
- ↗ [Um natal da família Sullivan – um conto da Trilogia Chances](#)
- ↗ [Apenas um olhar](#)
- ↗ [Apenas fique](#)
- ↗ [Me ame outra vez](#)
- ↗ [Box - Trilogia Chances](#)
- ↗ [Não foi por acaso](#)
- ↗ [Aconteceu no verão – Série Estações – Livro 1](#)
- ↗ [Neros](#)
- ↗ [Cartas para mamãe](#)
- ↗ [Um doce reencontro](#)
- ↗ [Tinha que ser você](#)
- ↗ [Parte de mim](#)
- ↗ [Just Friends](#)

-  [Gabi e Edu – Um conto de natal](#)
-  [Minha estrela](#)
-  [Duplamente amor](#)
-  [Por trás das cenas](#)
-  [A babá dos meus filhos](#)
-  [Meu namorado de mentirinha](#)

Créditos

Copyright 2020 © Mila Maia

Capa e diagramação:

Mila Maia

Revisão:

Elaine C.

Imagens:

AdobeStock / Freepik

Está é uma obra fictícia. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizado em quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Edição digital / Criado no Brasil.